

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

GILIANDRA APARECIDA DA CRUZ WEISSHAAR

**O DISCURSO SOBRE A CIÊNCIA NO CRONOTOPO PANDÊMICO: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CURITIBA

2023

GILIANDRA APARECIDA DA CRUZ WEISSHAAR

**O DISCURSO SOBRE A CIÊNCIA NO CRONOTOPO PANDÊMICO: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA**

The Discourse about Science in the pandemic chronotope: a dialogical analysys

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para qualificação no Programa de mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nívea Rohling.

Co-orientador: Prof. Dr. Evandro de Melo Catelan

CURITIBA

2023



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba



GILIANDRA APARECIDA DA CRUZ WEISSHAAR

O DISCURSO SOBRE A CIÊNCIA NO CRONOTOPO PANDÊMICO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação 06 de março de 2023

Profa. Dra. Adriana Cabral Dos Santos, Doutorado - UTFPR
Prof. Dr. Evandro De Melo Catelan, Doutorado Presidente - UTFPR
Prof. Dr. Neil Armstrong Franco De Oliveira, Doutorado - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 06/03/2023

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Simone, (*in memoriam*) que me ensinou a trilhar o caminho da educação, da persistência, da força e do bom humor que me trouxeram até aqui.

Ao meu companheiro Daniel, que me incentivou, me apoiou e contribuiu com paciência, amparo e amor para que eu pudesse realizar essa missão.

Às minhas amigas de infância e aos meus amigos de graduação e mestrado que cederam espaço de escuta e compartilharam as delícias e as dores desse processo.

À minha orientadora pela oportunidade e direcionamento na construção da pesquisa.

E principalmente,

À escola pública e a universidade pública que me formaram enquanto cidadã, profissional e humana.

Obrigada.

RESUMO

Nos últimos dois anos vivenciamos o espaço-tempo da pandemia, o cronotopo pandêmico, e nesse cronotopo sabemos que um dos principais discursos constantemente tematizados nos diálogos foi o discurso sobre a ciência. Esse discurso recebeu grande atenção da esfera pública, foi incessantemente realizado, divulgado e compartilhado nas redes sociais. Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar os discursos que emergiram sobre a ciência no cronotopo pandêmico nas redes sociais. Do mesmo modo, os objetivos específicos da presente pesquisa são os seguintes: a) Analisar o caráter valorativo desses enunciados sobre a esfera ideológica da ciência, principalmente, a questão da valoração desse discurso. b) Investigar e analisar como esses discursos também são conflitantes e contraditórios uma vez que são produzidos por sujeitos de distintas posições ideológicas. c) Investigar como os sujeitos do cronotopo pandêmico são evidenciados por essas produções discursivas. Para o desenvolvimento da pesquisa situamos-a no campo teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nos escritos do Círculo de Bakhtin. Assim, tecemos a pesquisa com base nos preceitos da ADD com base em Acosta Pereira (2020a; 2020b), Brait (2014;2020), Paula (2013) e Rohling (2014; 2020) e nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin: BAKHTIN, (1997); BAKHTIN (2003); BAKHTIN (2002;2010) [1963]; BAKHTIN, 2018 [1975]; VOLOCHÍNOV, 2018 [1929]; VOLOSHINOV, (2013). Nesse aporte teórico os principais conceitos abordados são o de discurso e enunciado, ideologia e valoração, e cronotopo. Para a abordagem sobre deslocamentos de concepções sobre a ciência, são abordados os teóricos Boaventura de Souza Santos (1978,1989, 2008) e Mikhail Bakhtin (2017) [1975]. Os dados obtidos para a análise foram coletados nas redes sociais Twitter e Instagram. Com a relação de dados observou-se a emergência de regularidades discursivas que colocam em evidência diferentes posições de poder sobre o discurso da ciência. As regularidades são as contraposições entre o discurso da ciência e o discurso da pós-verdade, a hierarquia entre sujeitos cientistas e não cientistas e o embate entre as diferentes esferas científicas. A partir dessas regularidades observa-se as posições de diferentes sujeitos e os embates dialógicos travados nas redes sociais nesse cronotopo pandêmico sobre o discurso da ciência. Por fim, concluímos a presente pesquisa observando que o discurso sobre a ciência foi extremamente tensionado nesse cronotopo pandêmico, diversas posições de diferentes sujeitos expressaram uma disputa de vozes, de sentidos, sobre o discurso da ciência nesse tempo, dessa forma reiteramos o campo do discurso como espaço de embates tensionamentos ininterrupto de sentidos.

Palavras-chave: análise dialógica; ciência; cronotopo pandêmico; discurso; enunciado.

ABSTRACT

In the last two years we have experienced the space-time of the pandemic, the pandemic chronotope, and in this chronotope we know that one of the main discourses, constantly thematized in dialogues was the discourse on science. This speech received great attention from the public sphere, was incessantly carried out, disseminated and shared in digital media. In view of this, the present research had the general objective of analyzing the discourses that emerged about science in the pandemic chronotope in digital media. Likewise, the specific objectives of this research are the following: a) To analyze the evaluative character of these statements about the ideological sphere of science, mainly, the question of the valuation of this discourse. b) Investigate and analyze how these discourses are also conflicting and contradictory since they are produced by subjects from different ideological positions. c) Investigate how the subjects of the pandemic chronotope are evidenced by these discursive productions. For the development of the research, we place it in the theoretical field of Dialogical Discourse Analysis (DDA), based on the writings of the Bakhtin Circle. Thus, we weave the research based on the precepts of ADD based on Acosta Pereira (2020a; 2020b), Brait (2014;2020), Paula (2013) and Rohling (2014; 2020) and on the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle: BAKHTIN , (1997); BAKHTIN (2003); BAKHTIN (2002;2010) [1963]; BAKHTIN, 2018 [1975]; VOLOCHÍNOV, 2018 [1929]; VOLOSHINOV, (2013). In this theoretical framework, the main concepts addressed are discourse and statement, ideology and valuation, and chronotope. For the approach on displacements of conceptions about science, theorists Boaventura de Souza Santos (1978,1989, 2008) and Mikhail Bakhtin (2017) [1975] are approached. The data obtained for the analysis were collected from Twitter and Instagram digital media. With the data relation, it was observed the emergence of discursive regularities that highlight different positions of power over the discourse of science. The regularities are the contrasts between the discourse of science and the discourse of post-truth, the hierarchy between scientific and non-scientific subjects and also the clash between the different scientific spheres. From these regularities, the positions of different subjects and the dialogical clashes fought in the media in this pandemic chronotope on the discourse of science are observed. Finally, we conclude this research by noting that the discourse about science was extremely tense in this pandemic chronotope, several positions of different subjects expressed a dispute of voices, of meanings, about the discourse of science at that time, and in this way we reiterate the field of discourse as a space for uninterrupted clashes and tensioning of meanings.

Keywords: dialogic analysis; science; pandemic chronotope; speech; statement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistema de busca <i>Instagram</i>	44
Figura 2- Busca avançada no <i>Twitter</i>	45
Figura 3 - Busca avançada filtro do engajamento	45
Figura 4 - Busca avançada filtro datas	46
Figura 05 - T1.....	71
Figura 06 - T2.....	73
Figura 07 - T3.....	75
Figura 08 – I1	78
Figura 09 – I2	80
Figura 10 – I3	81
Figura 11 – I4	82
Figura 12 – I5	82
Figura 13 -I6.....	83
Figura 14 - T4.....	85
Figura 15 - T5.....	87
Figura 16 – T6.....	91
Figura 17 – T7	93
Figura 18-T8.....	93
Figura 19 – T9	94
Figura 20– T10.....	95
Figura 21 – T11	95
Figura 22 – T12	95
Figura 23 – I7	100
Figura 24 – I8	101
Figura 25 – I9	101
Figura 26 – I10	103
Figura 27 – I11	103
Figura 28 – I12	104
Figura 29 – T13.....	111

Figura 30 – T14	112
Figura 31 – T15	112
Figura 32 – T16	113
Figura 33 – T17	113
Figura 34 – T18	115
Figura 35 -T19.....	116
Figura 36– T20	118
Figura 37 – T21	119
Figura 38 – I13	123
Figura 39 – I14	124
Figura 40– I15	124
Figura 41– I16	124
Figura 42– T22.....	125
Figura 43– T23.....	128
Figura 44 – T24	129
Figura 45 – T25	130
Figura 46 – T26	131
Figura 47– T27	131
Figura 48 – T28	132
Figura 49 – T29	132
Figura 50 -T30.....	133
Figura 51– I17	135
Figura 52 - I18.....	135
Figura 53 -I19.....	136
Figura 54 -I20	136
Figura 55 - I21	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Legenda para organização dos dados das redes sociais sociais.....	47
Tabela 2 - Dados de Pesquisa	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	19
2.1.1 DISCURSO E ENUNCIADO	24
2.1.2 IDEOLOGIA E VALORAÇÃO	30
2.1.3 CRONOTOPO	35
3 PERCURSO METODOLÓGICO	40
3.1 O QUE É FAZER PESQUISA NA ADD?	40
3.2 GERAÇÃO DE DADOS	43
3.3 DESCRIÇÃO DOS DADOS	46
4 TEMPORALIDADES DA CIÊNCIA	52
4.1 A GRANDE TEMPORALIDADE DOS DISCURSOS SOBRE A CIÊNCIA	52
4.2 A CIÊNCIA BRASILEIRA: ENTRE O AVANÇO E O RETROCESSO	59
5 O CRONOTOPO PANDÊMICO: A PEQUENA TEMPORALIDADE DOS DISCURSOS SOBRE A CIÊNCIA	67
5.1 OS TENSIONAMENTOS EM TORNO DA ‘VERDADE’ SOBRE A ESFERA CIENTÍFICA	67
5.2 OS EMBATES DIALÓGICOS EM TORNO DA CIÊNCIA: CONTRAPOSIÇÕES, VALORAÇÃO E DISCURSOS JÁ DITOS	77
5.2.1 A REIVINDICAÇÃO DA POSIÇÃO DO SUJEITO CIENTISTA	91
5.2.2 AS REDES SOCIAIS COMO POTENCIALIZADORAS DOS TENSIONAMENTOS DISCURSIVOS	108
5.2.3 O RETORNO DO RECALCADO: A DISPUTA ENTRE OS CAMPOS DO SABER	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está integrada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, ancorada na linha de *Multiletramentos, discurso e processos de produção de sentidos*. A construção dessa pesquisa tem relação com um acontecimento histórico vivenciado coletivamente nos últimos dois anos: a pandemia de COVID-19, deflagrada no início de 2020, na China. É sabido que o acontecimento da pandemia impactou de diversas e incomensuráveis maneiras todo o globo. Todo canto do mundo e todo sujeito, situado no contexto inescapável da realidade pandêmica, foi afetado de certa maneira.

É certo que no cronotopo pandêmico¹, uma das áreas que pôde indicar perspectivas e contribuir para estabilizar, relativamente, novos sentidos sobre esse tempo e espaço caótico, instaurado pelo vírus da COVID-19, foi a área científica. Desde as primeiras notícias sobre o novo vírus que já circulavam no meio social da cidade de Wuhan, na China, passando pelo momento da declaração oficial da pandemia, emitida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março 2020, e posteriormente, no decorrer dos dois primeiros anos de pandemia, em 2020 e 2021, as atenções foram constantes sobre a esfera da ciência.

Contudo, é fundamental ressaltar que, apesar da esfera científica ter recebido atenção diária, ter estado em evidência nas mídias convencionais, como rádio e televisão, bem como nas mídias digitais² e redes sociais sobre atenção dos mais variados sujeitos, os saberes (discursos) produzidos por ela, e que apontam novos sentidos para o cronotopo pandêmico, não foram compreendidos da mesma maneira pela coletividade.

Isso se deve ao fato de que, na mesma medida em que houve um intenso trabalho da produção científica, houve também uma produção e circulação diária do discurso negacionista, anticiência, pseudocientífico, que foi compartilhado e encorpado pelas esferas midiáticas. Obviamente, esse conflito entre visões, provocado pelo discurso

¹ O conceito de cronotopo, para Bakhtin, é o que se compreende como noção de tempo-espaço. O cronotopo pandêmico é o tempo-espaço da pandemia, essa noção é aprofundada no capítulo 2.

² Apesar do termo mídias digitais e redes sociais comumente serem usados como sinônimos é pertinente esclarecer que não descrevem exatamente a mesma coisa. Enquanto as mídias digitais englobam uma ampla gama de plataformas e ferramentas que permitem a criação e distribuição de conteúdo digital, as redes sociais são um tipo específico de mídia social que se concentra na interação social e na criação de comunidades online.

científico, existe há muito no curso da história. Porém, diante do tempo da pandemia, é corroborado, tensionado.

Assim, as produções discursivas sobre a ciência, no espaço-tempo pandêmico, evidenciaram os embates dialógicos travados entre os discursos produzidos pelos diversos sujeitos situados nesse cronotopo, como os cientistas, sujeitos de diversas camadas da sociedade, figuras públicas, da área política, dentre outros.

Sendo assim, nessa complexa arena discursiva, consideramos pertinente a realização da presente pesquisa, ancorada dentro das ciências da linguagem. Afinal, a linguagem é o fenômeno pelo qual produzimos, interpretamos e damos sentido à realidade. Por isso, o tema desta pesquisa é a investigação do discurso, ou, os discursos sobre a ciência no espaço-tempo pandêmico.

Nas linhas a seguir é apresentado o detalhamento da pesquisa, nele elencamos os objetivos gerais e específicos, a justificativa, a delimitação do tema, bem como a organização dos capítulos teórico-metodológicos e da análise dos dados.

O **objetivo geral** desta pesquisa foi analisar os discursos que emergiram sobre a ciência no cronotopo pandêmico em redes sociais. Já os objetivos específicos foram os seguintes: a) Analisar o caráter valorativo desses enunciados sobre a esfera ideológica da ciência, principalmente, a questão da valoração desse discurso. b) Investigar e analisar como esses discursos também são conflitantes e contraditórios uma vez que são produzidos por sujeitos de distintas posições ideológicas. c) Investigar como os sujeitos do cronotopo pandêmico são evidenciados por essas produções discursivas.

Como justificativa, a presente pesquisa se deu inicialmente pela relevância do tema no recente contexto sócio-histórico mundial. Diante da realidade pandêmica e da incerteza sobre o novo vírus que afligiu o mundo, principalmente em 2020 e 2021, a principal ação foi recorrer à ciência para buscar respostas, informações, certezas que auxiliassem no enfrentamento dessa doença, afinal, diante da gravidade da pandemia, a manutenção do bem-estar social, a vida da população dependeu estritamente da esfera científica. Sendo assim, a atenção pública que a ciência recebeu nesse tempo foi estrondosa.

É possível dizer que a temática sobre a ciência nos discursos nunca foi tão acentuada nas práticas discursivas cotidianas e da mídia jornalística, conforme os dias

pandêmicos evoluíam a tematização da ciência nas diversas esferas da vida e do discurso tornou-se predominante. Foi intensa a tematização da ciência nos discursos recorrentes nas redes sociais nesse tempo pandêmico, uma vez que sabemos que a esfera científica é dotada de certo status de veracidade e autoridade, sendo o discurso científico também tido, muitas vezes, como um discurso autoritário.

Apesar de a ciência depender do endosso social, inclusive para manter seu status de autoridade, é possível dizer que conservou, em grande parte da história, uma posição distante, hierárquica do endosso social, devido a questões econômicas, culturais, políticas e sociais, principalmente. Porém, na história recente de globalização e midiaticização, e diante da conjuntura ocasionada pela pandemia, a população passou a experienciar uma maior proximidade com a esfera científica.

Sobre esse tema, o artigo de Marcelo Garcia, Simone Evangelista Cunha e Thaiane Oliveira (2021), intitulado 'Regimes de verdade na pandemia de Covid-19: discursos científicos e desinformativos em disputa no Youtube', reflete que no período pandêmico, os:

Estudos e evidências científicas dependem ainda mais intensamente do endosso social e, por conseguinte, da capacidade argumentativa, para ganharem estatuto de verdade, em meio a uma pluralidade conflitual de definições de risco com origens institucionais distintas (GARCIA; CUNHA; OLIVEIRA, p.108, 2021)

Desse modo, os cientistas das áreas que envolviam principalmente a saúde passaram a ocupar espaços nas redes sociais, nos jornais, nos programas de televisão e nas redes sociais. Diariamente, e em mais de um momento ao longo do dia, era possível ter acesso às informações sobre a situação da pandemia e do novo coronavírus. Alcançaram especial notoriedade popular estudiosos que antes, apenas esporadicamente tomavam conhecimento público, como infectologistas, virologistas, microbiólogos e biomédicos. Esses especialistas em saúde ganharam espaço nas redes sociais com o intuito de informar a população sobre o andamento da pandemia, sobre as descobertas e as orientações frente a essa nova realidade. Do mesmo modo, ganharam notoriedade os perfis em redes sociais dos especialistas que interagiram diretamente com o público para tirar dúvidas e informar a população sobre as medidas de biossegurança requeridas na pandemia.

A proximidade da ciência com o meio social mais amplo ocorreu também no sentido de acesso à informação, uma vez que o público acompanhou detalhes sobre descobertas acerca do vírus explicadas pelos próprios pesquisadores, obteve informações acerca do desenvolvimento das pesquisas e acompanhou resultados das pesquisas científicas em tempo recorde expostos nas mídias.

Na mesma conjuntura dessa proximidade, o público também acompanhou de perto as incertezas da ciência no enfrentamento da pandemia, característica inerente a ela, uma vez que está sempre em processo de mudança constante. Contudo, no meio social, as incertezas e contradições apontadas eram e são tidas como descredibilização da esfera científica. Cunha e Garcia também exemplificam a mesma circunstância no artigo 'O tempo do medo versus o tempo da ciência: disputas discursivas sobre a epidemia de vírus Zika e microcefalia no Brasil', segundo os autores:

Situações extremas e diversas como desastres naturais, ataques cibernéticos descentralizados ou epidemias de saúde pública exemplificam na prática as angústias e inseguranças que advêm das ambiguidades em torno do fazer científico. Luis David Castiel (1999) afirma que o conhecimento deixou de possuir a vinculação que possuía com os ideais deterministas; conhecer já não implica atingir certezas incondicionalmente estáveis. (CUNHA; GARCIA, 2019, p.96)

Dessa maneira, também conforme retratam os autores Garcia, Cunha e Oliveira (2021), diante desse cenário, outros sujeitos utilizam-se dessa circunstância para legitimar suas próprias narrativas acerca da ciência e da pandemia. São exemplos as teorias conspiratórias, o negacionismo científico e a pseudociência. Essa última, por sua vez, tem alguma base na própria ciência, uma vez que se utiliza de argumentos científicos reais para criar uma narrativa que possui teor científico, mas que é plenamente distorcida de qualquer cientificidade.

Contudo, já é sabido que, conforme Santos (1978), "a Ciência pode ser alternativamente analisada e (usada) como sistema de produção de conhecimentos ou como sistema de produção de ignorância. (SANTOS, p.44, 1978). Isto é, se por um lado a ciência nesse momento recebeu atenção descomunal, e sujeitos de diversas esferas endossaram o discurso sobre sua importância, bem como fomentaram a validação da autoridade científica frente à pandemia, no sentido oposto, também diversos outros sujeitos questionaram e invalidaram o discurso científico. De modo geral, o conflito entre

a ciência como status de autoridade de um lado, e como instância a ser questionada, colocada em xeque no discurso do cronotopo pandêmico, de outro, foi igualmente pertinente como justificativa para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Do mesmo modo, a construção dessa pesquisa sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso teve como intuito também fomentar a produção e construção de conhecimento sobre o objeto escolhido: o discurso sobre a ciência, tão caro à conjuntura da pandemia. Reiteramos a relevância do objeto delimitado, uma vez que propomos pensá-lo no espaço-tempo da pandemia, bem como investigar sobre os modos como são produzidos os discursos acerca dele, e quem são os sujeitos que estão produzindo esses discursos, assim como diante de quais perspectivas da ciência são produzidos.

Além da relevância do objeto de pesquisa, entendemos que é necessário suscitar o discurso como prática e produção de sentidos. Nesse sentido, a escolha teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso foi pertinente, tendo em vista que seu campo de análise são as relações dialógicas construídas discursivamente, entendendo essa construção como um produto das relações entre homem, linguagem e história. Assim, a pesquisa também foi significativa nesse sentido, pois ao observar as produções discursivas sobre a ciência propiciaram investigar as relações do sujeito com o momento histórico do cronotopo pandêmico.

O papel das redes sociais nesta pesquisa também foi de extrema relevância para o seu desenvolvimento, visto que vivemos na cibercultura³. Na cibercultura, e no uso dos aparatos das redes sociais, a distância entre interlocutores, entre sujeitos de diversas camadas sociais, esferas, culturas, posições político-ideológicas, é estreitada. Segundo Recuero (2014) as redes sociais são “as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações que constroem os grupos sociais” (RECUERO, 2014, p. 16) pois os sujeitos participam, comentam, respondem, se posicionam, têm acesso a incontáveis informações, conteúdos e notícias. Segundo a autora:

³ Para evidenciar o conceito de Cibercultura e Ciberespaço Pierre Lévy (1999) aponta: O termo [ciberespaço] específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (p. 17).

São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída. (RECUERO, 2014, p.17-18)

Nas redes sociais os sujeitos socializam, interagem, se organizam em grupos de interesses, produzem discursos, se sentem inseridos e requeridos a participar ativamente e diariamente dessas redes.

Nas redes sociais os sujeitos são participantes de um diálogo que abrange incontáveis vozes das diversas camadas e esferas da sociedade, como a política, a religião, a própria ciência, dentre tantos outros campos da vida cotidiana. Porém, para não cairmos nas garras de um positivismo cego sobre as redes sociais, resgatamos Rudiger (2013), que ao pensar a cibercultura enfatiza que ela:

[...] não é, como seus meios, intrinsecamente participatória e democrática, visto que nela se confrontam forças sociais de todos os tipos. Os coletivos progressistas e as subculturas se articulam mais e melhor agora, mas quem tem a hegemonia nos seus fluxos de informação e saber são as forças reacionárias e conservadoras. O fenômeno se articula conforme o ritmo e as circunstâncias de seus embates e confrontos. (RUDIGER, 2013, p.70)

Isto é, apesar das redes sociais oferecerem um espaço, em certa medida, mais democrático, de participação coletiva e social no debate público, ainda assim, a democracia não é o estado vigente e último desse lugar. Essas participações nas redes sociais, no horizonte da cibercultura, ainda estão atreladas às relações de poder. Dessa forma, resgatamos também as redes sociais como a noção de “praça pública”⁴ de Bakhtin. Para o autor, “praça pública” é o momento em que os homens, de diferentes posições sociais, se libertam das hierarquias de poder e podem se manifestar livremente no discurso e expressar seus pensamentos, desejos, emoções etc.

Por isso enfatizamos a extrema importância do papel das redes sociais nessa pesquisa, pois sabe-se que a participação dos sujeitos nas redes sociais é também atrelada a relações de poder, mas ao mesmo tempo as redes sociais são a “praça

⁴ A noção de “praça pública” é aprofundada no capítulo 5., na seção ‘.5.1.1 As redes sociais como potencializadoras dos tensionamentos’.

pública” contemporânea em que os sujeitos se manifestam diante dessas relações. As redes sociais são arenas de embates discursivos e de tensionamentos entre esses diversos participantes e as relações de poder que os permeiam, dessa forma, ressaltamos como um espaço profícuo de produção de sentidos a serem observados.

Assim, a delimitação do tema desta pesquisa consistiu em analisar enunciados que emergiram no cronotopo pandêmico sobre a ciência nas redes sociais *Twitter* e *Instagram*. A seleção dos enunciados foi feita no recorte do período pandêmico, isto é início de 2020 estendendo-se até início de 2022, e dentro das produções nas redes sociais indicadas. Os enunciados selecionados tinham como temática a esfera da ciência, os cientistas, as produções científicas, de um modo geral, enunciados que tematizavam questões sobre a ciência e a pandemia. Foram selecionados diversos enunciados realizados por diferentes sujeitos da esfera pública nesse cronotopo.

Selecionamos enunciados de sujeitos participantes da própria ciência, como os cientistas, divulgadores científicos, também foram elencados enunciados de figuras da política, do jornalismo, da cultura pop, influencers digitais, elencamos enunciados de perfis de organizações, empresas etc. Elencamos aqueles que receberam certo engajamento nas redes sociais, isso é, que mobilizaram o debate, o diálogo, o conflito e a contradição entre os interlocutores. Enfim, foram selecionados todos aqueles que de alguma maneira produziram sentidos relevantes sobre ciência.

No tocante ao desenvolvimento teórico-metodológico, esta pesquisa se situa no campo teórico da Análise do Discurso, mais precisamente na vertente da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nos escritos do Círculo de Bakhtin. Assim, tecemos a pesquisa nos preceitos da ADD com base em Acosta Pereira (2020a; 2020b), Brait (2014;2020), Paula (2013) e Rohling (2014; 2020) e nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin: BAKHTIN, (1997); BAKHTIN (2003); BAKHTIN (2002;2010) [1963]; BAKHTIN, 2018 [1975]; VOLOCHÍNOV, 2018 [1929]; VOLOSHINOV, (2013).

A organização da pesquisa foi desenvolvida em cinco capítulos. Neste primeiro, situamos o tema da investigação, bem como os objetivos e a justificativa da pesquisa. No segundo capítulo estão apresentados os conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin e da Análise Dialógica do Discurso. Vale destacar que a contribuição da teoria do Círculo de Bakhtin para os estudos da linguagem e do discurso é vasta e inesgotável, contudo, para

fins de delimitação de tema e corpus da pesquisa, selecionamos alguns conceitos pertinentes à proposta. Por isso, os conceitos bakhtinianos mobilizados neste estudo são o de discurso e enunciado, ideologia, valoração e de cronotopo.

No terceiro capítulo explanamos sobre os recursos metodológicos da pesquisa, reiterando aspectos sobre os modos de realizar a pesquisa em Análise Dialógica do Discurso, assim como o processo de geração e descrição da análise dos dados. No quarto capítulo, são apresentadas as concepções sobre a ciência, constituídas em uma temporalidade mais ampla como, por exemplo, a ciência positivista moderna, deslocamentos de concepções, dentre outros aspectos. Para tanto, tomamos como base os estudos de Boaventura de Souza Santos (1978, 1989, 2008) e Mikhail Bakhtin (2017) [1975]. Neste capítulo também revisitamos aspectos recentes acerca da ciência brasileira. Por fim, no quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados com enfoque na pequena temporalidade do cronotopo pandêmico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta conceitos fundantes da Análise Dialógica do Discurso e os pressupostos do Círculo de Bakhtin tendo em vista constituírem a base teórica que sustenta a análise proposta.

Desse modo, na primeira subseção, 2.1 Análise Dialógica do Discurso, retomamos as particularidades da vertente teórica da ADD e a sua fundamentação em relação a perspectiva bakhtiniana da linguagem, nas subseções seguintes retomamos os conceitos relevantes para a pesquisa também arquitetados pela obra do Círculo de Bakhtin, os conceitos são apresentados na subseção 2.1.1 Enunciado e Discurso; 2.1.2 Ideologia e Valoração; e 2.1.3 Cronotopo. Na sequência, perpassamos as diferentes obras do Círculo que tematizam esses conceitos, elencando assim as principais acepções sobre eles e que são pertinentes para a presente pesquisa.

2.1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Para iniciarmos o encaminhamento teórico da pesquisa, é relevante situarmos a Análise Dialógica do Discurso (ADD) em relação à elaboração teórica do Círculo de Bakhtin. O Círculo de Bakhtin é composto por Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medvedev, dentre as várias obras publicadas pelos autores são contempladas as áreas de conhecimento como a literatura, sociologia, e filosofia da linguagem, por exemplo. Sendo a última concebida como construção de uma filosofia da linguagem de base materialista marxista.

Essas áreas não são delimitadas em obras específicas, mas sim, perpassam todos os escritos desses autores, confluindo-se, e como aponta Luciane de Paula “dizer isso significa afirmar que, por um lado, ao mesmo tempo que existe uma unicidade nos escritos do Círculo; por outro, há também muitas leituras desses escritos nos diversos países onde foram traduzidos” (2013, p. 245). E conforme abordado pela autora, uma dessas leituras é o que foi denominado no Brasil como Análise Dialógica do Discurso.

Para compreendermos essa vertente dialógica do discurso, é necessário que conheçamos a produção do Círculo que orientou essa perspectiva epistemológica. Para os estudos linguísticos, o Círculo de Bakhtin construiu uma nova interpretação acerca

dos estudos sobre a língua e da linguagem. Para os teóricos, a linguagem não é um sistema abstrato de formas, referindo-se à concepção da linguística saussureana, assim como também não é um fenômeno psicológico dado aos indivíduos, mas concebem sim, a linguagem como um fenômeno de caráter social. Conforme afirma Volochínov (2018):

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo a interação discursiva é a realidade fundamental da língua (VOLOCHÍNOV, 2018, p.218-219)

É com base nessa concepção de linguagem como fenômeno social que se realiza na materialização da interação verbal entre os indivíduos, que a obra do Círculo de Bakhtin deu corpo aos seus estudos. Essa é a perspectiva geral sobre a linguagem que é esmiuçada nas diversas obras produzidas pelos teóricos. A compreensão da linguagem como acontecimento social é pormenorizada nas diferentes obras do Círculo, tendo como noções elementares as concepções de dialogismo, enunciado, ideologia, por exemplo. Sendo a noção de dialogismo a principal norteadora nos estudos da linguagem proposto por Bakhtin e na qual a ADD se ancora para estruturar-se como uma perspectiva de análise de enunciados de diferentes esferas sociocomunicativas.

A compreensão de dialogismo, ou da linguagem como intrinsecamente dialógica é abordada por Bakhtin a partir do conceito de relações dialógicas:

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância (BAKHTIN, 2002, p.53)

Isto é, o dialogismo, para o autor, é o aspecto fundante da linguagem, uma vez que compreende o dialogismo, não somente como o diálogo posto entre réplicas numa conversa, mas sim o diálogo em sentido amplo na linguagem e na vida, o diálogo dado entre sentidos. Dessa maneira, o dialogismo se concebe no campo extralinguístico, uma vez que, para o autor, a linguagem como sistema abstrato de regras, por si só não pode ser dialógica. Como enfatiza Bakhtin, “as relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico

(2002 [1963], p.199)". Contudo o autor também enfatiza que "as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria" (BAKHTIN, 2002 [1963], p.199).

O autor reitera, que sem os aspectos estruturais da língua não é possível que as relações dialógicas sejam concretizadas, porém, não é no abstrato da língua, no campo estritamente linguístico que essas relações se dão, mas sim, na materialização dada pelas interações verbais, no discurso. Para que as relações dialógicas sejam concebidas elas "devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas" (BAKHTIN, 2002 [1963], p.199).

É importante frisar que as relações dialógicas são possíveis não somente entre enunciados completos, mas sim nas diversas relações de sentido, sendo assim podem ser observadas também em outros aspectos das materializações linguísticas. Como por exemplo, em palavras isoladas no interior dos enunciados, desde que não sejam palavras impessoais da língua, conforme ratifica Bakhtin, mas sim "como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro" (BAKHTIN, 2002 [1963], p.200). O autor também enfatiza o dialogismo como uma "espécie de cosmovisão da linguagem" (BAKHTIN, 2002 [1963], p. 201), quando as relações dialógicas se dão entre dialetos e estilos de linguagem por exemplo, e entendidas como certas posições semânticas.

Ademais, as relações dialógicas não são somente observadas em interações verbais imediatas, mas sim em produções verbais distantes umas das outras, por exemplo, como Bakhtin reitera:

Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista etc.). (BAKHTIN, 1997, p.354)

Contudo, as reverberações do Círculo acerca da linguagem e sua natureza dialógica destacam uma das questões principais que observamos diante dessa concepção, a de que essas relações de sentido, que tomam de realidade a linguagem, não são neutras, harmoniosas ou passivas.

Segundo Bakhtin, “as palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico” (1997, p. 384). Isto é, as relações dialógicas não são relações harmoniosas entre os sentidos, essas relações se dão sempre diante de um confronto. Os sentidos estão vinculados uns aos outros, e assim como se assemelham, se percebem, também entram em conflito, tensionam-se uns aos outros, ininterruptamente. E assim evidenciam o discurso como uma arena de luta e confronto de vozes, sentidos, e é por esse tensionamento que as relações dialógicas dão vida à linguagem.

O discurso sobre a ciência, o qual observamos nesta pesquisa, é uma produção discursiva que foi extremamente tensionada e colocada em disputa por diversas vozes no cronotopo pandêmico. Diversos foram os sentidos disputados sobre esse discurso nesse tempo, os sentidos do que é a ciência, qual o papel dela na sociedade frente à crise sanitária, assim como a retomada dos já-ditos sobre a ciência, essas relações entre as produções discursivas do cronotopo e aos já ditos, são produções que colocam em evidência a natureza dialógica da linguagem, do discurso.

Assim, em termos gerais, é possível observar a natureza das relações dialógicas em toda materialidade linguística sígnica, em toda e qualquer esfera da atividade linguística humana, no trabalho, na vida cotidiana na ciência, e inclusive em outros sistemas de linguagem, como por exemplo, a arte.

A partir da noção de dialogismo, podemos compreender como a ADD se situa como teoria e metodologia de análise e interpretação diante das concepções do Círculo de Bakhtin. Segundo pesquisadores brasileiros da ADD Acosta Pereira e Brait (2020), essa concepção teórico-metodológica tem como perspectiva o estudo da língua e linguagem pela compreensão dialógica, sendo assim, o estudo das relações entre os enunciados, o dialogismo inerente a estes.

Dessa maneira, o foco da ADD é o estudo, a investigação, a análise das relações dialógicas que se dão na linguagem concretizada, materializada verbalmente pelos sujeitos nos diversos e determinados contextos sociais, isto é a realidade viva da linguagem. Assim, a análise dialógica do discurso não compreende a linguagem, apenas como um sistema linguístico desconexo dos indivíduos, mas tem como intuito investigar

a relação desses aspectos juntamente com o teor social da linguagem. O diálogo do ‘eu’ e do ‘outro’ produzidos socialmente, na historicidade.

É pertinente compreender que a ADD, ao investigar o discurso, não necessariamente ignora os aspectos estritamente linguísticos, mas os observa voltados às produções discursivas, nos processos de produção de sentido, em uso. Sendo assim, conforme reitera Rohling (2014):

[...] tal estudo caracteriza-se por uma análise semântica que leva em conta as relações extralinguísticas, históricas e concretas, que se materializam nos enunciados, com vistas a construir compreensões sobre os sentidos promovidos no bojo das relações dialógicas. (ROHLING, 2014, p.49)

Segundo Brait (2014), a ADD tende a “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate” (2014, p. 24). Isto é, não é a interpretação do discurso em si, mas o que por ele se revela, quais outros diálogos estão presentes nesse discurso que é do ‘eu’ e do ‘outro’ e quais os sentidos que são produzidos desse diálogo, quais sentidos entram em conflito nessa interação que dá vida ao embate dialógico.

A abordagem da ADD, apontada por Brait (2014), possui como intuito:

Observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinatória dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens. (BRAIT, 2014, p. 23)

Dessa forma, para que a ADD possa observar as produções discursivas e investigar as relações dialógicas dessas produções, o objeto principal na qual a metodologia se debruça é o enunciado. É por meio dos enunciados que se compreende principalmente a noção da linguagem e sua natureza dialógica, afinal somente pelos enunciados é que a linguagem se concretiza, e assim, concomitantemente é que se podem relacionar os seus sentidos com os sentidos também de outros enunciados. Sobre esse aspecto, Bakhtin (1997) pondera que “A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe. (1997, p.320)

E é a partir dessa relação que há a possibilidade da construção ininterrupta dos sentidos, do que concede vida ao discurso. Por isso, conforme explicitam Acosta Pereira e Brait (2020):

Em uma perspectiva sociológico-dialógica, portanto, a unidade de análise é o enunciado, unidade discursiva por excelência, envolvendo a situação social ampla (as condições sociais, históricas, culturais, políticas, etc.) e a situação imediata (os interlocutores e seus horizontes ideológico-valorativos) Ao estudar as formas e tipos de interação verbal, o pesquisador procura compreender a dimensão social, histórica e cultural para a qual a palavra-enunciado aponta, à qual pertence, refletindo-a e refratando-a. (ACOSTA PEREIRA e BRAIT, 2020, p.136)

Conforme discutido até aqui, é a análise do enunciado que possibilita a investigação das formas e dos tipos de interações verbais produzidas. É por meio dele que é possível observar tanto as condições imediatas de produção, quanto às condições históricas e sociais, os já ditos desvelados por ele. Da mesma maneira que o enunciado retoma esses já ditos histórico-sociais, ele também incita outras respostas, o enunciado é um elo com o que já foi dito e com o que virá a ser, o enunciado é o objeto dialógico por excelência de análise da ADD. Tendo em vista ser um conceito central de análise, a subseção a seguir apresenta um detalhamento dos aspectos constitutivos do enunciado.

2.1.1 DISCURSO E ENUNCIADO

Na presente subseção iniciamos com a discussão sobre a relação entre discurso e enunciado, a qual também é embasada nas relações dialógicas. Bakhtin compreende o discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2002, p.196), dessa maneira, as relações dialógicas “se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias” (BAKHTIN, 2002, p.199)

Reiteramos que a realidade concreta e viva do discurso só pode se dar devido ao dialogismo inerente à linguagem. O dialogismo, constitutivo do discurso, só é dado nas materializações verbais, isto é, pela realização dos enunciados. Sendo assim, “para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem

tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa.” (BAKHTIN, 2002, p.200).

Assim, a noção de discurso é a própria materialização da língua, que se dá na verbalização, na realização dos enunciados, visto que esse é o enunciado que concede vida de fato a língua, ao discurso. Sem as enunciações realizadas pelos sujeitos nas situações de interação discursiva, não há discurso, não há língua.

Da mesma forma, pela materialização dos enunciados que se dá a realidade da língua e o discurso vivo, esse discurso vivo é compreendido pela abrangência do que Bakhtin compreende como heterodiscurso.

Na concepção de Bakhtin, o heterodiscurso é a língua e sua diversidade discursiva. O heterodiscurso se dá na estratificação da língua. Conforme Bezerra elucida no prefácio de Teoria do Romance I (2015), o heterodiscurso:

[...] é o produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda variedade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização. O resultado de tudo isso é um mundo povoado por um heterodiscurso oriundo das linguagens de gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas, em suma, de todas as manifestações da experiência humana individual e social e da vida das ideias. Trata-se de um universo discursivo povoado por uma diversidade de linguagens e vozes sociais, que são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes semânticos e axiológicos. (2015, p. 12-13)

Essa heterodiscursividade compreende as diversas linguagens socioideológicas dentro de uma língua. Isto é, as diferentes linguagens de diferentes “grupos sociais, profissionais, de gêneros, linguagens de gerações, etc” (BAKHTIN, 2015, p.41). Segundo Bakhtin, essa estratificação é a dinâmica da língua. Contudo, nessa dinâmica do heterodiscurso atuam forças chamadas de centrífugas e centrípetas da língua, as forças centrípetas asseguram ao heterodiscurso um maximum de compreensão, isto é, lhe impõem um certo limite, uma certa unificação. Já as forças centrífugas, atuam na descentralização e separação. Para Bakhtin (2015):

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. Nela se cruzam os processos de

centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo. E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua pertença ao sistema normativo-centralizador da língua única. O autêntico meio da enunciação, no qual ela se forma, e vive, é justamente o heterodiscurso dialogizado, anônimo e social como a língua, mas concreto, rico em conteúdo e acentuado como enunciado individual. (2015, p.42)

O heterodiscurso dá vida a natureza dialógica da língua, as suas diferenças, divergências e contradições são o produto social que fecunda a dialogicidade da língua, e do discurso. E da mesma forma compreender a noção de enunciado, nos termos de Bakhtin, é significativa para o entendimento do que é o discurso e a sua abrangência heterodiscursiva.

De início, o termo enunciado remete a uma ideia de unidade da fala individual, contudo, nos estudos do Círculo, a noção de enunciado é mais complexa. Não se pode compreender o enunciado como uma produção das “condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante” (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 200). Isto é, a produção de um enunciado não ocorre somente de dentro para fora na fala do indivíduo, não advém somente das condições próprias psicológicas e fonológicas por meio das quais os falantes podem produzir o enunciado.

Isso porque “o enunciado é de natureza social” (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 200), sua realidade é o meio social, não é a realização verbal de apenas um falante restrito que o produz, mas sim, todo o meio social que circunda aquele falante. O enunciado é “inteiramente um produto da interação social” (VOLOCHÍNOV, 2018. p. 216). Dessa maneira, compreende-se que o enunciado se realiza não somente pela situação da fala, mas, é principalmente produzido, concretizado, pelas condições que circundam a coletividade dos falantes. O enunciado é a unidade real da comunicação, conforme enfatiza Volochínov (2018):

A estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é uma estrutura social e o próprio fluxo discursivo dos enunciados que de fato representa a realidade da língua - é um fluxo social. Cada gota nele é social, assim como toda a dinâmica da sua formação. (VOLOCHÍNOV, 2018. p. 217)

Os enunciados, como produtos da interação verbal são produzidos, e podem ser realizados devido às condições sociais que os envolvem. Eles estão inerentemente

atrelados às condições históricas e sociais de produção, conforme enfatiza Volochínov (2018):

A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado. Isto é, dada a situação mais imediata de sua produção, a interação imediata, as escolhas linguísticas empregadas pelos falantes, e o contexto social mais amplo, o tema do qual o enunciado é tomado de significado, são aspectos que interferem diretamente na sua estrutura são questões condicionantes para os enunciados serem realizados de tal maneira e não de outra (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 206).

Na estrutura do enunciado observam-se o tema e a significação, a significação entende-se como aspecto interno do tema, visto que para o Círculo, a significação compreende os aspectos técnicos e repetíveis, tangíveis de todo enunciado.

Já a noção de tema para o Círculo, não é percebida somente pelas marcas linguísticas que os constituem, as formas morfológicas, fonológicas, lexicais, de entonação, mas também, e principalmente, pelas circunstâncias extraverbais que envolvem o enunciado, visto que sem essas circunstâncias a produção dos enunciados não seria possível.

Posto que essas circunstâncias extraverbais são o próprio momento histórico ao qual o enunciado está atrelado, conforme corrobora Volochínov (2018): “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado.” (p. 228). O tema do enunciado, devido a sua relação intrínseca com o momento histórico ao qual pertence é “individual e irrepetível” (p.228). Assim, compreende-se o tema do enunciado como um sentido único, uma totalidade, uma vez que este é uma expressão da situação histórica e concreta da qual foi produzido. Isto é, não podem existir enunciados que não estejam atrelados às condições de produção de dada coletividade social.

Ainda referente à natureza dos enunciados é a percepção da avaliação intrínseca a estes, além do tema e da significação presentes na concretude do enunciado, a avaliação social também é parte fundante da realização dos enunciados pelos falantes. De acordo com Volochínov (2018):

Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia. Apenas um

elemento abstrato, percebido no sistema da língua e não na estrutura do enunciado, aparece privado de avaliação. (VOLOCHÍNOV, 2018, p 236)

Isso porque toda palavra viva, realizada no meio histórico e social, expressa uma avaliação social, sendo assim, não há possibilidade dos enunciados serem realizados despidos dessa avaliação. Afinal, conforme Volochínov (2018), “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (VOLOCHINOV, 2018, p. 233). Essa particularidade será melhor aprofundada na seção a seguir sobre ideologia e valoração.

Dessa maneira, a realidade dos enunciados é a realidade histórica social, isso porque, os enunciados não são isolados, quando pensamos no conceito de enunciado, pelo viés bakhtiniano, devemos compreender que não são produções isoladas, estáticas, mas são produções que evidenciam o fluxo da cadeia verbal. Esse fluxo não possui início nem fim, tanto pois, não é possível delimitar um início para a realização do primeiro enunciado na história, muito menos o último, o seu fim. Isso porque cada enunciado “é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLOCHINOV, 2018, p. 184).

A relação entre os enunciados, que estabelece o elo da cadeia verbal, evidencia uma das suas principais características, a de que todo enunciado responde a algo, assim como exige uma reação-resposta. Isto é, todo enunciado responde a enunciados já ditos, realizados no curso sócio histórico, bem como faz requerer reações-respostas, ou seja, requer a realização de outros enunciados que respondam a ele, que venham a ser concretizados verbalmente pelos sujeitos.

Diante disso, os enunciados estão vinculados uns aos outros, fundamentam-se uns aos outros, assim como concordam e discordam-se, etc. Dessa maneira, Bakhtin entende que os enunciados, supõe-se conhecidos uns aos outros “ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 297). Esse elo entre os enunciados-respostas a enunciados já ditos coloca em evidência que é por meio dessa relação que se dará a realização dos enunciados que ainda serão constituídos na cadeia verbal.

Os enunciados tendem sempre para respostas, independentemente de como essas respostas serão concretizadas pelos interlocutores, se irão concordar, discordar, não emitir uma resposta verbal também é um ato responsivo, reiterando que até mesmo

em situações em que não há interlocutores diretos os enunciados requerem uma resposta.

Compreendemos também essas reações-respostas como um conflito de vozes, uma vez que os interlocutores buscam disputar sentidos pelo que se foi dito, isto é, reiteram, negam, concordam em partes, etc. com o enunciado ao qual respondem. Sendo assim, as vozes do eu e do outro enunciam, respondem e são respondidas, mobilizam os sentidos diversos na produção do discurso. Segundo Bakhtin:

As palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico. (BAKHTIN, 1997, p. 385).

Nessa acepção, é relevante fazer uma relação com o nosso objeto de estudo, o discurso da Ciência, visto que este pode ser compreendido, em determinados contextos, como um discurso autoritário, que tende a limitar, barrar as possibilidades de respostas e assim também a disputa de vozes que há sobre ele.

Ainda sobre a noção bakhtiniana do enunciado é pertinente pensar na questão da autoria. Para o Círculo, ainda que não saibamos a origem de quem produziu tal enunciado, quem é seu autor, bem como as diversas formas de autoria que podem criá-lo, ainda assim pode-se depreender uma posição de autoria que pode ser ouvida de certa maneira no enunciado. É possível observar essa posição quando, conforme Bakhtin, “sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage. (BAKHTIN, 2002, p. 200).

Dessa forma, caso não seja possível identificar um sujeito autor do enunciado, ainda assim, devido a especificidade dos enunciados, de requerer uma resposta do outro, uma reação, uma avaliação que é dada pela dialogicidade, podemos depreender a posição da autoria do enunciado.

Por fim, em termos gerais, entende-se que toda produção enunciativa não é passiva, todo enunciado realizado é sempre uma participação ativa dos falantes no e pelo meio social. Conforme Bakhtin (2002), “a expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados

do outro” (2002, p. 317). Isto é, a produção dos enunciados pelos falantes sempre é originada já como uma resposta a um outro, a valoração, a avaliação, o ponto de vista do falante é essa resposta, ao mesmo tempo requer também que o outro o responda, participe, expresse sua avaliação, ponto de vista, etc.

Evidenciando assim as produções enunciativas como produções onde não há neutralidade. Conforme reitera Volochinov (2018), sobre a relação entre os enunciados, “os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebessem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto. (p.197). Diante dessa impossibilidade de neutralidade dos enunciados e do constante embate gerado pela relação destes é que se dá a realidade concreta da língua, e, portanto, do discurso. Concluimos essa subseção corroborando que o discurso ganha vida na realização enunciativa, e pela concretização dos enunciados ininterruptos, constituindo o discurso como um campo de tensionamentos e embates impossíveis de serem cessados.

2.1.2 IDEOLOGIA E VALORAÇÃO

No período da história recente, ao ouvirmos o termo ideologia, principalmente nas redes sociais, nas notícias, e também nas conversas cotidianas, percebemos como essa palavra é constantemente empregada num tom valorativo negativo. A ideia de ideologia, comumente conhecida, é uma concepção em que se atribui a ela sentidos que a denotam como “mascaramento do real” conforme apontado por Faraco (2020).

A noção de ideologia é tida como uma percepção negativa da qual os sujeitos se orientam na realidade objetiva, entendem a ideologia como um “véu” posto sobre a consciência dos sujeitos e que assim a encobre, mascara a realidade e os impede de perceberem o real. Nesse sentido, a ideologia seria capaz de encobrir a realidade objetiva e orientaria os indivíduos ao sentido oposto desta, impedindo-os de a perceberem como tal.

Apesar de ser atribuída à ideia de ideologia um sentido depreciativo nas esferas midiáticas e cotidianas, no campo epistemológico esse conceito possui variações. É importante destacar que para os estudos do discurso, como afirmam Acosta Pereira e Rohling (2020), “A despeito desse sentido negativo, no campo dos estudos do discurso,

ideologia é, pois, um conceito fundacional” e, assim, “esse conceito assume um lugar destacado, sendo, pois, imprescindível nos processos analíticos” (p.17).

Diante disso, a concepção epistemológica de ideologia, nesta pesquisa, é àquela adotada pelo Círculo de Bakhtin. Para o Círculo, ideologia não possui uma conotação negativa, não é compreendida como “mascaramento do real”, embora não negue a existência de ideologias hegemônicas. Ideologia nos escritos do Círculo é concebida como um conjunto de valores de que tratam os diferentes sistemas ideológicos (ACOSTA PEREIRA; ROHLING, 2020). Por exemplo, a ideologia cristã, é uma descrição dos valores cristãos, a ideologia da ciência, é uma descrição dos valores da esfera científica, da mesma forma em todos os sistemas ideológicos. Sendo assim, entendendo como um conjunto dos valores das diferentes esferas ideológicas, a ideologia em si, não é negativa ou positiva. Ela é um conjunto de valores de sujeitos situados sócio e historicamente em determinadas esferas discursivas.

Isso porque, para o Círculo, conforme reiteram também os autores, “a ideologia se constitui no terreno interindividual, pois sua particularidade reside no fato de que se situa entre indivíduos organizados socialmente e se materializa por meio da linguagem.” (ACOSTA PEREIRA; ROHLING, 2020 p.18). Faraco (2020) aponta também que o termo ideologia:

[...] é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia da tradição marxista). A palavra ocorre também no plural para designar a pluralidade de esferas da produção imaterial (assim, a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política são as ideologias). (FARACO, 2020, p.46)

Faraco (2020) também enfatiza que a ideologia se dá em:

[...] um domínio cultural (uma esfera da criação ideológica) não deve nunca ser pensado como tendo uma espécie de todo espacial (um território interno), mas deve ser visto como vivendo sempre na intersecção de múltiplas fronteiras. E isso porque cada ponto de vista criativo (que implica sempre uma tomada de posição axiológica) torna-se necessário e indispensável somente em correlação com outros pontos de vista criativos (com outras posições axiológicas). (FARACO, 2020, p.52)

Assim, a ideologia é compreendida como posições valorativas elaboradas pelas esferas de cada criação ideológica, por exemplo, sistema de crenças da igreja, conjunto

de valores de determinada cultura, ponto de vista de determinada classe social, dentre outros. E a ideologia só pode ser adquirida por meio de sua materialização sógnica. Para compreendermos a noção de signo ideológico, é preciso levar em conta que para o mesmo autor: “Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação sógnica” (VOLOCHINOV, 2018 p.93).

Segundo Volochinov, a palavra é ideológica e sógnica por natureza, isso porque, segundo Volochinov (2018), “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. (VOLOCHINOV, 2018, p.98). Isto é, as palavras são dotadas de significação sógnica, de ideologia, o que quer dizer que essa transformação da palavra em signo só se dá na sua materialização, pelas interações verbais realizadas pelos sujeitos no meio social, sendo assim, o signo é criado pelo homem. O signo só existe na realidade material da palavra, pois este é concebido, dotado de valor, de sentido, no âmbito social pelos sujeitos, que segundo Volochinov (2018) são “socialmente organizados” e compõe uma coletividade, somente diante de uma coletividade é que um meio sógnico pode se formar.

A atribuição do signo como signo ideológico só se dá nos intercâmbios verbais, o signo ideológico só existe na e pela realidade objetiva quando atinge um valor social; não existe signo despido desse valor social. Conforme Volochinov (2018):

Uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma sógnica. Em outras palavras, somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se. (VOLOCHINOV, 2018, p.111)

Volochinov (2013) ressalta a palavra como sendo um fenômeno ideológico, e que ao mesmo tempo, a palavra também é parte da realidade material. E além de ser parte da realidade material a palavra como signo ideológico:

[...] também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. (VOLOCHINOV, 2018, p.93)

Isso significa que o signo ideológico não só reflete os sentidos, valores engendrados pelo intercâmbio social da realidade, mas também os refrata, sendo assim, refrata a própria realidade. Essa refração entende-se como uma polissemia dos signos. Em outras palavras, o signo é capaz de refletir uma certa realidade, bem como expressar mais de um sentido da mesma realidade socialmente organizada, inclusive sentidos controversos, distorcidos do mesmo signo na mesma realidade. Dessa maneira, afirma Volochínov (2018) que:

Qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade vida deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. (VOLOCHINOV, 2018, p.113).

As duas faces⁵ do signo são diferentes sentidos que uma mesma coletividade atribui para um mesmo signo. Sendo assim, um mesmo signo possui mais de um sentido, e esses sentidos nunca são neutros, são sempre imbricados no discurso pela ideologia, ou, pelas ideologias das diferentes camadas e indivíduos da sociedade. Sendo assim, exprimem diferentes pontos de vida, julgamentos, avaliações, pelo mesmo signo.

A teoria do Círculo concebe, assim, o signo intrinsecamente atrelado à realidade histórica social e diante disso, reflete e refrata essa realidade. Por isso, o signo não pode ser neutro, despido de avaliações, valores, tampouco não pode deixar de representar as contradições, as lutas, conflitos presentes na realidade histórica social. Há uma tentativa de estabilizar um único sentido no signo, um único valor, há uma intenção de manter o signo estabilizado em um só sentido da realidade. Porém essa estabilização só existe em determinados períodos de tempo histórico sociais, mas não é a realidade do signo como um todo em toda historicidade.

A realidade do signo, segundo Volochinov (2018), é o “cruzamento de interesses sociais multidirecionais nos limites de uma coletividade sígnica (p.113), pois, “apenas

⁵ Essa compreensão sobre a refração do signo é pertinente para pensarmos o objeto de pesquisa deste trabalho, o discurso sobre a ciência, isto é, pensamos a refração do signo “ciência” nesse tempo de pandemia. Visto que esse signo é discursivizado de diferentes pontos de vistas, com diferentes sentidos imbricados, pois é enunciado por diferentes sujeitos de diferentes camadas sociais.

esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se” (p.113). Pois o signo está intrinsecamente atrelado à realidade, e a realidade não é estagnada, sendo assim, o signo é tocado por ela e por ela também se manifesta em diferentes direções de sentidos que a refratam e dão vida ao signo.

Contudo, há outra questão relevante abordada pelo Círculo referente à noção de estabilização do signo. Para Volochinov (2013), há uma certa estabilização do signo ideológico quando se pensa em sistemas ideológicos. Os sistemas ideológicos são as esferas organizadas da criação humana como a ciência, a arte, a religião etc. Nessas esferas, a ideologia é dotada de uma organização, de uma certa estabilidade de sentidos, de valores que é menos instável, em certo aspecto. Ou, como abordado por Acosta Pereira e Rohling (2020), a ideologia sistematizada “trata de conteúdos ideologicamente conformados” (p.19). Segundo os autores as ideologias do cotidiano também são uma esfera ideológica e dessa forma são “delineadas por como aquelas que penetram integralmente o nosso comportamento”. As ideologias do cotidiano são os modos de agir, os valores mais sensíveis (p.19).

Dessa maneira, para Volochinov (2013), os sistemas ideológicos:

[...] são, no fim das contas, um produto do desenvolvimento econômico, um produto do enriquecimento técnico e econômico da sociedade. Por sua vez, esses sistemas exercem uma influência fortíssima sobre a ideologia cotidiana e na maior parte das vezes lhe dão o tom dominante. Ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos em formação conservam sempre um vínculo vivíssimo com a ideologia cotidiana, se nutrem de seus jogos e, separados dela, se deterioram e morrem. (VOLOCHINOV, 2013, p.153)

Assim, o autor reitera que “a ideologia social, os sistemas ideológicos já formados não são senão uma ideologia cotidiana sistematizada e fixada com signos externos – “psicologia social”. (VOLOCHINOV, 2013, p. 156). Desse modo, é possível aventar que as ideologias do cotidiano e os sistemas ideológicos não são completamente desprendidas um ao outro, mas relacionam-se. Os sistemas ideológicos, com sua ideologia sistematizada, e as ideologias do cotidiano com suas visões em modos de agir compartilham valores, “nutrem-se” um ao outro.

Nesse sentido, é importante destacar as valorações imbricadas nos signos ideológicos e no uso pelos falantes. O falante ao se comunicar não escolhe, retira as

palavras de uma gama de palavras dicionarizadas, conforme enfatizado por Volochinov (2013), mas ao se comunicar toda a:

[...] estrutura formal do discurso, em uma considerável medida, depende da relação que reduz a enunciação às supostas valorações compartilhadas daquele meio social para o qual está orientada a palavra. Uma entonação criativamente produtiva, segura e rica somente é possível baseada no suposto “coral de apoio”. (VOLOCHINOV, 2013, 82- 83)

As escolhas lexicais, linguísticas e estilísticas, selecionadas pelos falantes para compor as estruturas de suas enunciações precisam ser compartilhadas em valores com todo o “coral de apoio”, isto é, com o auditório social, a coletividade falante da qual o falante faz parte. Assim, “todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a entonação – das palavras e sua composição numa enunciação concreta. (VOLOCHINOV, 2013 p.166)

Dessa maneira, “as valorações determinam a seleção das palavras pelo autor e a percepção desta seleção (co-eleição) pelo ouvinte” (VOLOCHINOV, 2013, p.88). Afinal, o falante não fala para si, ele fala para ser ouvido, e para ser ouvido necessita que os valores imbricados em suas palavras sejam compreendidos e assimilados, valorados também pelo seu ouvinte, pelo outro, na coletividade da qual ambos participam. Como reitera Volochinov (2013), “A escolha do conteúdo e da forma é um mesmo ato que estabelece a posição principal do criador”. Neste ato, encontra sua expressão uma mesma valoração social. (VOLOCHINOV, 2013, p. 90).

2.1.3 CRONOTOPO

Bakhtin, na sua obra “Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo” delinea o conceito de cronotopo. O autor se baseia na concepção de tempo-espaço tratada na teoria de relatividade de Einstein para desdobrá-la aos estudos literários voltados às obras romanescas. Na referida obra de Bakhtin, o conceito de Cronotopo é empregado para descrever as diversas formas de tempo-espaço percebidas nas narrativas romanescas, a principal delas sendo nos romances de Rabelais.

É certo que a noção de cronotopo para Bakhtin foi engendrada pensando nas produções literárias, como uma categoria de análise, contudo, assim como as demais

produções do Círculo, a noção de cronotopo é mais uma profícua conceituação valiosa para os estudos do discurso e que pode ser considerada para além da esfera da literatura. Conforme reitera Maria da Penha Casado Alves (2012) esse conceito de cronotopo advindo das teorias do Círculo sobre o texto literário é pertinente para pensarmos as relações do tempo e espaço como constitutivos das interações verbais e como construções de linguagem.

Desse modo, ao aprofundarmos o conceito de cronotopo, é possível mobilizá-lo nos estudos do discurso. Bakhtin assume o conceito de cronotopo como “a interligação essencial das relações de espaço e tempo” (2018, p.11). O autor compreende a noção de cronotopo como a “inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço” BAKHTIN, 2018, p.11) e, dessa forma, corrobora “o cronotopo como uma categoria de conteúdo-forma da literatura” (BAKHTIN, 2018, p.11). Da mesma maneira, o cronotopo se percebe como ‘conteúdo-forma’ do discurso.

Para exemplificar a noção de cronotopo, realizamos uma breve revisão sobre os aspectos atribuídos pelo autor, para esse conceito, ao longo da obra. O autor enfatiza o cronotopo como “a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade”. (BAKHTIN, 2018, p. 217). Isto é, nas narrativas se percebe um dado espaço-tempo em que elas são desenvolvidas, esse espaço-tempo, onde ocorrem os acontecimentos da ficção é relacionado aos espaço-tempo dos acontecimentos da realidade objetiva. Do mesmo modo, ao pensarmos o cronotopo do discurso, estamos pensando os acontecimentos da realidade, o discurso não pode ser pensado sem essa relação dos acontecimentos da realidade objetiva.

O autor também especifica que “A arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotrópicos de diferentes graus e dimensões. Cada motivo, cada elemento da obra ficcional a ser destacado é um valor. (BAKHTIN, 2018, p. 217) Esse valor cronotrópico apontado pelo autor é associado a valores da realidade objetiva, assim, as produções discursivas não podendo ser separadas dessa relação com os acontecimentos do espaço-tempo se constituem valorativamente por essa relação, que é uma relação histórica.

Assim, os cronotopos são “centros organizacionais dos acontecimentos basilares que sedimentam o enredo do romance” (BAKHTIN, 2018, p. 226). Isto é, não se pode

pensar nas produções discursivas sem compreendê-las atreladas ao cronotopo ao qual são produzidas. O cronotopo sedimenta o discurso, sendo assim, pode-se compreender como as produções discursivas se dão em determinado espaço e tempo e o que elas evidenciam sobre determinado espaço-tempo.

Ainda, é pelo cronotopo que “os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo, enchem-se de sangue. Pode-se comunicar um acontecimento, informar sobre ele, oferecer indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização (BAKHTIN, 2018, p. 227). Isso é, uma vez que não é possível produzir o discurso sem um cronotopo pelo qual esse está evidenciado, visto que é justamente pelo cronotopo que o discurso é compreendido, enche-se de sentido, diz aquilo que fará sentido, que pode ser ouvido e entendido.

O autor também enfatiza que:

sejam quais forem esses sentidos, para que integram a nossa experiência (e além disso, a experiência social), eles devem ganhar alguma expressão espaçotemporal, ou seja, uma forma sígnica que possamos ouvir e ver (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão linguístico-verbal, um desenho etc.) Até mesmo o pensamento mais abstrato é impossível sem essa expressão espaçotemporal. Consequentemente, qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos. (BAKHTIN, 2018, p. 236)

Sendo assim, as experiências humanas vividas na realidade dos acontecimentos são estruturadas discursivamente dadas pelo cronotopo, pela “porta do cronotopo” é que podemos compreender e entender as experiências vividas na realidade de maneira inteligível. Conforme reitera Bakhtin,

O próprio cronotopo fornece um terreno importante para a exibição-representação dos acontecimentos. E isso se deve justamente a uma condensação espacial e à concretização dos sinais do tempo - do tempo da vida humana, do tempo histórico - em determinados trechos do espaço. É isso que cria a possibilidade de construir a imagem dos acontecimentos no cronotopo (em torno do cronotopo) (BAKHTIN, 2018, p.227)

Visto que a realidade histórica e os acontecimentos que a constituem, e constituem a vida humana no espaço-tempo, constituem assim também o discurso. Dessa forma, a noção de cronotopo, em que se evidencia a realidade não é somente visto como um contexto externo, um plano de fundo onde ocorrem os acontecimentos da vida, da

história, mas é, na verdade, constituinte das formas das produções discursivas, do discurso, dos modos de agir discursivamente dos sujeitos na realidade e assim como também de compreendê-la. Conforme reitera Alves (2012) “Ver o tempo no espaço”, “ler o tempo na totalidade espacial do mundo”, para Bakhtin (1990), é compreender o espaço como evento, não como um “plano de fundo” para os acontecimentos (2012, p.315).

A noção de cronotopo é importante para que compreendamos também a relação evidenciada pela posição do sujeito nesse aspecto, conforme trata Amorim (p. 105):

O conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas de homem. (AMORIM, 2014, p.105)

Alves (2012) enfatiza que “o homem se constitui como heterocronotópico, uma vez que diferentes imagens de si são relevadas nos diferentes cronotopos que lhes são constituintes e que são constituídos por ele” (ALVES, 2012, p. 313). Assim também, conforme reitera a autora, “Na perspectiva dialógica bakhtiniana, o sujeito constrói temporalidades e espacialidades e se constrói constitutivamente em relação a elas e por elas. (ALVES, 2012, p.314). De maneira geral, ao pensar o cronotopo dentro da análise do discurso, conforme retomado por Amorim (2014), “Podemos então concluir que, no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem. (AMORIM, 2014, p. 106).

As autoras evidenciam os cronotopos como aspecto constituinte de observações dos discursos, contudo, ao observar os discursos pela porta do cronotopo, podemos notar também um certo tipo de sujeito que se manifesta. Sendo assim, diferentes cronotopos são constituintes do sujeito, ao observarmos as produções discursivas de um determinado sujeito, podemos inferir deste não só um cronotopo, mas vários que os constituem e são constituídos por ele. Diferentes visões de sujeitos são evidenciadas em diferentes cronotopos, contudo, é interessante ressaltar que esses cronotopos não são alheios uns aos outros, mas se entrecruzam.

Como é o exemplo do cronotopo pandêmico abordado nessa pesquisa, pois nas variadas esferas da atividade humana, emergiram enunciados produzidos no espaço-

tempo da pandemia. Sendo os discursos sobre a ciência produções discursivas em que se realizam diferentes sentidos imbricados pela porta do cronotopo pandêmico.

O cronotopo pandêmico é uma proposição de Rohling (2020) acerca da emergência da pandemia:

Este cronotopo se configura como um tempo-espaço marcado pela emergência da pandemia deflagrada pela COVID-19, em dezembro de 2019 e estendendo-se para 2020 em diante, na cidade chinesa Wuhan, e que pelo processo de globalização espalhou-se por todos os cantos do mundo. Do ponto de vista do tempo, é possível aventar uma marcação pontual (2019), mas os efeitos desse evento global nas atividades humanas ainda não se podem mensurar. Já a categoria espaço, seria um espaço global por se tratar de uma pandemia? Ademais, do mesmo modo que Bakhtin propõe que dentro de grandes séries cronotópicas há também outros pequenos cronotopos que se atravessam e se interligam, é possível dizer que o espaço-tempo pandêmico agrega diferentes e pequenos cronotopos em que se desvelam tons valorativos para o vírus e para a crise sanitária. (ROHLING, 2020, p.5226)

Portanto, depreendemos que o cronotopo pandêmico também é produtor de discursividades e de um certo tipo de sujeito constituído e que constitui também esse cronotopo. É, pois, diante da emergência desse cronotopo que podemos observar produções discursivas imbricadas na relação com o acontecimento da pandemia e seus desdobramentos no meio social.

Assim, nas variadas esferas da atividade humana, emergiram enunciados produzidos no espaço-tempo da pandemia. Sendo os discursos sobre a ciência produções discursivas em que se realizam diferentes sentidos imbricados pela porta do cronotopo pandêmico.

Neste capítulo foram apresentadas as principais concepções do Círculo pertinentes para esta pesquisa, as concepções sobre discurso e enunciado, ideologia e valoração e cronotopo são basilares para a compreensão da análise do discurso sobre a ciência aprofundada nos capítulos posteriores. No próximo capítulo está organizado o percurso metodológico da pesquisa, em que estão delimitadas as categorias de análise dos dados do discurso sobre a ciência.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo estão descritas as orientações metodológicas da presente pesquisa, para tanto, inicialmente retomamos o fazer da pesquisa em Análise Dialógica do Discurso. Ao decorrer do capítulo são explicitados os modos de geração de dados, a descrição desses dados de análise e os parâmetros de análise.

3.1 O QUE É FAZER PESQUISA NA ADD?

Ressaltamos a importância da ancoragem da Análise Dialógica do Discurso no construto teórico do Círculo de Bakhtin, onde a ADD assume um caráter de investigação e de análise do discurso que ocorre de maneira analítica e interpretativa.

É importante ressaltar que, na construção da pesquisa em pela análise dialógica do discurso, não se aplicam categorias de análise estanques e fechadas às produções discursivas, mas sim, como enfatiza Rohling (2014), as categorias emergem das relativas regularidades dos dados, que são observadas/apreendidas no percurso da pesquisa. (p.49).

Diante disso, a autora pontua que “não se podem aplicar as mesmas categorias de uma pesquisa já feita a outra, pois o dado é sempre o discurso concreto e único. (p.49). Conforme ratifica Paula (2013), “a abertura teórico-analítica em Bakhtin não significa uma falta de metodologia e / ou de sistematização formal, mas, ao contrário, essa abertura é a própria proposta teórico-analítica (p.254)

Isso orienta a ADD como uma compreensão teórico-metodológica de abertura que não é fechada em si mesma. Afinal a proposta principal é apoiada nos pressupostos bakhtinianos de dialogismo. Desse modo, seria contraditório estabelecer uma rigidez metodológica sistemática, sendo assim, a orientação metodológica proposta pela ADD é uma construção de conhecimentos embasados nas concepções do Círculo. Conforme afirma Rohling (2014):

[...] a impossibilidade de fechamento, em outras palavras, de estabelecimento de uma metodologia de análise rígida, está no centro da postura bakhtiniana. Tal opção epistêmica não se reduz à aplicação de uma metodologia e validação de teorias, mas ao construto de conhecimentos relevantes e responsáveis no âmbito dos estudos da linguagem. (ROHLING, 2014, p.27)

Diante dessas considerações, que qualificam a base epistemológica da ADD como uma teoria de abertura, Brait (2014, p. 29) delinea a ADD como:

[...] um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva é um sujeito histórico, (BRAIT, 2014, p.29)

Com base nesses pressupostos, reforçamos a ADD como uma proposta de análise e interpretação que possui como intuito investigar a produção de sentidos que se dão somente no discurso realizado por sujeitos situados e historicamente determinados. Contudo, é necessário ressaltar que o processo de fazer pesquisa em ADD também compreende o pesquisador como parte significativa desse processo. Dado que, o pesquisador que se debruça nesta metodologia também é um sujeito situado historicamente. Assim, o pesquisador na ADD não é apenas o indivíduo que reúne teoria, dados e resultados e os canaliza em uma pesquisa, mas é sim sujeito constituinte dessa produção científica dada a sua posição axiológica frente a esse processo.

Isto posto, reforçamos que o processo de fazer pesquisa pelo viés dialógico da linguagem não é uma prática isenta do sujeito pesquisador. Segundo Rohling (2014):

Tal relação não é neutra e nem pré-determinada, tendo em vista que o pesquisador, em todo o processo de pesquisa, também está permeado por seu horizonte valorativo, preponderante nas suas escolhas durante o processo de pesquisa, que vão desde a escolha desse objeto até o relato da análise dos dados. O trabalho do pesquisador inscreve-se na posição de um observador atencioso; ele é um outro (não neutro) no diálogo com os dados (discursos). (ROHLING, 2014, p.47)

Nesse sentido, a pesquisadora Marília Amorim (2014) enfatiza que “O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver” (AMORIM, 2014, p.100). Aqui cabe ao pesquisador observar pela perspectiva da ADD sentidos que emergem do discurso do outro, mas que esse outro ao produzir esses discursos pode não perceber os diferentes sentidos que nele convergem.

Com isso, a construção da pesquisa em ADD é uma relação próxima do pesquisador com o seu objeto de estudo, mas que ao mesmo tempo dispõe de uma distância, é uma relação do texto do pesquisador com o texto de quem se está pesquisando. Afinal, fazer ciências humanas é estar numa relação intrínseca de interpretação entre o texto, a cultura, a existência do eu com o texto, a cultura e a existência do outro. Bakhtin (2017) enfatiza essa relação como uma interpretação criadora, sendo que:

A interpretação criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a distância do intérprete no tempo, no espaço, na cultura em relação àquilo que ele pretende interpretar de forma criadora. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente sequer a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudariam; sua autêntica imagem externa só pode ser vista e interpretada por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem outras. (BAKHTIN, 2017, p.18)

Amorim (2014) explícita essa relação do pesquisador com a pesquisa como uma relação que é próxima e ao mesmo tempo distante, isso porque, diante do acontecimento que o pesquisador desenvolve a pesquisa também é produzido pelo pesquisador o acontecimento que envolve a ação do pensar. É uma relação de aproximação com o objeto de pesquisa enquanto participante do contexto daquele objeto, mas ao mesmo tempo distante, enquanto pesquisador que realiza o ato de refletir sobre aquele objeto,

Segundo a autora, "nesse acontecimento, o autor ocupa um lugar singular e único que o constrange a se responsabilizar, face ao outro, pelo seu pensamento" (2014, p.100). Mas ao materializar esse pensamento no processo da pesquisa ou da obra "o autor a torna não indiferente: dota-lhe de valor no contexto". (AMORIM, 2014, p.101).

Amorim (2014) também discorre sobre a relação entre sujeito pesquisador e texto do pesquisado da seguinte maneira:

[...] o texto do pesquisador não deve emudecer o texto do pesquisado, deve restituir as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Mas o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação que se distinga do que diz o pesquisador. (AMORIM, 2014, p.100)

Assim, ao construir uma pesquisa em ADD os textos que constituem essa pesquisa, tanto o do pesquisador que observa, analisa, se posiciona, e do objeto a ser interpretado, analisado, devem dialogar. O pesquisador não pode emudecer o objeto de estudo que observa, pois, não pode securizar um objeto que é por si só dialógico e está sendo investigado sobre uma perspectiva metodológica imbuída no dialogismo. Afinal, conforme enfatiza Brait, o pesquisar na ADD é “fazer da análise um processo de diálogos entre sujeitos” (BRAIT, p.28).

Nesta pesquisa, estão dispostos sobre as lentes da ADD os enunciados realizados no cronotopo pandêmico sobre a ciência. Esses enunciados foram produções discursivas compartilhadas nas redes sociais *Twitter* e *Instagram* de sujeitos situados nesse cronotopo. Assim, compreendemos como dados de pesquisa, os comentários, respostas, retweets que emergiram nessas redes sociais, e que tematizam o discurso sobre a ciência.

Na próxima subseção descrevemos como se deu o processo de geração de dados desses enunciados nas redes sociais mencionadas.

3.2 GERAÇÃO DE DADOS

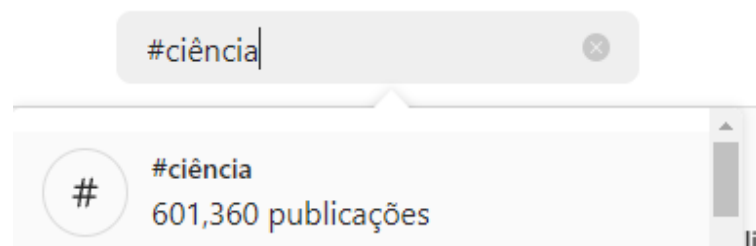
Para a geração de dados da pesquisa nos amparamos nos estudos de Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2016) sobre a pesquisa na Internet e etnografia digital. As autoras elencam alguns tipos de amostras de dados que podem ser coletadas no espaço virtual. No nosso caso, os enunciados sobre a ciência são amostras do tipo intencionais e subtipo intencionais. As amostras intencionais, segundo as autoras, são “Amostras qualitativas cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise”(FRAGOSO, et al, 2016, p.78). Do mesmo modo, o subtipo intencional se refere a uma seleção que “favorece os elementos em que as características que interessam à pesquisa estão presentes de forma intensa e evidente, mas que não se caracterizam como casos extremos.”

Diante disso, os enunciados foram selecionados numa busca intencional na temática sobre a ciência nas redes sociais do *Twitter* e *Instagram*, utilizando as ferramentas de busca dessas plataformas, os enunciados foram procurados dentro do

período do cronotopo pandêmico, ou seja, publicações realizadas a partir de janeiro de 2020 e estendendo-se até 2022.

No *Instagram* as buscas pelos enunciados sobre a ciência foram realizadas utilizando principalmente a hashtag (#) 'ciência' assim como apenas a palavra ciência, uma vez que a plataforma também rastreia publicações que fazem o uso da palavra, sem necessariamente depender da hashtag. Também foram utilizadas palavras chaves relacionadas a temática sobre a ciência como '#cientistas', '#cientistasbrasileiros', '#ciênciabrasileira', por exemplo.

Figura 1 - Sistema de busca *Instagram*



Fonte: *Instagram*

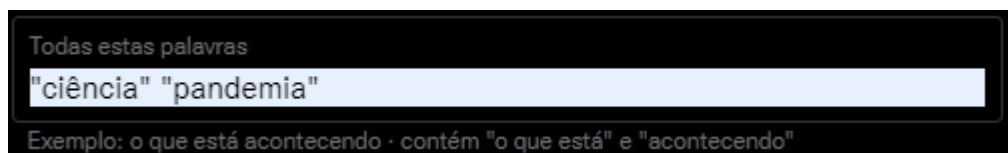
Como é indicado na imagem no recorte da busca pela '#ciência', há uma enorme quantidade de publicações sobre esse tema. Contudo, diante da delimitação do nosso trabalho, foi realizada uma espécie de varredura nas publicações, buscando por enunciados que tematizem a ciência dentro do cronotopo pandêmico. No *Instagram* também há vários perfis dedicados à ciência, de divulgação científica, instituições de ensino, cientistas, bem como figuras públicas, dentre outros. Foram selecionados enunciados na busca direta desses perfis, procuramos pelos que possuem maior relevância, como por exemplo a quantidade de seguidores.

No *Twitter*, a busca pelos enunciados sobre a temática da ciência no cronotopo pandêmico foi realizada estritamente pela ferramenta de 'busca avançada' que a plataforma dispõe.

Na 'busca avançada' é possível delimitar vários parâmetros de pesquisa. Por exemplo, é possível localizar enunciados que contenham somente a temática da ciência, ou a temática da ciência e pandemia no mesmo tweet. Nesse caso, foram realizadas

buscas nesses dois modos. Também foram utilizadas palavras chaves ‘#ciência’, ‘#cientistas’, ‘#cientistasbrasileiros’, ‘#ciênciabrasileira’.

Figura 2- Busca avançada no *Twitter*

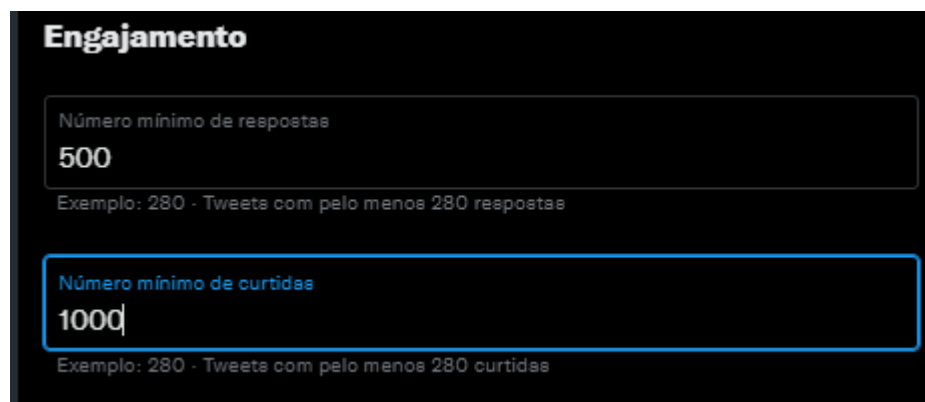


Todas estas palavras
 "ciência" "pandemia"
 Exemplo: o que está acontecendo · contém "o que está" e "acontecendo"

Fonte: *Twitter*

É possível delimitar igualmente de quais contas esses enunciados devem aparecer e ainda há a possibilidade de filtrar pelo engajamento do Tweet, delimitando o número mínimo de curtidas e comentários, retweets, por exemplo. Nesse caso, em algumas buscas, foi utilizado o engajamento com mínimo de quinhentas respostas e mínimo de mil curtidas.

Figura 3 - Busca avançada filtro do engajamento



Engajamento

Número mínimo de respostas
 500
 Exemplo: 280 · Tweets com pelo menos 280 respostas

Número mínimo de curtidas
 1000
 Exemplo: 280 · Tweets com pelo menos 280 curtidas

Fonte: *Twitter*

Por fim, em todas as pesquisas foram utilizadas o recurso da busca por datas, uma vez que o corpus do trabalho está delimitado no cronotopo pandêmico, ainda que a pandemia só tenha sido decretada em março de 2020, iniciamos a busca a partir de janeiro de 2020, pois já circulavam informações sobre o novo coronavírus.

Figura 4 - Busca avançada filtro datas

De		
Mês Janeiro	Dia 1	Ano 2020
Para		
Mês Julho	Dia 29	Ano 2020

Fonte: *Twitter*

Durante a geração dos dados esse recurso foi utilizado várias vezes, selecionando os anos de 2020, 2021 e 2022, por exemplo, delimitando espaços de tempo trimestrais, semestrais e anuais, para afinar a busca e obter resultados mais diversos ao longo desse tempo pandêmico. Todos os enunciados foram obtidos das plataformas por meio do recurso 'screenshot', esse recurso possibilita registrar a imagem da tela do computador, celular, tablets, por exemplo. É possível que alguns enunciados sejam apagados após a nossa coleta de dados, assim, não podendo ser localizados posteriormente.

3.3 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Tendo em vista a infinidade de enunciados que emergiram nas buscas, foram selecionados aqueles que condizem com o nosso tema, afinal, nossa proposta era observar o discurso **sobre** a ciência. Mas nas buscas realizadas no *Twitter* e *Instagram* as hashtags e a palavra-chave 'ciência', surgiram diversos discursos relacionados ao tema. Por exemplo, a divulgação científica de alguma nova descoberta, palestras, cursos, curiosidades, diversas páginas sobre a esfera científica, enfim, dentre tantos outros enunciados relacionados com essa esfera.

Dessa forma, foi delimitada a busca e seleção dos enunciados que tematizaram a ciência imbuídos numa **entonação valorativa**, pois, a principal questão que nos era pertinente, era o discurso **valorado** sobre a ciência. Isto é, aquele que exprimia um ponto de vista, um juízo de valor, uma avaliação sobre a esfera científica. Assim, foram

coletados os enunciados que colocaram em evidência pontos de vista; que expressaram uma opinião sobre a esfera da ciência.

Nas **relações dialógicas** desses enunciados, também foram coletadas as **respostas-ativas** a esses dados, pois, nossa intenção foi observar o **tensionamento** dado nos **embates discursivos** nessas esferas midiáticas sobre a ciência. Na coleta de dados realizada foi observada a emergência de certas regularidades nos discursos sobre a ciência no cronotopo pandêmico. Visto que essas regularidades demonstraram que esse discurso, tematizado valorativamente, revelou determinados embates, como por exemplo, entre relações de poder. As regularidades demonstraram embates nos discursos de relações de poder entre sujeitos cientistas e não cientistas, por exemplo, entre as diferentes áreas da ciência, entre figuras públicas e o discurso sobre a ciência.

Da mesma maneira, **os parâmetros de análise** dos dados foram os conceitos do Círculo de Bakhtin e da Análise Dialógica do Discurso, isto é, **o conceito de valoração, entonação, de ideologia, da refração do signo linguístico, do discurso como arena de embates e espaço de tensionamentos, de conflitos de sentidos, o discurso como campo em que não há espaço para neutralidade**. Assim, esses conceitos foram as balizas para a investigação e análise desses enunciados do discurso sobre a ciência.

Para conclusão desse capítulo, indicamos alguns aspectos para a leitura da análise dos dados, reforçamos de imediato que a autoria dos enunciados não foi suprimida dos *prints* obtidos nas redes sociais, pois para a nossa proposta essa informação também foi relevante na análise do discurso sobre a ciência.

Com base nesses enunciados produzidos nas redes sociais *Twitter* e *Instagram*, foram delimitadas as seguintes legendas para leitura na seção de análise de dados:

Tabela 1 - Legenda para organização dos dados das redes sociais sociais

<i>T - Twitter</i>	<i>I - Instagram</i>
--------------------	----------------------

Fonte: da autora

Na seção de análise, os dados podem ser lidos seguidos da legenda que possui a sigla referente à rede social da qual ele foi obtido, somado ao número em ordem de exposição na subseção, por exemplo “T1”, dado que foi retirado do *Twitter*, número 1.

Como os dados apresentam regularidades que emergiram durante os anos de 2020, 2021 e 2022 eles não serão expostos em ordem cronológica em que foram publicados nas redes. Dessa forma, a apresentação dos dados se deu de modo interligado e orientado pelas regularidades discursivas, observadas na análise e que geraram as subseções desta dissertação.

O quadro a seguir apresenta uma descrição dos dados apresentados nesta pesquisa.

Tabela 2 - Dados de Pesquisa

Esfera discursiva do enunciador	Dado	Fonte
Figura política	T1	https://Twitter.com/OsmarTerra/status/1329974137343930373
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T2	https://Twitter.com/badcountess/status/1329980300408057861
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T3	https://Twitter.com/maurosmagalhaes/status/1330246932938289157
Empresa de comunicação da extrema-direita	I1	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I2	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I3	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I4	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I5	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I6	https://www.Instagram.com/p/CBO3SYCAml/
Figura pública da internet	T4	https://Twitter.com/luide/status/1267101403979354112
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T5	https://Twitter.com/markrubs/status/1267102096354148352
Cientista	T6	https://Twitter.com/lauramarise/status/1339317

		711743164424
Interlocutor da esfera científica	T7	https://Twitter.com/DanielDainezi/status/1339369522596368386
Interlocutora da esfera da saúde	T8	https://Twitter.com/robgab19/status/1339386910511403010
Interlocutora da esfera da educação	T9	https://Twitter.com/galcantacaetano/status/1339430483936096256
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T10	https://Twitter.com/LucianeHubler/status/1339567632769556481
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T11	https://Twitter.com/FlavioLora/status/1339585945448804359
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T12	https://Twitter.com/OMAGOTRADER/status/1339572231433809925
Página de Divulgação Científica	I7	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Interlocutor da esfera científica	I8	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Interlocutor da esfera científica	I9	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Interlocutor da esfera científica	I10	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I11	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I12	https://www.Instagram.com/p/Cbkl4oNuNmJ/
Ator	T13	https://Twitter.com/brunogagliasso/status/1261316032364515329
Cientista e divulgador científico	T14	https://Twitter.com/ThomasVConti/status/1247283850474139648
Biólogo e divulgador científico	T15	https://Twitter.com/oatila/status/1250133353023578112

Atriz	T16	https://Twitter.com/maisa/status/1253352778224799750
Jornalista	T17	https://Twitter.com/paulomathias/status/1250148935101902848
Figura política	T18	https://Twitter.com/jdoriajr/status/1271064512003821568
Palestrante e Youtuber das Ciências Sociais	T19	https://Twitter.com/chavosodausp/status/1350882384531615744
Personalidade famosa	T20	https://Twitter.com/juliette/status/1397754695452708867
Personalidade famosa	T21	https://Twitter.com/GilDoVigor/status/1420081857354477576
Página de divulgação da cultura brasileira	I13	https://www.Instagram.com/p/B9JjVqHB1s0/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I14	https://www.Instagram.com/p/B9JjVqHB1s0/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I15	https://www.Instagram.com/p/B9JjVqHB1s0/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I16	https://www.Instagram.com/p/B9JjVqHB1s0/
Personalidade do <i>Twitter</i>	T22	https://Twitter.com/search?q=ala%20ci%C3%AAncia%20%20(from%3AMulherTamarindo)&src=typed_query
Historiadora e Professora	T23	https://Twitter.com/KellVila/status/1318616563252154368
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T24	https://Twitter.com/lucasewaldz/status/1318616973924773890
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T25	https://Twitter.com/guicgs/status/1318619874260885505
Produtora de conteúdo digital	T26	https://Twitter.com/mylaura_m/status/1334838763135102976

Interlocutor do <i>Twitter</i>	T27	https://Twitter.com/lfrbt/status/1334842670942982144
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T28	https://Twitter.com/omattsampaio/status/1334890559413030917
Advogado e Mestre em Direito	T29	https://Twitter.com/coimbrasousa/status/1405147212146003974
Interlocutor do <i>Twitter</i>	T30	https://Twitter.com/brndfrnc/status/1405310542634524672
Historiador e divulgador científico	I17	https://www.Instagram.com/p/CaqZv2TvF6x/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I18	https://www.Instagram.com/p/CaqZv2TvF6x/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I19	https://www.Instagram.com/p/CaqZv2TvF6x/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I20	https://www.Instagram.com/p/CaqZv2TvF6x/
Interlocutor do <i>Instagram</i>	I21	https://www.Instagram.com/p/CaqZv2TvF6x/

Fonte: da autora

No capítulo a seguir, estão apresentados os apontamentos sobre os já-ditos sobre a ciência do ponto de vista de uma temporalidade mais alargada, bem como a perspectiva sobre a ciência brasileira dos últimos anos, para então seguirmos para a análise de como o discurso sobre a ciência é tensionado no espaço-tempo da pandemia.

4 TEMPORALIDADES DA CIÊNCIA

Na primeira segmentação teórica do presente capítulo, na seção '4.1 A grande temporalidade dos discursos sobre a ciência', está organizada uma retomada sobre a historicidade da esfera da Ciência no recorte da modernidade e pós-modernidade. Com base principalmente nos pressupostos teóricos críticos sobre a Ciência de Boaventura de Souza Santos (1978, 1989 e 2008), contudo também realizamos uma relação com os pressupostos de uma visão de ciência de Mikhail Bakhtin (2017) [1975]. Com base nesses teóricos retomamos as visões históricas que evocam a esfera científica como status de poder e autoridade.

Na segunda segmentação teórica, na seção '4.2 A ciência brasileira: entre o avanço e o retrocesso' descrevemos uma perspectiva recente sobre o cenário da ciência brasileira diante do contexto político social dos últimos anos. Nesta seção estão apresentados alguns dados referentes a ciência brasileira, uma breve retomada de seus feitos nos últimos anos, bem como uma retomada crítica acerca da desvalorização dessa esfera pelo governo federal do pleito de 2018 a 2022.

4.1 A GRANDE TEMPORALIDADE DOS DISCURSOS SOBRE A CIÊNCIA

Para pensarmos o que se conhece como ciência hoje, é preciso retomar os escritos seminais de Boaventura de Souza Santos (1978; 1989; 2008) sobre o tema. No texto de 1978 'Da sociologia da ciência à política científica', o autor tece apontamentos sobre uma sociologia da ciência, imbricando questões internas e externas a ela, como as questões políticas e sociais, por exemplo. Já no texto intitulado 'Um Discurso sobre as Ciências' (2008) [1987], o autor apresenta uma percepção crítica sobre a ciência moderna, retoma suas circunstâncias e a coloca em evidência como paradigma dominante. Além disso, aponta uma crise desse paradigma e formaliza noções sobre a ciência pós-moderna, caracterizando-a como um paradigma emergente. Já no texto 'Introdução a uma ciência pós-moderna' o autor dá continuidade às noções do que vem concebendo-se como uma ciência pós-moderna.

De início, sabemos que a ciência moderna foi uma espécie de transição no que até então era a esfera científica, a partir do século XVI ocorreu uma verdadeira revolução

na ciência, quando a predominância da racionalidade foi o terreno para a concepção de metodologias científicas de alto rigor científico, aplicações matemáticas, métodos precisos de observação e experimentação, sendo esses aspectos relativos às ciências naturais, principalmente. Nesse sentido, a ciência obteve um salto qualitativo em resoluções e respostas para a sobrevivência do homem e para o conhecimento do mundo.

Boaventura de Souza e Santos (2008) aponta também que esse modelo de racionalidade científica é tomado nas Ciências Sociais somente no século XIX, sendo assim, é diante desse contexto definido pelo autor que:

A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: O senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com que o precede. (SANTOS, 2008, p. 21)

Diante disso, Santos (2008) ressalta que desde o período do século XVI, em a ciência moderna teve início, até os anos 1980, ano de escrita do texto “a ciência adquiriu total hegemonia no pensamento ocidental e passou a ser socialmente reconhecida pelas virtualidades instrumentais da sua racionalidade, ou seja, pelo desenvolvimento tecnológico que tornou possível (p. 30)”. Essa hegemonia pode ser entendida também como a validação do seu status científico como verdade absoluta pela sociedade.

Retomando a questão das Ciências Sociais essas tiveram como a base de suas formulações o racionalismo de Descartes e o empirismo de Bacon, porém, conforme retratado por Santos (2008), é principalmente no positivismo do século XIX que as Ciências Sociais se condensam.

Santos (2008) reitera como as ciências sociais são estruturadas inicialmente pelo pensamento positivista, uma vez que para o positivismo “só há duas formas de conhecimento científico - as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências

empíricas segundo o modelo mecanicista das ciências naturais” assim, reitera segundo essa corrente que as ciências sociais nasceram para ser empíricas” (p.33).

É pertinente ressaltar que as Ciências Sociais assumiram dois caminhos na ciência moderna, um deles, em que estão imbricadas pelo pensamento positivista de um lado, pelo qual tendiam a aplicar os modelos científicos das ciências naturais para a própria ciência social. Por outro lado, o outro caminho seguido pela vertente das ciências sociais possuía como objetivo negar o positivismo, e se conceber como um estatuto metodológico e epistemológico próprio, com suas próprias formulações de investigação científica, contudo ainda encaminhando-se para uma concepção mecanicista da natureza humana (SANTOS, 2008).

Nesse sentido, é interessante pensar na concepção de positivismo uma vez que é a principal corrente científica moderna. Santos (1989) discute o positivismo da seguinte maneira:

O positivismo lógico representa assim o apogeu da dogmatização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado de representação do mundo, sem outros fundamentos que não as proposições básicas sobre a coincidência sobre a linguagem unívoca e a experiência ou observações imediatas, sem outros limites que não os resultam do estágio do desenvolvimento dos instrumentos experimentais ou lógico-dedutivos. (SANTOS, 1989, p.23)

Isto é, na ciência moderna a corrente científica positivista é tida como a única perspectiva correta a precisa da qual é possível observar e representar fielmente o mundo e a natureza e suas leis, assim como o homem e a sociedade. Sendo, pois, compreendido como predominante e indiscutível, e tudo o que é oposto ao positivismo é irracional, é senso comum, é descartável para ciência.

Apesar de todos os ganhos em termos de conhecimento sobre a natureza e o homem, na percepção positivista, existia uma distância qualitativa entre as ciências naturais e as ciências sociais. Uma vez que as ciências sociais, por investigarem o homem e a sociedade não poderiam aplicar metodologias rígidas a fim de obter uma resposta exata, tal qual as ciências naturais.

É pertinente aqui fazer uma aproximação com o texto de Bakhtin (2017 [1975]), no texto ‘Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas’, o autor realiza uma crítica em relação às ciências humanas diante do positivismo securizante da ciência moderna. No

trecho a seguir, o autor se refere às ciências exatas, porém, essa visão monológica do fazer científico também se estende às ciências humanas, um exemplo seria a própria disciplina da linguística:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa (BAKHTIN, 2017, p.66)

Bakhtin reitera o fazer científico da ciência moderna, como uma prática monológica, um discurso monológico, visto que a busca pelo saber, a relação do cientista e do fazer científico com o objeto de estudo e os resultados obtidos, tidos como verdades intransigentes, não estão abertos ao diálogo. Diante desse contexto sobre a ciência moderna, e da proposição de Bakhtin, é possível estabelecer relação com a crise do paradigma dominante abordada por Santos (2008).

Para Santos (2008) a crise do paradigma científico se deu uma vez que a ciência moderna possibilitou um grande avanço de conhecimento, ao mesmo tempo esse avanço possibilitou à ciência ver as suas próprias fragilidades. Santos (2008) reitera que essas fragilidades são o próprio:

[...] rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objetivar os fenômenos, os objectualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza. É, em suma e finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido. Esta pergunta está, no entanto, inscrita na própria relação sujeito/objecto que preside à ciência moderna, uma relação que interioriza o sujeito à custa da exteriorização do objeto, tornando-os estanques e incomunicáveis. (SANTOS, 2008, p. 54)

Nessa crise apontada pelo autor, em que o rigor científico foi tamanho a ponto de securizar a ciência e os cientistas, é que surge o paradigma emergente. No passo em que as ciências sociais estavam atrasadas, ao mesmo tempo é por elas que o novo paradigma ganha corpo, a ciência pós-moderna. Todo o arcabouço rejeitado das ciências sociais na ciência moderna retorna como contribuição para a emergência da ciência pós-moderna. A dicotomia existente entre as duas concepções de ciências também deixou

de ser produtiva. O conhecimento específico de áreas é incentivado a ser utilizado fora do seu contexto específico de origem.

Nesse momento, cabe voltarmos ao texto de Bakhtin, pois é um exemplo do paradigma emergente nas ciências humanas o próprio conceito de dialogismo do autor. Pois, ao evidenciar a ciência moderna como um discurso monológico, que emudece o conhecimento e o próprio fazer científico, o autor também sustenta uma nova perspectiva para as ciências humanas, sendo o sujeito o objeto central das ciências humanas. Nessa perspectiva, Bakhtin enfatiza que o “sujeito como tal também não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2017, p. 66).

Isto é, o conhecimento dialógico, apontado pelo autor, é um caminho pertinente para pensarmos e produzirmos a ciência, até porque essa perspectiva seria oposta à mudez do fazer científico do paradigma dominante. Afinal, o fazer científico que evidencia o sujeito só pode se dar no dialogismo, e o dialogismo só é possível no estudo do texto. Pois, “Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo” (BAKHTIN, 2017, p.67). Isto é, diferentemente do paradigma dominante que exclui o sujeito e o diálogo do fazer científico, na perspectiva das ciências humanas, esses dois aspectos são fundamentais para a expressão do conhecimento.

Retomando à ascendência do paradigma emergente, segundo Santos (2008), “O conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista” (SANTOS, 2008, p.77) e assim “um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. (p.77). Isto é, os limites entre as áreas de conhecimento já não são rigorosos, e nem necessitam ser, a ciência pós-moderna se constrói na pluralidade de diferentes áreas, bem como na pluralidade de metodologias.

Outro aspecto da ciência pós-moderna é considerar que o objecto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento científico é auto-

conhecimento” (SANTOS, 2008, p. 83). Na ciência moderna não havia relação cientista e objeto investigado, a posição do cientista era só uma posição que alguém deveria ocupar, o sujeito cientista era ignorado no processo do conhecimento científico, contudo na ciência pós-moderna essa posição é parte fundante do construir científico.

Ademais, Santos (2008, p. 84) reitera que “a explicação científica dos fenômenos é a auto-justificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade. A ciência é, assim, autobiográfica. Santos (2008) retoma que a ciência moderna possibilitou que as perspectivas de sobrevivência do homem aumentassem de maneira extraordinária, contudo é na ciência pós-moderna que essa perspectiva é orientada para o saber viver. Santos enfatiza que:

Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado. (SANTOS, 2008, p.85)

Isto é, o fazer científico na ciência pós-moderna não é externo ao cientista, o cientista não está distante daquilo que observa e interpreta, como era a regra na ciência moderna. Assim como, o senso comum, rejeitado na ciência moderna, retorna na ciência pós-moderna como integrante desse processo de conhecimento. A ciência pós-moderna tem como objetivo contribuir com o senso-comum, tornar-se senso comum, pois seu objetivo é o bem viver social. Segundo Santos (2008):

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida. (p.91)

Um aspecto importante a ser destacado nessa retomada histórica acerca da ciência moderna, e que também se estende a ciência pós-moderna, é a questão da autoridade científica e de como certas áreas do saber científico possuem maior notoriedade, e por isso, são beneficiadas financeiramente, recebem investimentos, afinal são áreas que correspondem diretamente aos interesses da sociedade dominante (SANTOS, 1978). Como é o exemplo de áreas que envolvem desenvolvimento tecnológico.

É pertinente perceber que a própria denotação “autoridade científica” remete a uma noção de poder que seria capaz de impor normas sociais, porém Santos (1978), aponta que é uma concepção que se esgota na ideia de excelência profissional. Isso porque, o poder que compreenderia a esfera científica é um poder consentido, mas nunca inteiramente consentido. Santos (1978), corrobora que:

[...] embora a excelência profissional tenda a coincidir com poder consentido, não se trata de uma relação necessária ou unívoca. Em tempos de crise ou de grande movimentação (sobre desenvolvimento) científica, como aquele em que vivemos, os critérios de excelência podem sofrer fracturas mais ou menos profundas. (SANTOS, 1978, p.46)

E, neste momento, o poder que era consentido passa a ser dominação. Do mesmo modo, o autor reforça a noção de poder que a autoridade científica pode exercer e o qual é exercido sobre ela na seguinte conjuntura:

[...] o poder que a ciência exerce na sociedade é o produto dialético da relação entre o poder que a sociedade exerce sobre a comunidade científica e o poder que se exerce no seio desta. Nas sociedades capitalistas - porque fraturadas em classes antagônicas - [...] porque os privilégios sociais são desiguais e burocraticamente distribuídos - o poder social tende a ser exercido de modo a favorecer sistematicamente a classe dominante, e, portanto, de modo a consolidar as condições em que tal domínio ou privilégios assentam ou se reproduzem. É este o poder específico que se exerce sobre uma comunidade científica, e não um poder social abstracto, emanado de uma consciência coletiva e global à maneira de Durkheim. É um poder portador de objetivos sociais que variam segundo o grau de especificação e o processo de canalização. (SANTOS, p.46, 1978)

Diante desses apontamentos, é certo que a ciência depende dos fatores e do endosso político-social para exercer e sustentar a sua autoridade científica no meio social. Em termos gerais, tentamos exemplificar as noções de ciência que, de certa maneira, são compreendidas como uma unidade, a saber, a esfera científica. Apesar dessa retomada crítica e histórica acerca das ciências proposta por Boaventura de Souza Santos, e as mudanças de perspectivas científicas, é ainda muito comum que se tenha como “A” ciência, a qual possui como estatuto de verdade aceito pelo coletivo, a ciência natural, positivista, e a ciência do desenvolvimento tecnológico. As ciências sociais, as ciências humanas, ainda são geralmente concebidas como inferiores, ou até mesmo nem

compreendidas como ciências, resquícios ainda da sistemática ciência moderna e do seu caráter hegemônico.

Contudo, é necessário enfatizar que atualmente até mesmo as ciências naturais, que nos últimos séculos se consolidaram como esfera científica hegemônica com seu *status* de verdade praticamente imune, estão sendo atingidas por posições negativas, por juízos de valor que colocam em xeque seu estatuto.

Diante dessa conjuntura de descrédito, realizada por uma parcela da população, sobre a esfera da ciência em diversas regiões do globo, principalmente no período da pandemia, organizamos na próxima seção uma retomada sobre o cenário da ciência brasileira nos últimos anos. São retomados acontecimentos sócio-históricos do contexto político social brasileiro que reverberaram de modo negativo sobre a ciência brasileira.

4.2 A CIÊNCIA BRASILEIRA: ENTRE O AVANÇO E O RETROCESSO

A partir do panorama mais amplo sobre a esfera da ciência, apresentado na subseção anterior, é fundamental discorrer sobre o papel da ciência no contexto da sociedade brasileira. É possível dizer que há muito desconhecimento sobre a importância, a relevância, e o espaço que a ciência ocupa no nosso país. A ciência brasileira, para muitos, é uma completa desconhecida. No contexto da pandemia pela Covid-19, ela recebeu uma maior atenção na mídia, contudo, ainda, grande parte da sociedade não sabe quem a produz, como e onde.

Faz-se necessário dizer que a ciência brasileira é primordialmente produzida nas Universidades do país, em sua grande maioria, nas Universidades Públicas. Esse é um dado que é profundamente desconhecido da comunidade em geral. Ainda se tem a percepção de que as universidades possuem o papel apenas de formar profissionais para o mercado de trabalho com conhecimentos específicos sobre as diferentes áreas de atuação, contudo, essa é apenas uma das funções do espaço universitário.

Nesse sentido, é pertinente salientar que o acesso à Universidade é recente, principalmente para a população das classes média e baixa, para a população dessas classes o acesso se deu principalmente nos últimos 20 anos. Apesar dos avanços nesse sentido, isso se reflete ainda em uma lacuna na relação da comunidade fora da academia

com a comunidade acadêmica e científica das universidades, implicando principalmente na visão que o restante da comunidade possui sobre a Universidade.

Dessa maneira, pode-se compreender, conforme aponta o professor Vagner Gomes Ramalho (2020) que:

Ainda que as formas de acesso tenham se alargado nas últimas décadas, apenas nos últimos anos a educação superior e o trabalho com pesquisas científicas avançou alguns passos em direção à universalização de seu acesso. Embora mais acessível que há 20 anos, ainda hoje o acesso a uma universidade em nosso país é bastante restrito. (p.70)

É recente o acesso da população em geral nas universidades do país, mas algumas instituições, como a Universidade de São Paulo, por exemplo, existem desde 1934. Segundo dados retirados do site 'Memorial da Democracia'⁶, em 2003 existiam no Brasil somente 43 universidades federais, e somente em 2010 esse número aumentou devido ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

É importante salientar que diante desse cenário, um dos principais órgãos de fomento para produção de pesquisas científicas nas universidades ocorre pela parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O CNPq foi criado em 1951 e é um dos principais setores responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa científica no país, a sua principal atuação é formular e conduzir políticas de ciência, tecnologia e inovação.

O CNPq atua em todas as áreas do conhecimento e contribui para a produção da pesquisa tanto dos alunos em formação quanto dos professores nas universidades brasileiras. Segundo a professora da Universidade Estadual do Ceará, Denise de Souza Elias (2021), o CNPq foi responsável por melhorar o ranking do Brasil dentre os países que produzem ciência com qualidade em âmbito mundial. A atuação do CNPq contribuiu para que mais de 80 mil pesquisadores brasileiros recebessem relevância internacional e reconhecimento pela comunidade científica. Nesse contexto, é de extrema importância

⁶ Números retirados do museu virtual 'Memorial da Democracia': <http://memorialdademocracia.com.br/card/o-brasil-chega-a-universidade/2>

citar alguns exemplos pertinentes de descobertas e produções científicas brasileiras. Segundo Elias (2021), a ciência brasileira foi responsável pela descoberta do pré-sal, pela transformação do Brasil em um importante produtor e exportador de aeronaves. Elias (2021) ainda enfatiza a produção da pesquisa brasileira de geógrafos responsáveis por contribuir com estudos da empiricização do tempo no espaço em diferentes escalas geográficas, que permitem auxiliar na compreensão da formação socioespacial brasileira, bem como o estudo da economia política da urbanização e das cidades e do aumento das desigualdades socioespaciais que são promovidas pela propagação do agronegócio globalizado. A autora também enfatiza o feito da ciência brasileira reforçando sua importância e potencial na criação em tempo recorde das vacinas contra a covid-19 e nos procedimentos de tratamento da doença.

Além desses exemplos, também destacamos o fazer científico brasileiro no contexto da pandemia. Após 48 horas da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, em 2020, a pesquisadora brasileira Jaqueline Goes de Jesus foi a responsável pelo mapeamento completo do genoma do vírus. Nesses dois anos de pandemia, os pesquisadores brasileiros também descobriram uma nova variante do Covid-19 em 2021, e os efeitos colaterais da doença em outros órgãos, como cérebro e rins. Não podemos esquecer que na própria universidade, a qual a presente pesquisa está vinculada, alunos e professores pesquisadores também contribuíram com o desenvolvimento científico para o enfrentamento desse período crítico.

Os pesquisadores da UTFPR, do campus de Apucarana, desenvolveram um ventilador mecânico de baixo custo no ápice da pandemia. Essas foram algumas dentre tantas outras contribuições da ciência brasileira nesse período.

Contudo, para além desse contexto, é extremamente importante que destaquemos o que vem acontecendo com o principal órgão de fomento da produção científica brasileira. Principalmente nos últimos anos, após o ano de 2016, o CNPq vem sofrendo sérios e drásticos cortes de investimento por parte do governo federal. O orçamento do CNPq não recebe investimento desde o golpe de 2016⁷. Pelo contrário, após esse

⁷ O golpe de 2016 foi o processo de impeachment realizado pelo congresso nacional em 2016 contra a ex-presidenta Dilma Rousseff. O termo 'golpe' foi utilizado principalmente pela esquerda e associado principalmente ao acontecimento devido aos trâmites contraditórios que desencadearam esse processo.

acontecimento, ano a ano, diversos cortes orçamentários ocorreram, produzindo um evidente desmonte desse órgão no país, assim como das próprias universidades públicas. Segundo notícia⁸ divulgada em junho de 2022, no site da Câmara dos Deputados, a ciência brasileira sofreu cortes de 80 bilhões nos últimos anos. E para 2023, na lei orçamentária anual⁹ aprovada na gestão de Jair Messias Bolsonaro, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) teria mais um corte de 42%, isto é, uma perda de mais 4 bilhões para o setor. O FNDCT é o órgão responsável pelas verbas do CNPQ e da Capes.

Observamos que até o último momento do então chefe do Executivo Jair Messias Bolsonaro foram evidentes as tentativas de boicotar o crescimento e o desenvolvimento da ciência brasileira, bem como de enfraquecer os seus respectivos ganhos.

É notável que a ideologia conservadora e liberal que foi dominante durante este período dependeu fortemente do obscurantismo e da distorção ativa de fatos para que fosse mantida sua hegemonia, sobretudo exercida sobre indivíduos que passaram, a partir disso, a crer em uma versão delirante da realidade. Nesse sentido, percebe-se que foi truisticamente bradada a defesa de determinados valores incontestáveis, em defesa de um conservadorismo vazio de conteúdo, que estaria sob a ameaça de inimigos inventados e fictícios. Esses valores, além de conduzirem o debate público nas diversas esferas políticas nos últimos anos, como na economia, na educação e na saúde, foram principalmente, e de modo extremo, pressionados também sobre a esfera da ciência brasileira.

A ciência brasileira, por ser séria, como qualquer outra, é produtora de conhecimento sobre a realidade, sobre a natureza e o homem, e principalmente, sobre

Isto é, um processo considerado ilegítimo contra uma presidente democraticamente eleita, baseado em interesses morais e pessoais da bancada mais conservadora do Congresso. O congresso abriu o processo de impeachment sob pretexto da prática da pedalada fiscal pela ex-presidenta, contudo a pedalada fiscal foi uma prática comumente realizada por diversos Chefes do Executivo. Após a saída da ex-presidenta do cargo, a prática da pedalada fiscal deixou de ser considerada crime de responsabilidade fiscal. Dessa forma contribuindo para associação do impeachment a um golpe contra a democracia brasileira.

⁸Números em valores dos cortes realizados na ciência brasileira nos últimos anos:

<https://www.camara.leg.br/noticias/883070-orcamento-da-pesquisa-cientifica-perdeu-mais-de-r-80-bilhoes-nos-ultimos-sete-anos/>

⁹ Corte de valores para a ciência na Lei orçamentaria anual aprovada para 2023: <https://www.terra.com.br/byte/apos-anos-de-cortes-o-que-esperar-da-ciencia-na-gestao-lula.7f599649f69530974b14a4e365b651a5b18cw94a.html>

as mazelas da sociedade. Conhecimento que é desenvolvido por pesquisadores sérios que dedicam suas vidas ao fazer científico brasileiro, e que, diferente de uma agenda política que, pode ser analisado, medido, comprovado, e principalmente questionado. Pois o processo do fazer científico não é estático. Fazer ciência requer método, teoria, análise e questionamento sobre o processo. Como corrobora o pesquisador brasileiro da UFBA, Carlos Zacarias de Sena Júnior (2019):

Dizer que a ciência é séria é assumir que ninguém se arvora a discutir o que quer que seja de uma perspectiva científica sem ter estabelecido as premissas fundamentais na aplicação de um método, sem ter definido a forma do procedimento, sem ter refletido sobre as experiências que precisará fazer ou as fontes e dados que precisará acessar para chegar ao resultado pretendido e também sem ter por trás de si uma teoria que é estruturante e orientadora de todo o procedimento, mas que funciona sempre como expectativa e nunca como uma camisa de força ou uma imposição a priori. (p. 23)

Nesse sentido, fica evidente que na ciência não há espaço para a negação e o medo. Afinal, o medo não faz parte do processo científico, pois, o medo é estagnante, paralisante, e a ciência é próspera. Diferentemente do então governo de Jair Messias Bolsonaro que impõe o medo como argumento para sua política deteriorante do progresso científico brasileiro. Afinal, como definem os autores Carvalho (et al):

É comum a governos autoritários o desprezo às ciências. Isso porque, o conhecimento, na dialética dos saberes, pavimenta caminhos seguros para o desenvolvimento social, reduzindo desigualdades e ampliando oportunidades de trabalho, protagonismo político e gozo pleno de direitos. Negar a ciência faz parte das agendas que pretendem o agravamento das desigualdades, governando em prol de oligarquias econômicas e em detrimento de todo o resto. A doutrina ao mencionar a aliança do governo contra a ciência busca enfraquecer o conhecimento e, assim, obter o grau de autoritarismo que precisa para governar, pois ao incorporar o mote do medo pode alcançar o objetivo capitalista de Estado mínimo e população controlada pelos valores cristãos. (CARVALHO et al, 2020, p.128)

É evidente que as classes de professores, alunos, pesquisadores e membros de toda a comunidade acadêmica se sentiram desprezados e atacados diretamente pelo Governo Federal, cujas medidas nesse sentido foram fruto de posicionamentos explícitos e inerentes à ideologia liberal, o que acabou resultando em um apagamento dos últimos

20 anos de ganhos no quesito de acesso à universidade e investimento na ciência brasileira.

Nesse contexto, é relevante ressaltar que nos períodos anteriores de desenvolvimento, em que o CNPq e a CAPES recebiam maior investimento do governo federal, algumas áreas sempre foram mais priorizadas que outras. Por exemplo, a área da Engenharia foi a área que mais recebeu investimento, seguindo das Ciências Naturais, Ciências da Saúde, Agricultura e somente por fim, as Ciências Sociais. Durante a última gestão do Poder Executivo Federal (2019-2022), houve cortes em diversas áreas de pesquisa, tendo sido a área de Ciências Humanas uma das mais afetadas por tais medidas.

É bastante perceptível que tanto os cortes realizados na área de Ciência e Pesquisa, quanto outras medidas referentes às Universidades Públicas adotadas pelo então Governo Federal, não se trata de acontecimentos infortuitos ou fruto de fatores imprevisíveis. São medidas adotadas de maneira livre e consciente, conforme denota-se das declarações públicas daquele que por quase dois anos ocupou o cargo de Ministro da Educação: Abraham Weintraub.

As ciências humanas foram desqualificadas de tal modo, que por diversas vezes a área foi sugerida como completamente inútil ao progresso do país. Muito embora Weintraub tenha sido ministro da educação, sua carreira como professor foi irrelevante. Apesar disso, o ex-ministro ainda proferiu inúmeras banalidades sobre as ciências humanas. Uma delas foi mencionar que aqueles que desejassem estudar filosofia, por exemplo, o deveriam fazer com o próprio dinheiro, e não com o dinheiro do estado, se referindo às vagas em universidades públicas. Isso porque, conforme coloca em evidência Sena Júnior (2019):

Para o ministro da Educação do governo de Bolsonaro, o dinheiro público “que iria para faculdades como filosofia, sociologia” seriam agora colocados em faculdades “que geram retorno de fato: enfermagem, veterinária, engenharia e medicina”, pois a coisa mais importante que o governo deve fazer, segundo disse, “é respeitar o dinheiro do pagador de imposto”. Então o investimento a ser feito deveria ser exclusivamente em habilidades, como ler, escrever e fazer conta, sendo a segunda coisa mais importante, aprender “um ofício que gere renda para a família” e que “melhore a sociedade em volta dela”, algo que a Filosofia e as humanidades, jamais seriam capazes de proporcionar. (p.42)

Esta percepção negativa sobre as ciências humanas é uma manifestação de falta de compreensão ou mesmo medo? É contraditório acreditar que a melhoria da sociedade pode ser alcançada sem a contribuição das disciplinas que abrangem as áreas da filosofia, história, sociologia e dos estudos da linguagem. Que tipo de sociedade "melhor" seria uma sociedade que exclui as áreas do conhecimento que lidam com questões fundamentais como a educação e a sociedade em si? É difícil imaginar como um país pode ser melhorado sem o envolvimento de suas principais áreas de conhecimento. Além dessa percepção de que as ciências humanas são pouco produtivas e importantes, Sena Júnior (2019) enfatiza que um:

Levantamento recente indica que o incremento em produtividade da ciência no Brasil, aquela medida por investigações publicadas em periódicos científicos, foram da ordem de 67,3% no período entre 2008 e 2017, algo que colocou o país entre os 15 maiores produtores de ciência do mundo. Nesse período, as ciências sociais aplicadas cresceram 77%, a linguística 106% e as humanidades expressivas 123,5%, situando o país numa posição de respeito entre os produtores de ciência no mundo. (p.43)

A produção científica nas áreas das ciências humanas tem crescido significativamente no país nos últimos anos, e é inegável o seu potencial de contribuir para a sociedade. Entretanto, questiona-se por que essa área foi tão rejeitada e desacreditada pelo ex-governo federal. O que há de tão perigoso nas ciências humanas a ponto de serem minimizadas e deslegitimadas? A resposta a esta questão é bem clara, e está nas próprias ciências humanas:

Se o governo de Jair Bolsonaro ataca a ciência, as universidades e a inteligência do país, não é por outro motivo que não o seu conteúdo obscurantista e autoritário, conteúdo este que não permite que um governante que luta permanentemente contra os dados e evidências da realidade, e que passou toda a sua vida negando que tenha havido golpe e ditadura, e ainda por cima, que diz que nazismo é de esquerda, lide bem com historiadores e demais pesquisadores que comprovam justamente o oposto. (SENA JÚNIOR, 2019, p.43-44)

Vale ressaltar que a ascensão ao Governo Federal por parte de seu ocupante durante o referido período foi fruto de uma onda internacional de expansão da extrema-direita, fenômeno que não parece ter ocorrido de forma orgânica e que possui um método

muito bem estabelecido, dentro do qual as ciências humanas são tidas como inimigas do Governo, que é pautado em um profundo delírio negacionista da realidade.

As ciências humanas, como produtoras de conhecimento sobre a realidade, também produzem conhecimento sobre governos de extrema-direita. Dessa forma, são vistas como ameaçadoras por esses tipos de regimes políticos, pois não há como defender uma administração que busca suprimir o diálogo em diferentes áreas, incluindo a ciência, a educação, a religião e a política em geral. Nenhum cientista ou pesquisador sério da área das ciências humanas poderia apoiar um governo que tem como objetivo principal eliminar o diálogo e o debate.

Diante desses apontamentos, fica evidente que a ciência brasileira, em suas diversas áreas, e tão jovem em termos de pesquisa e investimento, tenha sido tão fragilizada nos últimos anos por essa agenda política da extrema-direita que atentou contra a ciência brasileira e a deixou respirando por aparelhos. Foram inúmeros os casos de pesquisadores, institutos e universidades que precisaram desembolsar dinheiro do próprio bolso para conseguir manter suas pesquisas e as instituições funcionando. Além de casos de pesquisadores brasileiros que sofreram ameaça de morte e precisaram deixar o país, como no caso da pesquisadora Larissa Mies Bombardi, do departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, a pesquisadora sofreu ameaças em 2019, após lançar um estudo sobre o uso de agrotóxicos no Brasil.

Conclui-se que houve interesse por parte da agenda política do governo em fragilizar não apenas a ciência como um todo no Brasil, mas especialmente as ciências humanas, privando-as de investimentos, silenciando sua voz no debate político e questionando e deslegitimando sua importância. Um governo que não investe na ciência e na educação é, provavelmente, motivado pelo medo do que a ciência possa vir a revelar sobre sua administração e agenda política.

No próximo capítulo estão elencados os dados da presente pesquisa, são os dados os discursos realizados pela eventicidade do cronotopo pandêmico sobre a ciência. Nos dados também observamos o discurso heterocronotópico em que se revelam as diferentes temporalidades da ciência, posto que são retomados os já ditos da temporalidade mais alargada sobre essa esfera, assim como os discursos relativos à temporalidade recente sobre o cenário da ciência brasileira.

5 O CRONOTOPO PANDÊMICO: A PEQUENA TEMPORALIDADE DOS DISCURSOS SOBRE A CIÊNCIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise de dados referente às regularidades discursivas que emergiram no cronotopo pandêmico. Nos dados elencados neste período foi possível observar uma disputa entre a verdade da ciência e a verdade da pós-verdade, disputa que resultou em regularidades discursivas distintas. A análise busca identificar as verdades que emergem na posição enunciativa de diferentes sujeitos e diferentes camadas sociais. É importante destacar que esta análise permitirá compreender como as verdades são construídas e disputadas neste contexto, contribuindo para a compreensão dos discursos no período pandêmico sobre a esfera científica.

Nas seções a seguir estão organizados os dados das regularidades discursivas. Na seção 5.1 é retomada a noção sobre pós-verdade. Na seção 5.1 e nas subseções 5.2.1, 5.2.2 e 5.2.3 estão elencadas as regularidades discursivas que emergiram dessa disputa da verdade sobre a esfera científica. São elas, a regularidade entre a disputa da voz do sujeito cientista e de sujeitos não cientistas, a regularidade das redes sociais como potencializadoras de tensionamentos de diferentes vozes sobre a esfera científica e por último a regularidade da disputa de vozes entre diferentes campos do conhecimento.

5.1 OS TENSIONAMENTOS EM TORNO DA 'VERDADE' SOBRE A ESFERA CIENTÍFICA

Na pequena temporalidade do cronotopo pandêmico, a Ciência passou a ser tematizada incessantemente nos discursos. Pois, a eventicidade desse cronotopo em que um vírus surge como uma ameaça à saúde pública e a vidas das pessoas caracteriza essa intensa tematização dos discursos sobre a esfera científica. Afinal, a Ciência é a esfera responsável por comunicar ao mundo sobre a existência do vírus e a gravidade da situação. Assim, nessa tematização são retomados os já-ditos sobre a ciência na grande temporalidade, e que dada a eventicidade do cronotopo, se dão nas relações dialógicas do discurso com a pequena temporalidade que se instaura.

Com o avanço dos casos e conforme as informações sobre o vírus eram noticiadas e a realidade caótica da pandemia se fazia cada vez mais concreta, a sociedade que até então não conhecia o sentido da expressão “novo normal” passou a experimentar uma busca incessante de sentido para essa nova realidade. Porém, com ressalvas, para alguns a emergência da pandemia ditou mudanças drásticas na realidade, na vida, nas relações, para outros, essa realidade nada mais era do que apenas um problema temporário, que não merecia grandes alardes.

Observamos a refração do signo ideológico “pandemia”, pois a pandemia não significava e não significa o mesmo para todos, assim como as posições da esfera científica sobre a pandemia. Diante dessa realidade, e da oposição de perspectivas sobre pandemia, a polarização no discurso sobre a ciência também foi progressivamente tensionada.

É importante ressaltar que devido a questões político-sociais que decorreram principalmente na última década, a polarização, em diversas esferas da vida, do discurso, vem sendo tensionada dia após dia. Assim, tal polarização não teve início no cronotopo pandêmico, mas devido ao contexto da emergência sanitária, a polarização foi paulatinamente encorpada no discurso, sobretudo no discurso sobre a ciência.

O debate acerca da ciência foi marcado por uma multiplicidade de perspectivas e perspectivas divergentes desde o início da pandemia, com opiniões variadas sobre o papel da ciência na compreensão e enfrentamento do cenário pandêmico. E todas essas opiniões, expressadas por diversos sujeitos situados nessa realidade pandêmica, mobilizam no discurso sua avaliação sobre o que diz a ciência. Tais avaliações são enunciadas em um tom valorativo baseado, principalmente, na noção da ‘verdade’. O que eu digo, o que eu avalio é ‘a verdade’ sobre o acontecimento da pandemia e do que a ciência nos diz sobre a pandemia.

Isso porque, “a ciência”, assim como “qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente *refrata* todos os fenômenos da vida social (VOLOCHINOV, 2013, p.195). Cada sujeito, ao enunciar no discurso sobre a ciência, o faz da maneira com que sua posição avaliativa sobre essa esfera seja ouvida, validada, aceita e tida como verdade. Essa é a refração do signo tensionada nesse contexto pandêmico.

É a disputa pelo sentido que está em jogo, devido aos diferentes interesses das esferas sociais a que esses sujeitos enunciativos pertencem e participam no cronotopo pandêmico. Segundo Volochinov (2013), “uma mesma palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vista distintos, mostra relações diferentes com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de realidade que constitui o tema daquela palavra. (p.197)

Dessa forma, os sujeitos enunciam uma certa ‘verdade’ da ciência, mas essa verdade não é una, dada a refração que se materializa nos signos ideológicos. Assim também, o signo ‘ciência’, no cronotopo pandêmico, é refratado pelos sujeitos de diferentes esferas sociais como, por exemplo, sujeitos da esfera pública, da política, da saúde, das diferentes áreas da ciência, sujeitos comuns etc. Esferas que disputam o sentido do que esse signo significa. Nessa arena dialógica, é possível observar algumas regularidades que emergem no tensionamento dos discursos sobre a ciência.

Nessa seção analisamos a primeira regularidade, a oposição entre a verdade da ciência e a da pós-verdade. A pós-verdade é um termo que ganhou conhecimento público principalmente a partir do ano de 2016, sendo, pois, popularmente empregado devido ao contexto da eleição presidencial nos Estados Unidos, a que elegeu Donald Trump.

Esse termo foi empregado para se referir ao contexto da eleição do agora ex-presidente norte-americano, pois sua agenda política sempre tratou a verdade objetiva, a verdade dos fatos como uma questão secundária, dispensável, tendo como agenda política as *fake news* e a distorção de fatos, questões que o levaram à presidência dos Estados Unidos.

Segundo o Jornalista Matthew D’ancona, autor do livro ‘Pós-verdade a nova guerra contra os fatos em tempo de Fake News’, a novidade da pós-verdade “não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência.” (2018, p.34). Isto é, a aceitação e replicação do público a discursos embasados na pós-verdade, e que conseqüentemente, são mentiras ou distorções da realidade. É o aceite do público à convivência com essas mentiras e distorções, é uma certa acomodação com esse tipo de discurso.

De acordo com o autor, o fenômeno da pós-verdade é uma reação do público às notícias falsas. Acredita-se que as crenças da pós-verdade surgem a partir da

disseminação de mentiras, e principalmente quando essas mentiras são apresentadas como fontes confiáveis, fica extremamente difícil diferenciar entre o que é verdadeiro e o que é falso. Nesse cenário, qualquer pessoa pode ser considerada "especialista".

O autor também destaca que a pós-verdade advém de um movimento de "valor declinante da verdade como moeda de reserva da sociedade e a difusão contagiosa do relativismo pernicioso disfarçado de ceticismo legítimo" (2018, p.14).

Dessa forma, a pós-verdade é um termo que se refere a uma situação em que fatos objetivos são ignorados ou desacreditados em favor de opiniões ou afirmações emocionais ou pessoais. A pós-verdade é uma forma de discurso que prioriza a persuasão e a emoção sobre a verdade objetiva ou os fatos comprovados.

E sob o discurso da pós-verdade as pessoas são mais propensas a aceitar ideias ou informações que confirmam suas opiniões preexistentes, independentemente de sua verificabilidade. Isso levou a polarização política e ao aumento da desconfiança nos canais oficiais de comunicação midiática, nas instituições, na ciência.

Assim, a pós-verdade se tornou um fenômeno complexo que tem várias causas, incluindo a influência das redes sociais a manipulação da informação, a desinformação deliberada e a polarização política. Após 2016 quando a pós-verdade se tornou publicamente conhecida, e posteriormente, na deflagração da pandemia, ocorreu uma intensa produção discursiva assentada nesse fenômeno.

Nos enunciados de diversos sujeitos, e principalmente no discurso de figuras públicas e políticas, a pós-verdade foi mobilizada de maneira incansável no cronotopo pandêmico, sobretudo, nas redes sociais. Como exemplo a seguir, a publicação no *Twitter* do ex-ministro da Cidadania, Deputado Federal Osmar Terra:

Figura 05 - T1



Fonte: *Twitter*

No enunciado do deputado, publicado em 20 de novembro de 2020, é apresentado um ponto de vista sobre o fazer da ciência na pandemia e implicações políticas nesse processo. O enunciado T1 é uma resposta-ativa compartilhado como tweet juntamente com uma notícia¹⁰ em que um patologista canadense afirma que a pandemia é uma farsa.

O enunciado é estruturado de maneira que no início da frase o autor mobiliza a posição de status desse patologista, afinal é um profissional da área e da saúde, tem respaldo seu status social de sujeito da esfera da ciência e da saúde, evoca essa posição e, dessa forma, pretende intensificar a validação do interlocutor para o que será dito a seguir. Nesse sentido é pertinente reforçar que nem todo profissional da esfera da saúde é pesquisador, contudo, a percepção do auditório social é de que esses profissionais também são das autoridades da esfera científica.

Outra avaliação expressa nesse enunciado é a que se mobiliza ao evidenciar a nacionalidade do patologista, ou seja, a nacionalidade não sendo brasileira, sendo estrangeira, canadense, também evidencia uma valoração positiva. em outras palavras, o enunciado ressalta essa autoridade científica estrangeira como positiva.

No decorrer do enunciado, o deputado emprega adjetivos negativos como “exageros” e “danos absurdos” para se referir ao que teria acontecido com a ciência, no

¹⁰ O link da notícia foi removido, mas ao passar o mouse sobre o link da matéria é possível observar o título que diz “Patologista canadense afirmou que vírus chinês é a maior farsa já perpetrada contra um público desavisado”. A notícia compartilhada por Osmar Terra também foi posteriormente desmentida, contudo o tweet ainda está no ar, contabilizando 4480 curtidas.

enfrentamento da pandemia, e que tais “exageros” e “danos absurdos” teriam sido causados pela participação da política nesse processo. Porém, em nenhum momento ele menciona quais seriam esses exageros e danos, mas ainda assim, no uso desses adjetivos suscita um sentimento de indignação e de dúvida no interlocutor.

Pode-se considerar que o seu interlocutor teria que acessar e ler a notícia para receber essa informação, mas não é uma ação necessária, pois o enunciador espera que o interlocutor possa presumir essa informação do enunciado com o discurso que ele já conhece e que lhe é familiar, isto é o discurso de que a pandemia não seria um problema tão grande, como declarado pelas instituições públicas de saúde e a esfera da ciência. Esse discurso, que relativiza os efeitos da pandemia, foi amplamente disseminado desde o início por diversas figuras públicas, de diversas esferas da sociedade. Sendo assim, esses interlocutores já estão habituados a esse discurso.

Ele também enfatiza que a política foi a causadora dos danos, mas que política? de quem ele está falando? Isso não é indicado no enunciado, mas intenta o interlocutor a presumir de qual política ele está falando; é um já dito que está no horizonte valorativos dos interlocutores. Afinal, o enunciador também é uma figura pública da esfera política, e possui determinada posição ideológica dentro do escopo governamental do país; é aliado do presidente da república, possui orientação ideológica do espectro político de extrema direita. Sendo, assim, o enunciado se refere a uma outra política, não à política a que pertence e está alinhado. Ou seja, se refere à esfera política da oposição.

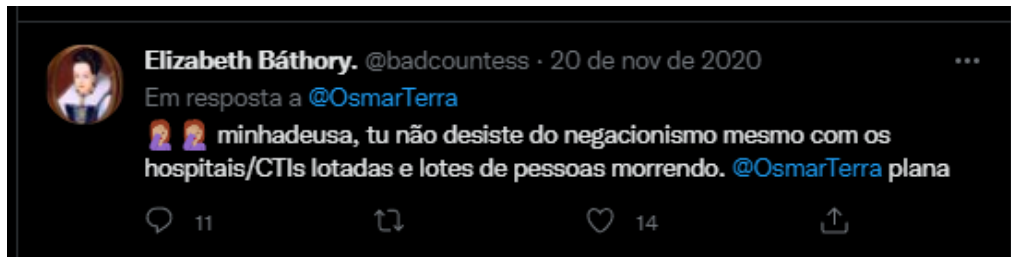
O enunciado do deputado exprime um ponto de vista valorativo negativo sobre a ciência, e exprime uma valoração que é estruturada pela relação dialógica com o discurso da pós-verdade. As opiniões do patologista, de que a pandemia seria uma fraude, são completamente infundadas. São baseadas em um achismo coletivo, uma crença, que distorce a realidade objetiva. Esse discurso de que a pandemia é uma fraude também foi e é disseminado desde o início da pandemia.

No entanto, enunciador não nega explicitamente a realidade da pandemia, como proposto no discurso do patologista, mas ele responde a esse discurso negacionista fundamentado na pós-verdade, e o mobiliza no próprio discurso, de outra maneira, de maneira imprecisa, vaga para o seu interlocutor. Assim, o enunciador fomenta aos seus interlocutores e ao seu auditório social, a sua ‘verdade’, sua avaliação negativa e a dúvida

sobre a esfera não só científica, mas política também. Afinal, “A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, etc.” (VOLOCHINOV, 2018, p.204-205). Nesse caso, os interlocutores são os seguidores de Osmar Terra, por exemplo, e outros que ainda possam a vir concordar com o proposto por ele no enunciado.

Mas, devido a seu perfil público e aberto no *Twitter*, nos comentários do tweet também são produzidas respostas-ativas a esse enunciado de posições de interlocutores cujas orientações valorativas são contrárias ao do enunciador, como o exemplo do enunciado a seguir:

Figura 06 - T2



Fonte: *Twitter*

No enunciado, o interlocutor mobiliza o seu enunciado com indignação e um questionamento. Questiona a posição do deputado, expondo seu ponto de vista, referindo-se ao deputado como negacionista, mesmo que o deputado não tenha explicitamente negado a realidade da pandemia, mas, o interlocutor compreende que de maneira perniciosa foi relativizado o combate da ciência à pandemia.

O enunciado é estruturado pelo interlocutor que utiliza como argumento a realidade dos fatos para opor-se à relativização evidenciada no enunciado do deputado. Sabe-se que em novembro¹¹ de 2020 seis capitais brasileiras tinham mais de 80% das UTIS lotadas por pacientes da covid-19.

A interlocutora finaliza o enunciado acionando um discurso já dito com o nome do deputado federal, o chamando de “Osmar Terra Plana”, para enfatizar o próprio ponto de

¹¹ Acesso em jul de 2022: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/seis-capitais-tem-mais-de-80-de-lotacao-de-utis-para-covid-19.shtml>

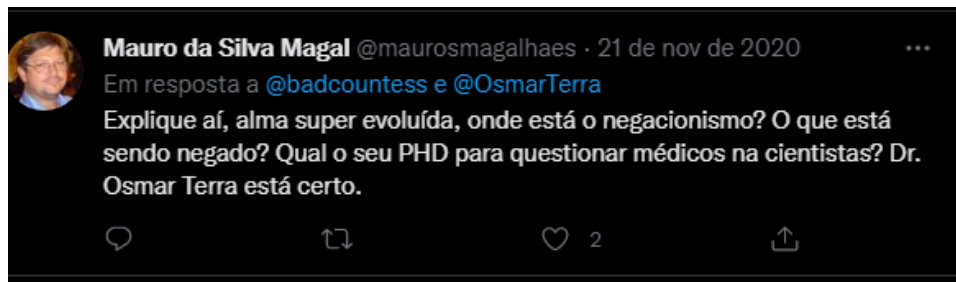
vista, afinal ‘Terra Plana’ estabelece uma relação de sentido com o movimento negacionista do terraplanismo, que vem sendo muito difundido nos últimos anos. Nesse sentido observamos a materialização do **dialogismo**. Afinal, como nos diz Bakhtin (1997):

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. E por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. (p.316)

Isto é, ao mobilizar o trocadilho com o “Terra Plana” a enunciativa retoma esses já-ditos sobre o negacionismo do movimento do terraplanismo, sendo assim, o eco sobre essa posição negativa, compreendida sobre esse movimento materializa-se na reação-resposta da enunciativa, contribuindo também para o efeito de sentido da crítica que ela realiza. Pois, “não podemos determinar a nossa posição sem correlacioná-la com outras posições (Bakhtin, 1997, p. 316)”.

A referência ao terraplanismo categoriza o enunciado uma noção mais ampla de negacionismo. Pois esse movimento que também é imbuído na pós-verdade questiona a realidade de que a terra é redonda, pois acredita que o globo terrestre é na verdade uma planície. Dessa maneira, relacionando o deputado com o terraplanismo, o interlocutor tende a deslegitimar o ponto de vista pernicioso do deputado que relativiza a ação da ciência nessa crise sanitária.

Figura 07 - T3



Fonte: *Twitter*

O interlocutor do enunciado T3 responde à crítica feita pelo enunciador do dado T2 ao tweet do deputado Osmar Terra. Nesse enunciado, o interlocutor tenta desqualificar a acusação feita pelo enunciador do T2, a acusação de que o tweet do deputado seria uma visão negacionista da ação da ciência. Para desqualificar essa acusação, o interlocutor ironiza por meio da expressão “*alma super evoluída*”.

Crítica essa acusação ao ironizar que o interlocutor com “*alma super evoluída*” seria um ser que sabe tudo. O enunciador também lança questionamentos ao interlocutor de T2, na tentativa de não validar a resposta que se opõe à posição do deputado e a acusação de negacionismo.

Esse movimento de deslegitimação do comentário T2 se evidencia quando o enunciado T3 evoca como argumento as titulações acadêmicas do interlocutor de T2 e do próprio deputado Osmar Terra. Ao questionar qual é o “PHD” do interlocutor, o objetivo é invalidar o que foi dito pelo interlocutor. Isso pressupõe que apenas alguém com titulação acadêmica teria a capacidade de contradizer o enunciado de Osmar Terra.

Nesse sentido é pertinente perceber os já-ditos, as relações dialógicas com o discurso que evoca as relações de poder das titulações acadêmicas.

É necessário retomar o autor Álvaro Vieira Pinto, que em sua obra “A questão da Universidade” refaz um percurso crítico acerca da função da universidade no país, nesse sentido o autor ratifica que “A universidade é sempre instrumento ideológico das forças dominantes. (PINTO, 1986, p. 72). E que o papel e da universidade é organizar “o cartório para o reconhecimento das funções proveitosas aos interesses da classe dominante” (PINTO, 1986, p. 28).

Isto é, em outras palavras, o autor realiza uma crítica sobre as relações de poder que se estabelecem pelos títulos concedidos pela universidade, como por exemplo, o título mobilizado no enunciado, o de PHD. Isso porque essas titulações são altamente valorizadas e prestigiadas no meio social em detrimentos de outras.

Diante disso percebe-se a tendência de privilegiar determinados tipos de conhecimento, bem como, seus determinados títulos, em detrimento de outros, que são igualmente importantes, mas que não são tão legitimados quanto os títulos obtidos pelas instituições acadêmicas. Essa crítica do autor é importante para compreendermos a mobilização do título de “*PHD*” pelo enunciado, pois ao retomar o título, o enunciador utiliza-se dessa relação de poder para deslegitimar o discurso do outro.

No mesmo sentido o enunciador também evoca o título de médico e cientista, do patologista e do próprio Osmar Terra, pois ele também é formado em medicina. Sendo assim, o interlocutor tenta desqualificar o comentário do enunciador de T2 com base nas titulações acadêmicas dos sujeitos em tela, que não poderiam ser questionados ou acusados de negacionismo.

Afinal, a titulação acadêmica de quem produz o enunciado é valorada no meio social positivamente. A titulação de médico possui um status social que dá respaldo a quem diz, e ao que diz, sempre o que se diz é tido como verdade, é uma proposição legítima e que possui credibilidade. E novamente, essa relação de poder evocada pela titulação acadêmica é mobilizada para rechaçar o discurso do interlocutor.

Os enunciados T1 e T3 utilizam o argumento dos títulos na área da ciência e da saúde para respaldarem suas avaliações distorcidas sobre a ação da ciência na pandemia. Imbuídos na pós-verdade não há a necessidade de que o que foi dito em T1 e T3 tenha fundamento na realidade objetiva, há a necessidade somente de que seja aceito como ‘a verdade’, e que principalmente essa ‘verdade’ receba validação no seu auditório social e perpetue. Tanto por isso a acusação de negacionismo feita em T2 é deslegitimada. Pois se o que é dito em T1 é a ‘verdade’, como pode ser acusado de ser negacionismo, se o negacionismo é justamente aquilo que nega a realidade dos fatos e os distorce?

5.2 OS EMBATES DIALÓGICOS EM TORNO DA CIÊNCIA: CONTRAPOSIÇÕES, VALORAÇÃO E DISCURSOS JÁ DITOS

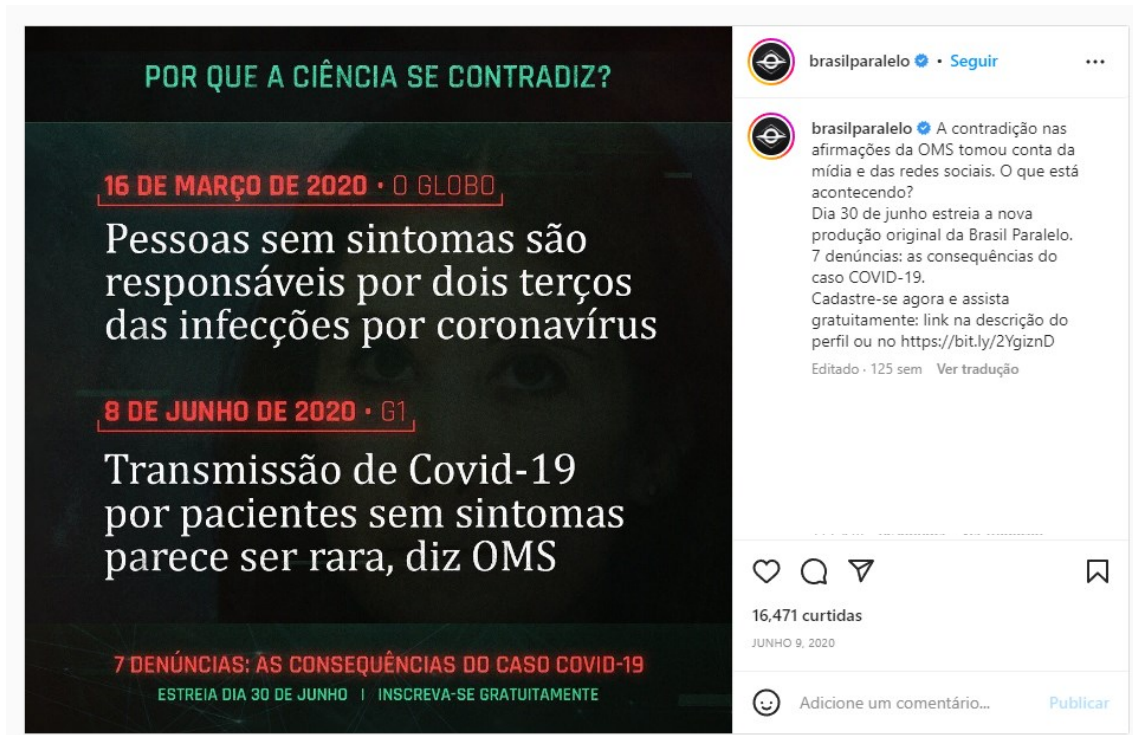
Para sustentar a disputa pela verdade, diferentes estratégias discursivo-enunciativas são utilizadas, incluindo contraposições, reenunciações¹² e já ditos no contexto da pandemia. Essas diferentes estratégias serão apresentadas a seguir nas subseções.

Passemos agora a analisar uma publicação compartilhada no perfil do *Instagram* da Brasil Paralelo. A Brasil Paralelo surgiu em 2016 com a pretensão de ser uma espécie de “jornalismo” da extrema-direita brasileira neoliberal, mas, segundo o site, são uma empresa de entretenimento e educação. A fim de veicular seu conteúdo, a Brasil Paralelo canal no Youtube, perfil no *Instagram* e também perfil no *Twitter*. No *Instagram*, possui atualmente 2,2 milhões de seguidores, no *Twitter* 593,6 mil seguidores e no Youtube 3,24 milhões de inscritos. A Brasil Paralelo foi amplamente adotada como uma fonte de “informação” e “conhecimento” pela base ideológica da extrema-direita neoliberal bolsonarista. Isso se reflete em seu alcance nas redes sociais, onde conta com milhões de seguidores.

É importante destacar que a maioria das publicações da Brasil Paralelo é feita no formato de vídeo no YouTube. A empresa produz uma variedade de documentários, cursos e debates com o objetivo de “educar” a população com as posições ideológicas e valorativas da extrema-direita neoliberal brasileira. O enunciado selecionado, publicado em 9 de junho de 2020, é uma divulgação de um desses documentários criados por essa empresa. A temática do documentário que seria exibido no Youtube, e da divulgação no *Instagram*, se dá em uma espécie de denúncia sobre supostas “irregularidades da pandemia. Vejamos:

¹² O termo ‘reenunicação’ é empregado por Silva (2007) para definir um discurso já em circulação que é empregado em um novo enunciado, produzindo assim uma nova enunciação, sendo assim uma reenunicação, um discurso reenunciado.

Figura 08 – 11



Fonte: *Instagram*

Na imagem publicada pela *Brasil Paralelo* no *Instagram* observa-se a construção do enunciado com uma pergunta na parte superior da imagem que diz “Por que a Ciência se contradiz?”. Logo abaixo são incluídos dois leads de notícias, um do Jornal O Globo, da data de 16 de março de 2020, início da pandemia, em que diz “*Pessoas sem sintomas são responsáveis por dois terços das infecções por coronavírus*”. E outro referente ao portal de notícias G1, com a data de 8 de junho de 2020, quatro meses após a deflagração da pandemia, em que diz ‘*Transmissão de Covid-19 por pacientes sem sintomas parece ser rara, diz OMS*’.

Ainda no mesmo enunciado é informado o nome do documentário lançado ‘7 denúncias: as consequências do caso COVID-19’ e a data de estreia no Youtube, 30 de junho. Além da imagem em si, a legenda da publicação, recurso da plataforma do *Instagram*, também faz parte desse enunciado, na legenda é colocada a seguinte afirmação seguida de outra pergunta ‘A contradição nas afirmações da OMS tomou conta da mídia e das redes sociais. O que está acontecendo?’.

A publicação possui 16.471 curtidas. O enunciado como um todo, considerando a construção do fundo da imagem com cores escuras, as letras vermelhas, os leads de notícias de grandes jornais da mídia brasileira, o tom de denúncia e questionamentos da postagem instigando o interlocutor a assistir o documentário sobre as supostas irregularidades na pandemia, demonstram a construção de um enunciado que tem o intuito de provocar a dúvida no interlocutor. A dúvida, obviamente, é sobre a ação da ciência na pandemia.

De modo extremamente tendencioso, a *Brasil Paralelo* utiliza dois leads jornalísticos que possuem 4 meses de diferença entre um e outro para chamar a atenção do interlocutor sobre a ação da ciência na pandemia. Isto é, o enunciado retoma esses outros enunciados, os leads jornalísticos, esses já-ditos sobre a ciência na pandemia para se constituir enquanto enunciado de oposição, de refutação. Segundo Bakhtin (2018):

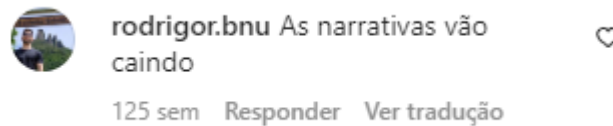
Esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera [...] O Discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante. (BAKHTIN, 2018, p.219)

Para o interlocutor que desconhece a prática científica, esses já-ditos, reenunciados na publicação da *Brasil Paralelo* assumem um caráter de comprovação de que a ciência “errou” sobre a pandemia. Ou de que a ciência não é tão confiável assim, ou ainda, se a ciência é tão criteriosa no que diz, como pode se contradizer em um espaço de tempo tão curto? O discurso que emerge é o de que a ciência é exata, que não erra e que é objetiva, isto é, é a retomada de um já dito ainda da ciência positivista.

Retomando o que no diz Bakhtin: “O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado. (1997, p. 316)”. Isto é, a relação de valor do interlocutor com essa retomada dos já-ditos sobre a ciência, organizada em um novo enunciado que refuta esses enunciados outros, corrobora com uma relação de desconfiança desses interlocutores com a esfera científica.

A seguir observamos as relações dialógicas de enunciados entre os interlocutores da mesma esfera político-ideológica da Brasil Paralelo, pode-se perceber a reação dos interlocutores diante dessas “denúncias”:

Figura 09 – I2



Fonte: *Instagram*

No enunciado I2, o interlocutor afirma que “as narrativas vão caindo”, mas a que narrativas ele se refere? As narrativas são as “narrativas da ciência” sobre a pandemia, pode-se interpretar como as orientações de como agir na pandemia, os decretos de lockdown, o uso de máscaras, os distanciamentos, o que se sabia sobre o vírus, a origem, a gravidade, a transmissão etc. Ao empregar esse termo “narrativa”, observamos a valoração negativa acerca das prescrições da ciência. “As narrativas que vão caindo” demonstram o reforço da desconfiança sobre a esfera científica.

Esse signo é importante para o discurso negacionista e de pós-verdade, isso pois, segundo Volochinov (2013):

Nenhuma palavra reflete com absoluta precisão (“objetivamente”) o seu objeto, o seu conteúdo. A palavra não é, de fato, a fotografia daquilo que denota. A palavra é um som significante, pronunciado ou pensado por uma pessoa real num momento preciso da história real e que, por conseguinte, tem o aspecto de uma enunciação completa ou de uma de suas partes constituintes, de um de seus elementos. *Fora da enunciação*, a palavra só existe no dicionário (p.195)

Isto é, esse signo não reflete o seu conteúdo, ou seja, somente o que comumente se compreende como “narrativa”, por exemplo, um enredo de uma história, de novela, de romance, ou uma ficção etc.

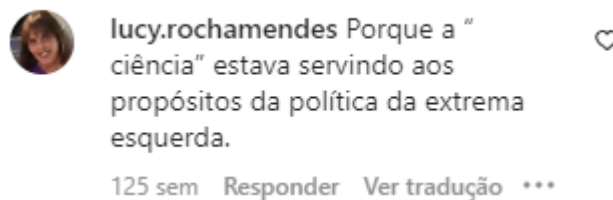
“Narrativa”, nessa materialização verbal, realizada no cronotopo pandêmico, em um momento de polarização política, é um signo refratado. Ou seja, nesse determinado momento histórico, esse signo foi valorado socialmente, e a ele atribuído principalmente pela esfera ideológica da extrema-direita, um novo sentido, um sentido negativo. Nessa

refração, nesse novo sentido, dizer que “*as narrativas vão caindo*” possui um valor social outro. É possível relacionar o emprego desse termo e a noção de que elas “vão caindo” como se, avaliação, na posição valorativa desses sujeitos, as “narrativas” fossem uma “ficção” da pandemia produzida pela ciência, ou seja, uma “história inventada” que agora torna-se conhecida do público, pois é “desmentida” por esse canal de comunicação da extrema-direita.

Ou seja, é revelada por eles “a verdade” sobre a pandemia. Sendo assim, dizer que as “*narrativas vão caindo*” é valorar que o que a ciência diz é “mentira”.

Passemos ao dado I3:

Figura 010 – I3



Fonte: *Instagram*

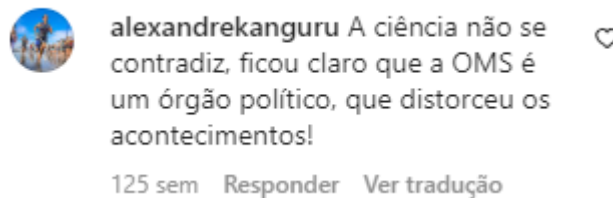
A interlocutora se expressa nesse enunciado respondendo às perguntas realizadas na publicação da Brasil Paralelo. Ela emprega o termo ciência entre aspas, marcando em tom negativo que essa ciência que se contradiz, não seria “A” ciência, de fato, mas sim, seria uma outra ciência que somente serve aos propósitos de uma determinada ideologia política, que segundo ela, seria a extrema-esquerda. A “contradição” da ciência não é compreendida como parte constitutiva do seu processo, mas sim como uma ação com fins político-ideológicos que atendem somente os interesses de uma determinada esfera político-ideológica. A “contradição” da ciência apresentada pela Brasil Paralelo, é tomada como prova de que há uma ciência “neutra” e uma ciência atravessada por ideologias políticas, que possuem outros fins, além do fazer científico.

No enunciado I4, o interlocutor apresenta uma posição de distinção entre a ciência e a Organização Mundial de Saúde (OMS), afirmando que a ciência não se contradiz, enquanto a OMS é descrita como um órgão político que teria distorcido a realidade da

pandemia. Essa perspectiva sugere que a OMS teria uma influência negativa sobre a posição da esfera científica, distorcendo assim o que foi descoberto pela ciência.

Nesse caso, o interlocutor reforça que a OMS é um órgão político no mesmo sentido da interlocutora de I3, isto é, a OMS também é orientada por uma ideologia política, não é “isenta”, “neutra”, mas sim possui “interesses políticos” que orientam suas ações e determinações sobre a pandemia.

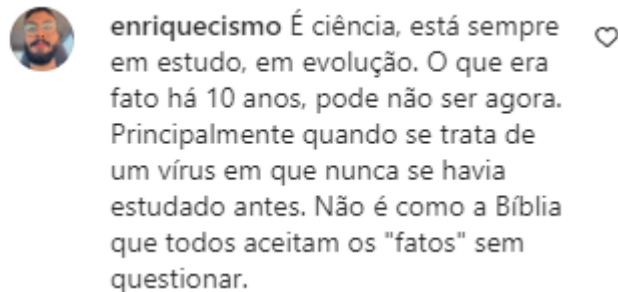
Figura 011 – I4



Fonte: *Instagram*

Nas reações-respostas da publicação da Brasil Paralelo, observa-se também enunciados dissonantes:

Figura 012 – I5



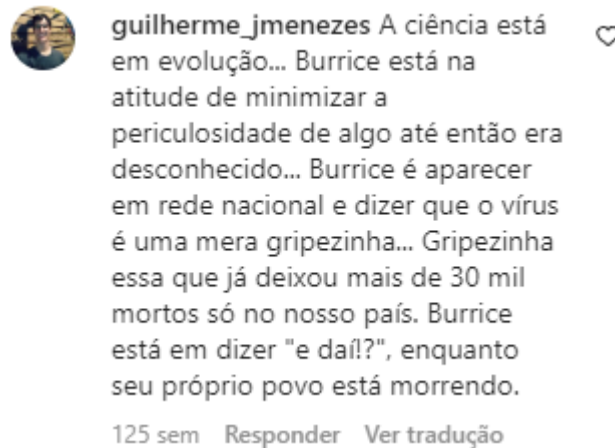
Fonte: *Instagram*

O enunciado I5 é elaborado como contraponto à publicação tendenciosa da suposta “contradição” da ciência. O enunciador exprime seu ponto de vista, apontando como argumento o processo de evolução da esfera científica e enfatiza que a ciência muda ao longo dos anos. Percebe-se a intenção de questionar a valoração negativa dada pela Brasil Paralelo. Dessa forma, o interlocutor valora positivamente a posição da

ciência, pois reforça que o vírus do COVID-19 é recente, entende-se que seria parte do processo a própria ciência se contradizer, afinal está estudando a natureza do vírus em um curto período. O enunciador também retoma uma contraposição entre as práticas de duas esferas ideológicas distintas, a científica e a religiosa. Sobre a esfera religiosa cita o exemplo da Bíblia, em que o que é posto é aceito sem possibilidade de alterações, por exemplo. Sendo assim, confirma sua posição valorativa que não questiona sobre informações que se alteram no campo científico.

No dado I6 outro enunciador corrobora com a aceção do processo científico como um processo em evolução. Além de exprimir essa valoração positiva em favor da ciência, também retoma o discurso negacionista propagado pelo presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia.

Figura 013 -I6



Fonte: *Instagram*

O interlocutor mobiliza enunciados, produzidos pelo presidente do Brasil, minimizando a gravidade da pandemia. A menção a expressões como “gripezinha” e ao “e daí” estão relacionadas aos pronunciamentos de Jair Bolsonaro ao se referir às mortes e à gravidade da pandemia.

É importante reiterar que essa falas do ex-presidente se referindo ao coronavírus como uma “gripezinha”, bem como sua reação sobre as mortes por covid com um “e daí” se tornaram símbolos do negacionismo bolsonarista, isto é, se tornaram **signos**. Esses signos foram reenunciados milhares de vezes, principalmente pela contestação do que essas falas significam.

Segundo o que nos diz Bakhtin (2013) a:

[...] palavra torna-se palavra somente no intercâmbio comunicativo social vivo, na enunciação real, que pode ser compreendida e avaliada não somente pelo falante mas também pelo seu auditório, seja este potencial ou realmente existente. (p.196)

Isto é, “gripezinha” e “e daí” se tornaram signos ao serem compreendidas e avaliadas pelo auditório social. Ao se tornarem signos foram reenunciadas e reenquadradas em novos sentidos, pois o signo é polissêmico. Os novos sentidos desse reenquadramento, por exemplo, refletem a agenda política da extrema-direita bolsonarista principalmente pela forma como essa agenda administrou a pandemia no país.

Sendo assim, “gripezinha” e “e daí” se tornaram signos ao serem reenunciadas por diversas vozes, e empregadas como reações-repostas para contestar a administração do ex-governo federal sobre a pandemia, bem como, empregadas para reforçar os resultados negativos dessa administração.

São discursos já ditos que compõem o cronotopo da pandemia no Brasil e que são mobilizados nesse enunciado a fim de questionar o negacionismo vigente. Na reenunciação desse discurso já dito, o interlocutor apresenta uma posição de contraste em relação ao discurso da empresa Brasil Paralelo.

Ao mobilizar essas falas da figura política de maior importância frente à nação, que sofria com o caos da pandemia, o interlocutor ironiza a publicação tendenciosa que questiona a ação da ciência também nesse momento.

O intuito do enunciado da Brasil Paralelo de provocar a dúvida do interlocutor sobre a ciência é mais uma manifestação da pós-verdade. A Brasil Paralelo instiga o seu interlocutor a duvidar do fazer científico, a duvidar do que diz a principal instituição mundial de saúde, a OMS, a questionar a posição da ciência sobre a pandemia. E instiga o seu interlocutor mobilizando como “prova” dois leads jornalísticos que nada de absurdo revelam. Muito pelo contrário, para os interlocutores que compreendem como se dá o processo científico, e que não corroboram com o discurso negacionista da Brasil Paralelo, esses leads revelam apenas que a ciência se atualizou sobre a condição de transmissão do vírus em quatro meses de diferença. Assim como se atualizou em outros aspectos

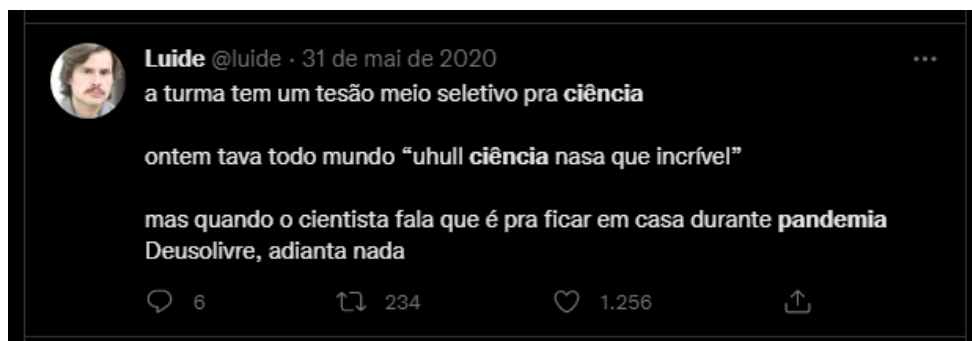
sobre a pandemia nesse tempo. Não é uma denúncia relevante que pudesse, de fato, colocar em descrédito o papel da ciência na pandemia. Mas é sim, mais um discurso produzido no intuito de deslegitimar a esfera científica.

Adjetivar a ação da ciência na pandemia como uma contradição é imputar sobre o fazer científico uma valoração negativa. Colocar a ciência sob uma perspectiva de contradição é negar o método científico. A contradição nesse caso, é colocada de maneira como se não fizesse parte do processo científico a revisão de métodos, de resultados, de conhecimentos superados. A contradição é colocada como uma incongruência no processo científico. Essa contradição pejorativa da qual adjetivam a ciência, para quem produz ciência, de fato, nem faz sentido. Sabe-se que faz parte do processo científico a superação e a construção de novos conhecimentos, isso faz parte da ciência. Esse termo, empregado de maneira tendenciosa, só fomenta o discurso de descredibilização da esfera científica.

As respostas apresentadas nos dados I2, I3 e I4 ilustram opiniões divergentes sobre o fazer científico no cronotopo pandêmico. Esses enunciados não só respondem ao enunciado da Brasil Paralelo, mas respondem a toda uma rede de desconfiança e descredibilidade das instituições dialogizada pelo discurso da pós-verdade nas redes sociais nos últimos anos.

Nesse embate discursivo, também foi possível observar movimentos discursivos de contraposição ao discurso negacionista, como no enunciado a seguir:

Figura 014 - T4



Fonte: *Twitter*

O enunciado foi publicado no início da pandemia, em 31 de maio de 2020, época em que as medidas de distanciamento estavam sendo impostas pelos órgãos públicos

de saúde, o enunciador ironiza a ação de uma parcela de pessoas mediante essas recomendações. Sabe-se que essas recomendações têm como base evidências científicas, foram confirmadas pelas áreas das ciências da saúde e replicadas aos órgãos governamentais competentes.

Nesse contexto, o autor expõe uma contradição na posição das pessoas em relação à ciência. Ao mobilizar o discurso alheio ironicamente em *“uhull ciência nasa que incrível”* o enunciador enfatiza a contradição relacionada a uma época em que imperava a incerteza sobre a nova doença e que qualquer nova comprovação científica sobre a Covid-19 era tida por uma parcela da população como uma “uma luz na escuridão”, um rumo no meio do caos da pandemia.

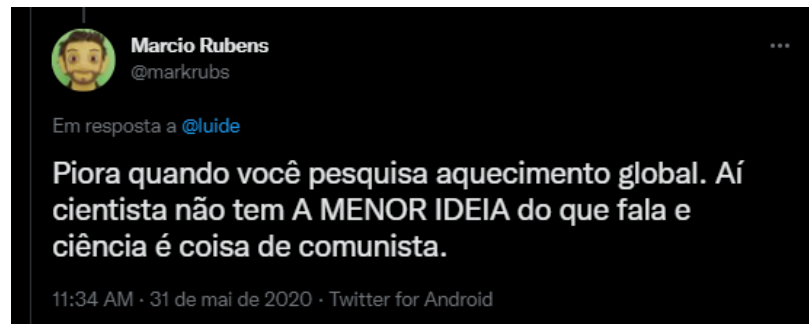
Contudo, apesar dessa admiração fervorosa pelas ações da ciência, percebia-se uma ação contrária das pessoas no que tange às orientações de combate a Covid-19 propostas pela esfera científica. Isso porque as orientações de distanciamento social e uso de máscara foram incontáveis vezes desestimuladas, questionadas, ignoradas, por diversas pessoas, de diversas camadas e posições ideológicas na sociedade.

É fundamental destacar que a posição das pessoas que reconhecem a importância da ciência no combate à pandemia, mas ao mesmo tempo não seguem as recomendações científicas. Isso ilustra a dissonância entre o elogio à ciência, ao discurso de defesa a favor dela em contraposição à prática de não a levar em consideração.

Assim, é possível aventar que apesar de a esfera da ciência receber sua importância nesse contexto, ainda assim, as orientações dessa esfera sobre a pandemia não foram acatadas por completo por essa parcela de sujeitos que acredita na ciência, que respeita o fazer científico e que compreende a sua importância.

Nos enunciados-respostas da publicação de T4, outro enunciador corrobora com o argumento apresentado no enunciado:

Figura 15 - T5



Fonte: *Twitter*

Em T5, o enunciador responde retomando como argumento essa posição contraditória referente a outros negacionismos, como é o exemplo do aquecimento global. Nota-se a retomada de diferentes negacionismos e de sujeitos que contradizem o fazer da ciência amparados no discurso da pós-verdade.

Ao designar os cientistas como “comunistas”, diferentemente do enunciado T4, é possível depreender uma posição político-ideológica desses sujeitos a quem o enunciador se refere. Uma vez que, como se sabe, utilizar termo “comunista” é geralmente utilizado de modo depreciativo principalmente por sujeitos da esfera político-ideológica da extrema-direita. O uso do termo “comunistas” tem como intuito desqualificar a posição do outro, quando essa é interpretada como uma posição ou ação que não vai ao encontro das posições da própria perspectiva ideológica.

É importante perceber o uso de “*comunistas*” nesse enunciado a partir da relação de **tema e significação** em Bakhtin (2018). Para o autor todos os enunciados possuem um tema, individual e irrepitível, assim como o próprio enunciado. Isso porque o tema do enunciado expressa uma “situação histórica e concreta (p.228)” que o gerou.

Reforçando a premissa do autor:

Por conseguinte, o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem - palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação -, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. **O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence.** O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado. (BAKHTIN, 2018, p.228)

Ou seja, o uso de “*comunista*” apresenta-se como tema do enunciado, *uma vez que* é um discurso que vem sendo extremamente corroborado ao longo desses últimos anos no país. Pessoas de diversas camadas sociais, bem como diversas áreas da atividade humana já foram chamadas de “comunistas” no país nos últimos anos, principalmente após a ascensão da extrema-direita no Brasil e no mundo. É pertinente ressaltar que chamar alguém de “comunista”, apesar de ser uma prática discursiva da direita e extrema-direita, foi uma prática que recebeu um esvaziamento semântico, visto que, até liberais foram chamados de comunistas nos últimos anos.

A compreensão do tema é extremamente importante para que entendamos o todo do enunciado, afinal, chamar alguém de *comunista* ou dizer que algo é coisa de *comunista* no, em 2023, não tem o mesmo valor que chamar alguém de comunista em 1930. São situações concretas e materiais atreladas ao momento histórico que definem diretamente o valor desse signo no enunciado e sua temática, mas principalmente na sua compreensão pelos interlocutores.

Sendo assim, ao relatar que “ciência é coisa de comunista” o interlocutor recupera esse uso, esse esvaziamento semântico do momento recente da história em que há a ascensão da extrema-direita, e conseqüentemente, dos diversos negacionismos.

Para a conclusão desta subseção, observa-se nos excertos de T1, T2, T3, I1, I2, I3, I4, I5, I6, a diferença de posições valorativas entre os fatos da ciência e a pós-verdade, os sujeitos têm bem declaradas suas posições ideológico-valorativas sobre o fazer da ciência. Os enunciados dos dados T1 e I1, realizados por vozes da esfera pública e ideológica da extrema-direita, tentam imputar suas verdades sobre a ação da ciência na pandemia ao seu auditório social.

Dessa forma, esses enunciados expressam ao seu auditório social suas posições em que impera uma verdade distorcida sobre a ação da ciência. Esses enunciados valoram suas posições pelas convicções do discurso da pós-verdade. Isso é, questionam e colocam em dúvida de maneira perniciosa o discurso da ciência sobre a pandemia.

Ao enunciar a esse auditório, essas vozes almejam que seus ouvintes corroborem com o seu dizer. E apesar da pós-verdade ser uma distorção dos fatos, e nesses dados aparece “mascarada” como um ceticismo legítimo, ela é ouvida, acatada e corroborada

por esse auditório, como pode-se perceber nos exemplos dos enunciados-respostas T2, I2, I3 e I4. Conforme afirma Bakhtin (2010):

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias etc.: pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (p.323)

Já as reações-respostas que compõem os dados T2, I5, I6, se expressam como vozes dissonantes a esse discurso. Esses enunciados expressam uma valoração relacionada à realidade objetiva, em T2, observou-se a construção da resposta de acordo com as informações e dados da esfera científica e dos órgãos de saúde, por exemplo. E em I5 e I6 de acordo com a realidade objetiva do próprio fazer científico. São posições valorativas positivas e que tentam desconstruir o discurso que desqualifica a ciência.

O T4 apresenta uma discussão sobre perspectivas contraditórias sobre a ciência, o enunciado expressa uma posição valorativa que coloca em evidência a contradição de uma mesma esfera de sujeitos, afinal, não negam a ciência, não questionam o seu processo. No entanto, também relativizam o discurso da ciência no combate à pandemia.

Isso porque no dado T4 as posições “da turma” sobre a ciência que o enunciador se refere, é uma posição mais opaca, não se nega a ciência, mas também seu discurso não é acatado por completo. Percebe-se a intenção do enunciador de T4 de “denunciar” essa contradição entre pessoas de uma mesma esfera, por exemplo. Para expressar, uma “verdade” necessária a esse contexto, esse enunciador necessita dizer que não basta apenas concordar com o discurso da ciência, mas também é necessário colocá-lo em prática. Já T5, ao corroborar o que é dito em T4, o enunciador mobiliza o discurso alheio sobre a desconfiança acerca do aquecimento global. Esse discurso alheio é contraditório, e pode-se observar que também é dialogizado pelas convicções da pós-verdade.

A ciência é intencionalmente atacada no intuito de ser deslegitimada nos dados que evidenciam uma adesão ao discurso da pós-verdade, e pode-se dizer que no dado T4, o dado que evidencia a contradição da mesma esfera não é intencional, mas ainda

assim, de certa maneira, ignora a validade do seu discurso, pois ele não é colocado em ações.

Em suma, a análise aponta que a pós-verdade é uma refração demarcada no signo 'ciência', isso porque a ciência é uma instituição que vem sendo, nos últimos anos, atacada, questionada, posta em cheque como instituição e esfera de construção de conhecimentos críveis sobre a natureza, o mundo e a sociedade. Afinal:

Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais. (VOLOCHINOV, 2013, p.140)

Sob o signo "ciência" no cronotopo pandêmico observamos esse confronto, esse embate de sentidos movimentados pelas diferentes vozes sociais desse tempo, tensionadas pelo acontecimento da pandemia, visto que a ciência foi a esfera ideológica que recebeu maior atenção popular nesse período.

Esse signo ao ser enunciado pela voz do cientista, carrega um valor positivo, de autoridade, um valor que tem como intuito transparecer confiança ao seu auditório social sobre o que a esfera científica tinha a dizer sobre a pandemia e seus desdobramentos na sociedade. Já o mesmo signo, ao ser enunciado por negacionistas da extrema-direita, possui um valor negativo, foi empregado com o intuito desacreditar a esfera, de mobilizar um sentido de desconfiança sobre a área e seus feitos na pandemia.

O signo reflete e refrata as questões sociais de dada época, nesse sentido, pode-se dizer que o signo "ciência" reflete e refrata uma questão complexa da época recente, da cibercultura: a pós-verdade. Afinal, a emergência da era da pós-verdade nos últimos anos ocorreu devido a uma interação complexa de fatores sociais, tecnológicos e psicológicos que tornaram mais difícil para as pessoas avaliarem a veracidade das informações e assim, se tornaram mais propensas a confiar em informações que confirmam suas crenças e opiniões pessoais.

Principalmente após 2016, a instabilidade da verdade factível foi e é prevalente, apesar de todos defenderem um ponto de vista como "a verdade" sobre determinado assunto, é certo que há verdades que têm mais proximidade com a realidade objetiva e outras que não, como é o que ocorre com o discurso da pós-verdade sobre a ciência.

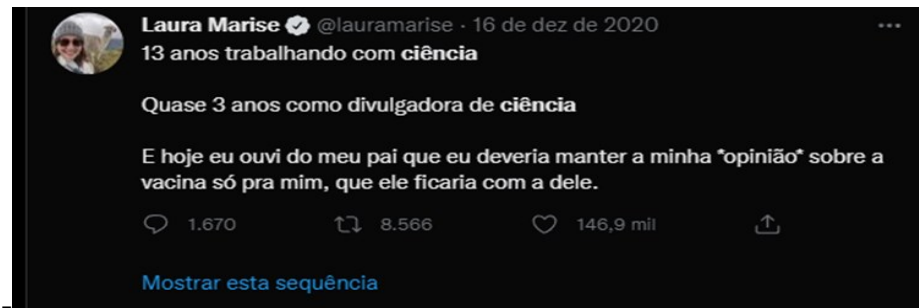
Reiterando Volochinov: "Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. (2018, p. 94)".

5.2.1 A REIVINDICAÇÃO DA POSIÇÃO DO SUJEITO CIENTISTA

Nesta subseção, discorremos sobre a regularidade discursiva emergente no que tange à posição do sujeito cientista no cronotopo pandêmico. É válido destacar que alguns indivíduos que antes eram desconhecidos do grande público ganharam destaque no cronotopo pandêmico, isso porque tomaram conhecimento do público ao trazer informações e análises sobre o Coronavírus baseados na ciência. Desta forma, certos sujeitos cientistas ganharam evidência nas redes sociais nesse período.

Vejamos o exemplo do enunciado da cientista Laura Marise, destacamos que o perfil de @lauramarise possui no *Twitter* 27,4 mil seguidores e no *Instagram*, a página de divulgação científica intitulada 'Nunca vi 1 cientista' possui 138 mil seguidores.:

Figura 16 – T6



Fonte: *Twitter*

Ressaltamos que o enunciado foi produzido na época em que países como a Inglaterra, a Argentina e a China iniciavam vacinação contra a Covid-19, o Brasil ainda não havia iniciado. Nesse momento, gerou-se muito dissenso sobre a vacinação, houve um aumento de debate controverso sobre a vacinação, devido à rápida criação da vacina, fomentando assim impressões relacionadas ao negacionismo e ao discurso da pós-verdade.

A liberação das vacinas de diferentes empresas gerou debates nas redes sociais. Além do discurso negacionista, pautado sobre esse debate, observou-se também sujeitos que defendiam vacina, debatendo sobre a procedência, os riscos, os efeitos colaterais, a forma como as diferentes vacinas eram produzidas, etc. Gerou-se até mesmo o debate em que se expressava a preferência por tal vacina ao invés de outra. Reiterando que a vacinação no Brasil atrasou por má atuação do governo federal e só iniciou, de fato, em janeiro de 2021, em que foram vacinados primeiramente os profissionais da saúde.

A enunciadora, cientista, profissional da área farmacêutica, expressa no tweet uma situação de discordância ocorrido entre ela e o próprio pai. Pode-se depreender que, nessa situação, a enunciadora estava se posicionando a favor da vacina, enquanto o pai possuía uma opinião divergente em relação à vacina.

Há uma intenção de chamar a atenção para o diálogo relatado e a posição hierárquica que ela ocupa nessa situação, a de cientista. Isso porque, na elaboração do enunciado, ela destaca primeiramente o período em que dedicou-se à ciência a fim de demonstrar que possui experiência sólida na área. Ela também apresenta como argumento em favor de sua posição a atividade como divulgadora científica, isto é, divulgadora nas redes sociais.

Após destacar seu período de trabalho como cientista e divulgadora científica, a enunciadora expõe a situação que ocorreu com o próprio pai. Observou uma quebra de expectativa na construção do enunciado. Ao elaborar o enunciado destacando primeiramente sua trajetória na esfera científica, cria-se uma expectativa de a enunciadora possa vir a expressar um reconhecimento, ou algum prêmio, um ganho com a sua dedicação à ciência.

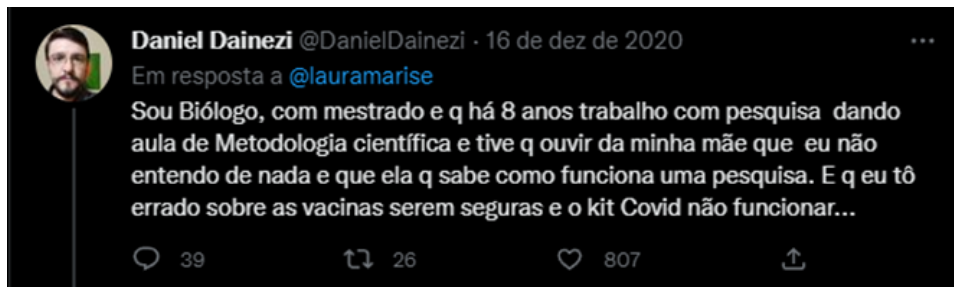
Contudo, na conclusão do enunciado, ao relatar o diálogo com o próprio pai a expectativa é quebrada. A experiência profissional da enunciadora não interfere na opinião do pai sobre a vacina e, por isso, @lauramarise reivindica uma certa autoridade sobre o tema em pauta, que na situação relatada é reduzida pelo pai a uma questão de opinião.

Mas além do relato de Laura ser sobre o pai, o enunciado é, principalmente, uma forma de militância em seu perfil, afinal ela está relatando a situação ao seu auditório social, seus interlocutores, que acompanham a sua trajetória na ciência. É forma de

requerer o apoio desse auditório social, do reconhecimento de seu “lugar de fala”. Da mesma forma que é um modo de combater o negacionismo sobre a vacina, visto que seu engajamento na rede é grande e isso possibilita com que sua voz seja ouvida na arena de embates que é o *Twitter*.

Esse enunciado recebeu certa repercussão no *Twitter*, obteve 146,9 mil curtidas, 8,566 retweets e 1,760 respostas. Nessa arena discursiva, há alguns discursos-repostas que, do mesmo modo como elaborado no enunciado disparador (T6), marcam uma posição distinta no que tange à formação acadêmica e ao maior contato com as práticas científicas. Nessas repostas são explicitamente demarcadas as posições de identidade desses enunciadoreis relativas as suas formações acadêmicas e de atuação profissional, bem como a distinção dessas identidades em relação aos seus familiares que não sujeitos da esfera científica, vejamos:

Figura 17 – T7



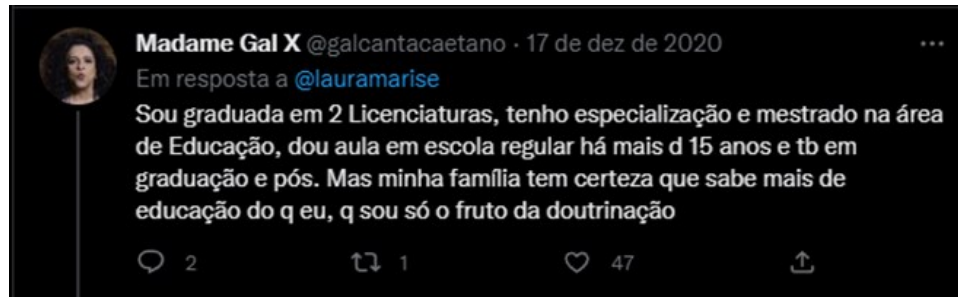
Fonte: *Twitter*

Figura 18-T8



Fonte: *Twitter*

Figura 19 – T9



Fonte: *Twitter*

Em T7, T8 e T9, os enunciados-respostas são produzidos em construções semelhantes ao enunciado a que respondem. Em T7 o enunciador enfatiza a própria trajetória acadêmica na área da pesquisa; em T8 a enunciativa coloca em evidência a trajetória na área médica e, em T9, a enunciativa destaca sua formação na área da educação como argumento de autoridade.

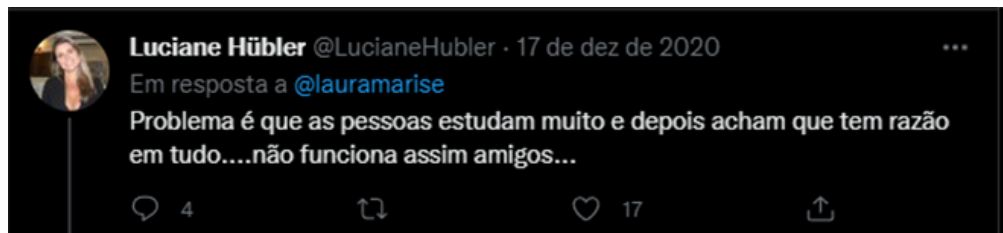
Além disso, nesses três exemplos, os enunciadores retomam situações em que as posições que ocupam são diminuídas pela opinião dos familiares. Os três enunciados evidenciam que os diálogos que diminuem a posição de sujeitos da esfera científica que ocorreram estão relacionados ao discurso da esfera político-ideológica da extrema-direita brasileira. Em T7 observamos a relação com o negacionismo e a pós-verdade referente ao discurso sobre a vacinação da Covid-19. Em T8 o discurso a favor da Cloroquina, o remédio sem eficácia para o vírus que foi disseminado como tratamento preventivo principalmente pelo governo federal. Em T9, o discurso sobre a “doutrinação esquerdista” que, segundo essa esfera, ocorre nas escolas e universidades do país.

Nesses enunciados, observou a posição de sujeitos de diferentes áreas da esfera científica, sujeitos da biologia, medicina e educação, percebe-se que ao elaborarem os próprios enunciados semelhantes a T6, os enunciadores possuem como intenção validar a posição da cientista e reafirmar, expondo com a própria experiência, o que se é dito. Essas posições valorativas, realizadas em tom de voz de autoridade, demonstram a indignação desses enunciadores diante da negação dessa voz pelos familiares, por exemplo, são posições de autoridade que são plenamente descartadas, não levadas em conta no diálogo, principalmente pelo contexto sensível em que são realizadas, de

pandemia, de vacinação, de desconfiança na esfera científica etc. Observamos nos enunciados T6, T7, T8, T9 a intenção de reivindicar, na situação de interação discursiva, um *status* de autoridade que se ancora na formação acadêmica e uma certa proximidade com esfera científica. No caso de T6, a enunciativa é da área da saúde, é farmacêutica, em T7, T8 e T9 os enunciadores também retomam exemplos de diálogos que ocorreram sobre a própria área de atuação

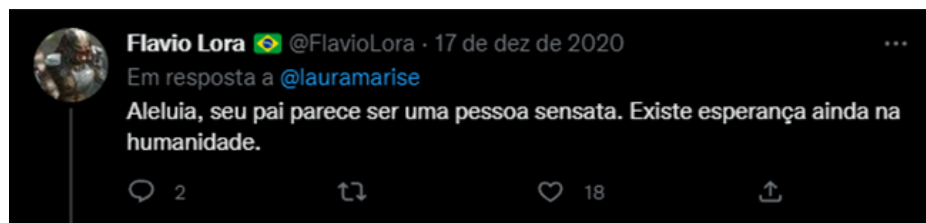
Em contrapartida, em outras reações-respostas ao enunciado T6, observam-se também enunciados que validam a negação da voz de autoridade desses sujeitos, como no exemplo a seguir:

Figura 20– T10



Fonte: *Twitter*

Figura 21 – T11



Fonte: *Twitter*

Figura 22 – T12



Fonte: *Twitter*

Em T10, pode-se observar que a enunciativa se posiciona de forma a negar essa voz de autoridade quando se refere a *“pessoas que estudam muito”*, evidenciando uma

entonação depreciativa ao enunciado. É um enunciado que generaliza a opinião dos sujeitos cientistas como se essa posição sempre fosse colocada como a mais correta em meio às demais pelos próprios cientistas.

Já em T11 entende-se que o enunciador concorda com a posição do pai da cientista, afinal, valora essa posição de maneira positiva. Enfatiza que o pai da Laura é “sensato” ao não aceitar outra opinião, ou a opinião de um cientista, só porque ele é cientista, ainda que tenha uma relação próxima com a enunciativa.

Em T12 o enunciador faz um contraponto em que mobiliza áreas da ciência em que Laura Marise não tem formação ou experiência, por exemplo, para tanto menciona outras áreas como economia, sociologia e ética. Compreende-se que esse interlocutor questiona a posição da voz de autoridade da cientista ao dizer que ela também não pode “palpitar” em outras áreas. Dessa forma, demonstra a intenção de apontar uma contradição no que foi dito, ou invalidar, de certa forma, a posição da enunciativa sobre outras áreas do conhecimento.

Sendo assim, percebe-se a intenção de validar ou reivindicar esse *status* de autoridade nesse cronotopo. E, como observado em T10, T11 e T12, essa posição de autoridade é questionada e atacada por posições valorativas. São posições que a compreendem como uma **palavra autoritária**.

Para Bakhtin, as respostas aos enunciados ditos são o curso natural do dialogismo na linguagem, e na tentativa contrária a esse curso temos as palavras autoritárias. As palavras autoritárias tentam barrar, de certa forma, essas reações-respostas. Segundo Bakhtin: A vinculação da palavra com a autoridade - reconhecida por nós ou não - distingue e isola a palavra de maneira específica: ela exige distância em relação a si mesma (distância que pode tomar tanto uma coloração positiva quanto negativa, nossa relação pode ser tanto fervorosa como hostil.

A palavra autoritária pode organizar em torno de si massas de outras palavras (que a interpretam, que a exaltam, que a aplicam desta ou de outra maneira) mas ela não se confunde com elas (por exemplo, por meio de comutações graduais), permanecendo nitidamente isolada, compacta e inerte[...] (2010, p. 143). Entende-se, assim, a palavra autoritária como um distanciamento, uma interrupção monológica, uma vez que isola a possibilidade do diálogo, caracterizando assim os discursos autoritários como se

realizassem em uma espécie de posição inatingível pelas reações-respostas de outros interlocutores.

A palavra autoritária delimita as reações dos interlocutores, não há uma gama de possibilidades de reações, mas sim, como afirma Bakhtin: O discurso autoritário exige nosso reconhecimento incondicional e não absolutamente uma compreensão e assimilação livre em nossas próprias palavras [...] ela entra na nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra [...] não se pode separá-la, aprovar um, tolerar outro, recusar totalmente o terceiro (2010, p.144).

Apesar do caráter estrito da palavra autoritária, ainda que esta tenha intenção de barrar o diálogo, ainda assim há a possibilidade das reações-respostas ativas, afinal o dialogismo é constitutivo das interações, ainda que este aspecto do discurso tenha o intuito de controlar as reações-respostas, os sentidos, uma reação-resposta sempre ocorrerá, de maneira ou de outra, em certo grau.

Nesse aspecto observamos o discurso persuasivo, segundo Bakhtin

“quando o pensamento independente, que experimenta e seleciona, começa a funcionar, o que acontece em primeiro lugar é que a palavra interiormente persuasiva se separa da palavra autoritária e imposta e da massa de palavras indiferentes que não nos tocam” (BAKHTIN, 2015, p.139-140).

Isto é, esse discurso é um discurso que se origina da minha palavra com a palavra do outro, inclusive a palavra autoritária, do meu discurso com o discurso do outro, ou seja, o discurso interiormente persuasivo é um discurso novo, metade meu, metade do outro. Conforme o autor:

“no uso de minha consciência, o discurso interiormente persuasivo é metade meu, metade do outro. Sua eficiência criadora consiste exatamente em que ele desperta o pensamento independente e uma nova palavra independente, em que ele organiza de dentro massas de nossas palavras e não fica em estado isolado e imóvel” (2015, p.140)

Do mesmo modo, esse discurso entra em conflito, em disputa na consciência ideológica, segundo Bakhtin “esse processo se complexifica pelo fato de que as diferentes vozes dos outros entram em luta pela consciência do indivíduo (assim como

lutam na realidade social circundante)” (2015[1975], p. 143), isto é, em um certo momento esse discurso não será mais assimilado como parte do discurso do outro, mas sim somente assimilado como meu. Ou seja, as reações-ativas à palavra autoritária, a disputa no discurso interiormente persuasivo, se encontram nessa *fronteira* do eu e do outro em que se tencionam as lutas de vozes, as disputas da arena dialógica.

Dessa forma, a valoração da voz do cientista, por esses interlocutores, como uma palavra autoritária, é compreendida como uma justificativa para ser negada por completo. Pois, os interlocutores não só negam a voz de autoridade dos cientistas sobre a área em que atuam, mas negam sobre as orientações acerca da Pandemia, sobre a validade do próprio discurso embasado na ciência, e além disso, negam também sobre todos os temas de diferentes esferas discursivas a que esses sujeitos possam falar.

Essa palavra é compreendida como uma voz que ignoraria o que os demais sujeitos, que não possuem a palavra de autoridade científica, tem a dizer, sendo assim, ela é recusada na íntegra.

Passemos a observar outro enunciado produzido na rede social *Instagram* que também tematiza a posição do sujeito cientista nesse cronotopo. O perfil intitulado @iqciencia, abreviação de ‘Instituto Questão de Ciência’, é uma associação brasileira voltada para defesa da ciência e de evidências científicas na elaboração de políticas públicas. A diretora dessa associação é a cientista Natália Pasternak, uma das principais divulgadoras de informações científicas sobre a Covid-19 nas redes sociais. Para fins de divulgação, a associação mantém um site, perfil no *Twitter*, perfil no *Instagram* e canal no Youtube. O perfil do *Instagram* possui 62,6 mil seguidores.

O Instituto aborda em suas redes sociais diversos assuntos envolvendo a esfera científica, bem como políticas públicas baseadas na ciência. De certo modo o perfil populariza informações sobre a ciência, de certa forma abordando os conteúdos por uma linguagem mais acessível, podendo assim alcançar um público que normalmente não tomaria conhecimento desse conteúdo. Como o *Instagram* é uma plataforma que possibilita postagens com fotos/vídeos e uma legenda, o perfil divulga pelo *Instagram* artigos e vídeos que estão disponíveis em outras redes sociais do Instituto. Nesse sentido, há uma função de divulgação de conteúdo a ser acessado em outra plataforma. Na postagem junto da imagem de divulgação, escrevem a legenda como um breve

resumo do artigo/vídeo e, por último, convida o interlocutor a ler, ver ou ouvir o texto completo em outra mídia.

Uma das postagens que se destacou no perfil foi realizada em 26 de março de 2026. A postagem selecionada é um enunciado multimodal realizado pelo @iqciencia para a divulgação do artigo foi inserida uma imagem do filme *'Não Olhe para cima'*, lançado no final de 2021.

O tema do filme é o negacionismo científico, e é construído em tom de sátira e trata sobre a descoberta de um meteorito por dois cientistas. O meteorito viria a se chocar com a terra e destruir o planeta, na tentativa de alertar a sociedade por meio da imprensa e pedir ajuda ao governo, os cientistas são ignorados, tanto pelo governo quanto pelo resto da sociedade e o planeta Terra é destruído. A personagem que representa a líder do governo e um empresário bilionário, que a apoia, são os únicos que se salvam fugindo para um outro planeta/dimensão.

É importante mencionar que este filme teve um grande impacto no Brasil após ser disponibilizado na Netflix. O impacto no público brasileiro se deu após notarem semelhanças das situações do filme com a pandemia e com a administração federal brasileira, resultando em ampla discussão nas redes sociais. O público brasileiro associou as críticas do filme ao governo de Jair Messias Bolsonaro pelo modo como a crise da pandemia foi conduzida no país no que tange ao negacionismo científico.

E nesse sentido, observamos a construção do enunciado do @iqciência elaborado numa relação dialógica, acionada a esse discurso já dito. O filme é um enunciado citado dentro do post para estabelecer uma relação de sentido, isso pois, “o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.316).

Retomando a construção do enunciado, lê-se na imagem o título do artigo *'Ciência se isola da sociedade e reclama quando não é ouvida'*. No início da legenda está a descrição da imagem, retomando a mensagem do filme e em seguida o resumo sobre o artigo:

Figura 23 – 17



Fonte: *Instagram*

Percebe-se o tom crítico de construção da posição do enunciador sobre a relação entre sociedade e a ciência. Observa-se que essa crítica é construída na retomada de referência ao filme, que explora essa relação de descrença e distância entre ciência/cientista e sociedade, assim como a partir do emprego do adjetivo ‘abismo’, pois esse adjetivo também indica a avaliação sobre essa relação entre ciência e sociedade.

Segundo Bakhtin (1997) cada enunciado é permeado por julgamentos de valor social, que são expressos por uma entonação e um tom apreciativo. Esses julgamentos são presumidos pela sociedade, por diferentes grupos sociais e formam o contexto no qual a enunciação ganha sua entonação característica. Essa avaliação desempenha um papel criativo importante na mudança de significado, permitindo que uma palavra seja deslocada de um contexto apreciativo para outro. O autor nos diz que:

A situação e o auditório correspondentes determinam precisamente a entonação e, através dela, realizam a seleção das palavras e sua disposição, dando um sentido à enunciação toda. A entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação. (BAKHTIN, 1997, p.175)

Nesse sentido, ao observarmos o emprego do adjetivo “abismo” no enunciado, estamos observando uma escolha do autor do enunciado que reflete seu tom apreciativo.

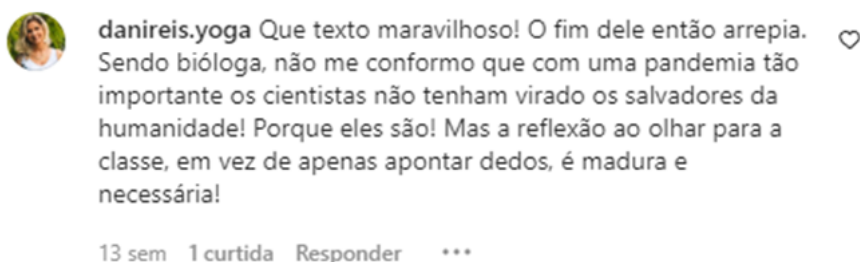
Essa escolha dispõe uma entonação que expressa a relação do autor com a situação específica de realização do enunciado e seu auditório específico.

Assim, nota-se um tom apreciativo na frase que aponta para o fato de que esse *abismo* não surgiu do nada, mas está relacionado com o desmonte da ciência no país, especialmente no contexto dos últimos anos. O signo “abismo” na voz do autor do enunciado, ou seja, do perfil @iqciência, demonstra a visão que o perfil possui sobre a situação da ciência no país, bem como a receptividade dela com a sociedade em geral.

Por fim, no enunciado há uma crítica à produção científica, mas como uma lógica produtivista que visa mais as publicações dos cientistas, o aumento de currículo, o reforço ao ego acadêmico muito mais do que os ganhos que essas pesquisas deveriam ter para a sociedade.

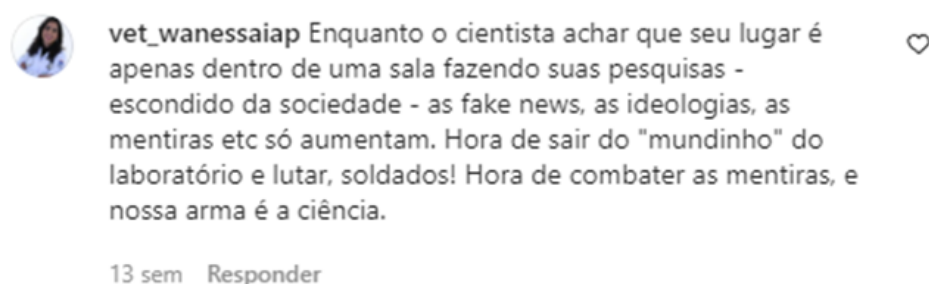
Pode-se dizer que o enunciado assume um tom valorativo negativo sobre a relação da ciência e da sociedade, de “mea culpa”, já que é realizado por um instituto de ciência sobre o tema como se pode observar nos enunciados-respostas:

Figura 024 – 18



Fonte: *Instagram*

Figura 025 – 19



Fonte: *Instagram*

Em I8 e I9 observou que esses interlocutores também são sujeitos participantes da esfera científica. Nesses dois enunciados-respostas, vemos posições que concordam com o que foi dito em I7. Em I8 a interlocutora retoma o discurso sobre a importância que os cientistas deveriam ter recebido frente a pandemia, estabelecendo uma relação de sentido entre o filme mobilizado no enunciado da @iqciencia, evidenciando a valorização, ou desvalorização, da esfera científica.

A interlocutora mostra adesão à posição da página ao concordar que é preciso uma “autocrítica” da classe. No entanto, ao dizer que não se deve “apontar dedos” percebe-se a intenção da interlocutora de estabelecer uma ressalva ao modo de como essa crítica proposta pela página possa ser feita, por exemplo.

Já em I9, a interlocutora evidencia uma adesão completa à posição do perfil @iqciencia. Ao concordar, a interlocutora o faz com base em valorações do que é ser cientista para ela, por exemplo, “ficar dentro de uma sala fazendo suas pesquisas – escondido da sociedade” e “hora de sair do mundinho do laboratório”. Essas percepções retomam os já-ditos sobre a ciência, inscritas na historicidade. Ciência é aquilo que se faz em laboratório, ou seja, exemplos de atividade que envolvem as ciências naturais, biológicas e da saúde, por exemplo. Ademais reforça a necessidade de diminuir essa distância cuja responsabilidade é dos cientistas.

Essas posições expressam já-ditos ainda sobre a ciência moderna positivista. São já-ditos que ainda constituem o discurso sobre a ciência, é uma valoração sobre a ciência que ainda circula em sociedade, afinal, em termos de avanço científico e tecnológico não se questiona o valor da ciência moderna para a sociedade. Boaventura de Souza Santos (2007) enfatiza que:

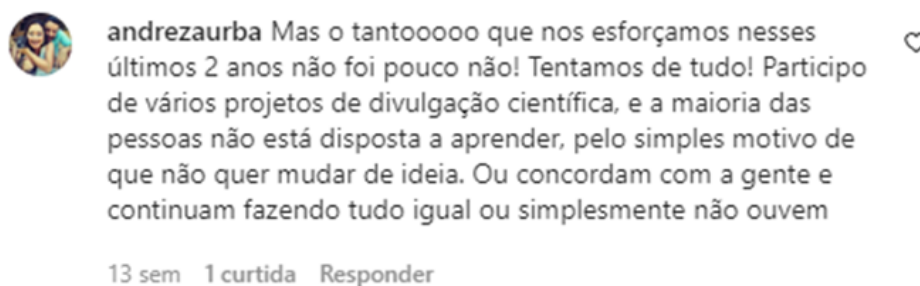
No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia. O carácter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de verdade. (p.5)

Para o autor o pensamento abissal é a dualidade entre o conhecimento epistemológico da ciência e o senso comum, de certa forma, o “pensamento abissal” representa essa distância entre ciência e outras formas de conhecimento da sociedade. É a distância entre método e rigor científico e a construção de conhecimentos com as

formas de buscá-lo do senso comum. É a distância entre cientistas em laboratório e demais sujeitos que não pertencem a classe da esfera científica. Esse monopólio da ciência sobre o conhecimento e o rigor científico, bem como o papel do cientista é o discurso em que estão assentados esses já-ditos dos dados 17, 18, e 19.

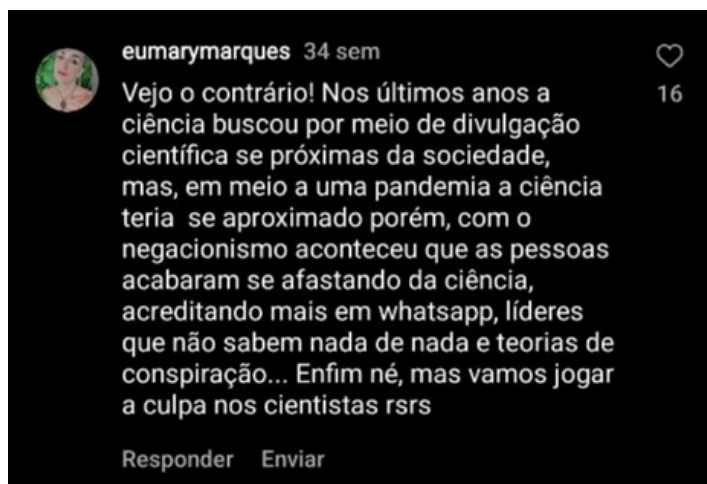
Observemos, a seguir, enunciados que evidenciam um movimento de discordância com a posição valorativa do perfil @iqciencia:

Fonte 26 – I10



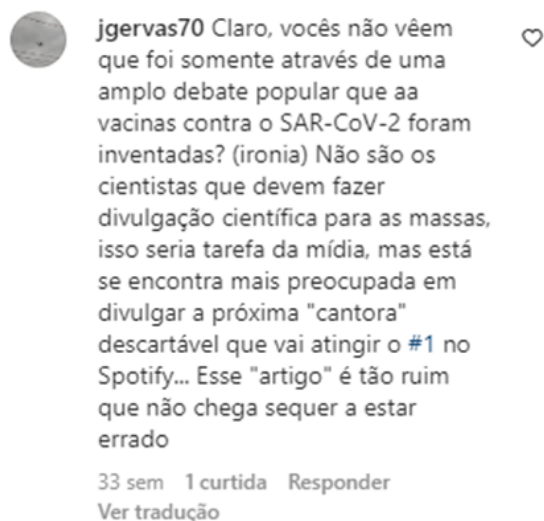
Fonte: *Instagram*

Figura 27 – I11



Fonte: *Instagram*

Figura 28 – I12



Fonte: *Instagram*

Em I10, pode-se observar que a interlocutora também é da área da ciência, quando se inclui na situação, e discorda do enunciado em tom de desabafo, quando retoma exemplos em que ela esteve envolvida. Como é o exemplo das divulgações científicas citadas por ela. Ainda reforça que não depende só dos cientistas, mas também da sociedade em querer participar, ouvir etc. Percebe-se que há uma discordância com a posição do @iqciencia, afinal, pela percepção da enunciativa em I10 essa distância entre sociedade e ciência tentou ser diminuída nos dois anos de pandemia, considerando 2020 e 2021, por exemplo.

Em I11 observamos a discordância por completo do que se é dito, a interlocutora demarca já no início da construção do enunciado essa posição. Percebe-se que ela também retoma os feitos da área da ciência de tentar se aproximar da sociedade, também citando o exemplo da divulgação científica, e atribui essa distância crítica pela página ao negacionismo que foi difundido, principalmente, no período da pandemia. Também retoma a questão dos líderes do governo que fomentam esse discurso em "Whatsapp", coloca em evidência a relação de disseminação de mentiras e desinformação pelas redes sociais, por exemplo. Na conclusão do enunciado percebe-se a ironia da enunciativa, após citar todos esses exemplos que seriam motivos pela distância da sociedade e

ciência, a culpa dessa conjuntura criticada pelo post da @iqciencia ainda seria, por fim, dos cientistas.

I12 também expressa a sua discordância explícita contra a publicação da @iqciencia. O enunciador retoma de maneira irônica a questão do debate sobre a vacina, dizendo que elas foram criadas após um “amplo debate popular”. Pode-se compreender a ironia ao dizer que foi a população que “inventou” as vacinas e não os cientistas.

Pode-se também depreender que o interlocutor esteja se referindo ao “amplo debate popular” também no intuito de dizer que a população não seria capaz de se aproximar da ciência uma vez que nesse debate, nos últimos tempos, é orientado pelo negacionismo. Compreende assim a população que não pertence à esfera científica como não tendo condições de participar da produção da ciência, por exemplo.

O enunciador também retoma outro ponto de vista no enunciado, ao imputar sobre a mídia a responsabilidade de aproximar a ciência da população. Mais uma vez em tom irônico, retoma essa questão expressando que a mídia não se importa com essa aproximação entre ciência e sociedade. Para corroborar com essa orientação valorativa, o enunciado retoma nas **relações dialógicas** o exemplo da atenção da mídia sobre a cantora Anitta. Ele não cita o nome, mas é possível identificar, isso porque a cantora atingiu o primeiro lugar de música mais ouvida mundialmente na data de 25 de março de 2022, isso ocorreu no dia anterior da publicação da página @iqciencia e foi um acontecimento que também teve grande repercussão nas redes sociais.

Na conclusão do comentário, há uma referência ao artigo entre aspas, para demarcar a sua avaliação depreciativa, isto é, não considera o texto de referência da postagem da @qciencia como artigo, ou seja, no ponto de vista dele não deve ser levado a sério. Corroborar ainda com essa posição ao dizer que o artigo não chega “*sequer a estar errado*”, compreende-se que não é nem possível de ser corrigido, por exemplo, somente ignorado, descartado por completo.

Para conclusão dessa seção analítica, é relevante perceber as relações dialógicas desses discursos de reivindicação da posição do sujeito cientista, entre os dados observados do *Twitter*, e nos dados coletados no *Instagram* que demonstram um sentimento de “mea culpa” sobre essa posição e as situações que se desenrolaram na pandemia, e até mesmo antes dela, envolvendo a esfera da ciência.

Nos dados T6 a T10, percebe-se a intenção dos enunciadores, que participam da esfera científica, de reivindicar esse estatuto de uma certa posição enunciativa que ocupam. Isto é, de uma voz que deve ser ouvida, acatada, aceita pela comunidade, uma vez que fazem parte dela. De uma voz que vai além de questões de opinião, ou diferentes orientações político-ideológicas, mas sim, expressa-se como uma questão de posição de hierarquia, de um sujeito que detém um certo poder, pois possui um determinado conhecimento, e conseqüentemente uma voz de autoridade sobre o tema em tela.

Já nos dados de I7, I8 e I9 observou uma “mea-culpa” diante dessa posição de hierarquia da ciência e dos cientistas que, de certa forma, é vista como uma distância, um “abismo” na relação com o restante da sociedade.

É possível notar que os enunciados I7, I8 e I9 estão relacionados aos enunciados T13 e T11, que são respostas ao enunciado T6." Isto decorre da relação dialógica estabelecida na avaliação do discurso da ciência moderna sobre a prática científica, onde a ciência se distanciava da sociedade, negando conhecimentos não baseados no método científico e na racionalidade. Além disso, o relacionamento entre cientista e ciência é visto como fechado em si mesmo, com conhecimentos seguros sobretudo, sem espaço para diálogo ou outras vozes, ou ainda, espaços para questionamentos e opiniões divergentes.

Há ainda uma posição de discordância de I10, I11 e I12 ao enunciado que assume uma culpa sobre a distância entre a ciência e a sociedade. Os enunciadores retomam como exemplos a desinformação por redes sociais, a disseminação do negacionismo, de teorias conspiratórias, também destacam a ação da própria ciência no combate a essa distância, evidenciando as ações de divulgações científicas. Assim, destacam o papel da mídia como uma instância que poderia contribuir para atenuar tal distância.

Essa valoração acerca da posição que ocupa o sujeito cientista demonstra um dissenso ou uma contradição que se evidencia quando observada pelas diferentes vozes que participam desse lugar, dessa posição de cientista. Em um momento, reivindica-se a voz de autoridade que, de certa forma, foi deslegitimada nos últimos anos. Em outro, assume-se uma certa culpa por essa voz ser ignorada, ou não ser ouvida. Em certo aspecto, a ciência é a vítima e, por outro, a própria responsável.

Nesse sentido, observamos o signo “ciência” sob a perspectiva bakhtiniana que elabora a questão do tema e significação, reiterando que a significação se dá pelos “elementos reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 132), ou seja, a palavra diante do sentido dicionarizado. Já o tema é “individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 131), ou seja, o tema é um sentido atualizado, novo, diverso do sentido dicionarizado.

Dessa forma, o signo “ciência” é discursivizado de diferentes posições, inclusive por sujeitos da mesma esfera, pois nele estão imbricados sentidos além somente do dicionarizado. Os dados dessa seção expressam esses sentidos atualizados e controversos sobre o signo “ciência”. Expressam posições contrastantes que esses sujeitos possuem, demonstram determinados pontos de vista em que uns corroboram com o sentido de “ciência” tido ainda como uma esfera distante da sociedade, e outros discordam que esse sentido ainda tenha valor, principalmente após as ações que os interlocutores mencionam de aproximação da esfera científica com a sociedade. São posições valorativas distintas que manifestam a refração, a pluridiversidade do signo nessa regularidade discursiva.

Para concluir, pode-se dizer que a reivindicação dessa posição é um discurso-resposta aos discursos negacionistas e da pós-verdade, corroborados principalmente nos últimos anos sobre a ciência e os sujeitos que a concretizam. Esses enunciados banhados em um tom de reivindicação de uma posição, assumem uma voz que, por assim dizer, foi rebaixada do seu *status* de autoridade, que demanda ser levada a sério. São enunciados elaborados mais em tom de reivindicação de escuta da voz da classe científica do que em tom de uma voz autoritária. Isto, não são enunciados que pretendem negar o diálogo saudável, o diálogo entre cientistas e demais participantes do meio social, cujo qual pode construir conhecimentos relevantes para e com a sociedade.

Em suma, se trata de uma disputa pelo sentido do que é ser cientista e fazer ciência, compreende-se como uma reivindicação que tenta manter a confiança que ainda há, ou recuperar a confiança que foi perdida com o meio social, principalmente nesse cronotopo pandêmico.

5.2.2 AS REDES SOCIAIS COMO POTENCIALIZADORAS DOS TENSIONAMENTOS DISCURSIVOS

As redes sociais como potencializadoras dos tensionamentos é a regularidade discursiva apresentada nessa seção. Essa regularidade emerge do contexto das redes sociais compreendidas como “praça pública”. Em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, Bakhtin a compreende a praça pública como o espaço do cronotopo do carnaval, do tempo da festividade que tomava as ruas, as casas, da festividade que aproximava os diferentes falantes nas celebrações.

Bakhtin define o carnaval como um tempo em que “[...] todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar (1987, p.9)”

As produções discursivas neste espaço-tempo eram livres das amarras da burguesia, livre das formalidades, regras e etiquetas da sociedade da idade média. Isto é, da sociedade que compreendia as instituições oficiais, do regime feudal. Isso porque o discurso dessa sociedade oficial era pura formalidade, era polido, educado, cordial, a linguagem era subordinada às relações de hierarquia a que se posicionavam esses falantes. Sendo assim, era uma comunicação permeada de princípios e normas que ditavam o que, e como, poderia ser dito.

O acesso à praça pública, no cronotopo do carnaval, é um momento de encontro e libertação dos falantes pelo discurso, discurso que, fora desse espaço-tempo, era definido pelas regras de etiqueta e de linguagem daquela sociedade. Na praça pública, os sujeitos poderiam se expressar sem que as diferenças hierárquicas cerceassem o seu discurso. Sem que essas diferenças os impedissem de exprimir seus pensamentos, emoções, etc. Na praça pública eram plenamente livres para se expressar da maneira que desejassem, sobre o que quisessem, em linguagem coloquial, sem formalidades, sem que as barreiras hierárquicas delimitassem o que poderia ser dito.

Segundo Bakhtin (2010):

Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca. Através dessa categoria

do contato familiar, determina-se também o caráter especial da organização das ações de massas, determinando-se igualmente a livre gesticulação carnavalesca e o franco discurso carnavalesco. (2010, p.128)

O discurso na praça pública se configurava da seguinte maneira:

Em consequência, essa eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e festiva, das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais. Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência. Isso produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca [...] (BAKHTIN, 1987, p.9)

Pode-se depreender que as redes sociais assumem esse caráter de praça pública da contemporaneidade, uma vez que diferentes sujeitos de posições sociais distintas se expressam sem que formalidades, regras, e distância entre hierarquias os impeça. Na praça pública “digital”, é livre e constante a circulação de ideias, de debates, e principalmente o dissenso, as oposições e discussões acentuadas.

Contudo, apesar dessa liberdade para se expressar nas redes sociais diante desse caráter de praça pública, essas redes também são, ao mesmo tempo, antidemocráticas. Visto que possibilitam discursos de ódio, de violação de direitos, todos os tipos de assédios e preconceitos. Além disso, a praça pública das redes sociais não é orgânica, há a atividade dos algoritmos que influenciam diretamente no tipo de conteúdo que cada usuário de cada rede social tem acesso, ou seja, nem todos tem acesso a tudo o que se é dito nas redes sociais.

Esse acesso aos diferentes tipos de conteúdo e publicações é diretamente orientado pelos algoritmos, quando mais se consome um tipo de conteúdo, por exemplo, mais esse conteúdo será apresentado aquele usuário. Dessa forma, a praça pública das redes sociais é um espaço democrático até certo ponto, mas não é democrática em seu todo.

A regularidade em que as redes sociais potencializam os tensionamentos discursivos se dá não só pela sua semelhança com a praça pública, que possibilita a expressão dos diversos sujeitos, mas também pelo seu funcionamento enquanto aparato digital. Pois permite aos sujeitos não só se expressarem, mas também responderem,

discordarem, retomarem discursos, contradiscursos, etc. pelas funções de respostas, comentários, tweets e retweets, que possibilitam a responsividade ativa e consequentemente o incessante tensionamento discursivo.

Nesse sentido retomamos Bakhtin (2015) ao enfatizar a noção de enunciado e a responsividade ativa intrínseca a ele:

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como ele se relacionasse à parte (BAKHTIN, 2015, p. 49).

Segundo Bakhtin, a compreensão responsiva desempenha um papel crucial ao promover o diálogo entre os enunciados, permitindo o entrelaçamento contínuo de vozes do passado, presente e até mesmo do futuro. O enunciado é definido pelas reações dos interlocutores, sendo produzido somente após um acabamento mínimo, quando o enunciador encerra seu discurso, permitindo a alternância e suscitando a responsividade. Nessa perspectiva, as relações dialógicas entre os enunciados possibilitam o movimento de aproximação e afastamento no tempo e no espaço, sendo que a compreensão responsiva é uma das relações permitidas.

A ideia de responsividade ativa está intimamente ligada ao conceito de endereçamento, uma vez que todo enunciado é direcionado a um interlocutor específico, que desempenha um papel fundamental na construção do significado, preenchendo os espaços deixados pelo texto para a interação e as respostas aos textos e suas relações dialógicas.

Consequentemente, a palavra é inevitavelmente atravessada pela palavra do outro, e de fato, sempre é também a palavra do outro. Para que o enunciador construa seu discurso, ele necessariamente leva em consideração o discurso de outra pessoa que está presente em sua fala. Não há, portanto, uma palavra neutra, uma vez que nossas vozes estão sempre permeadas por outras vozes.

Sendo assim, nesta subseção, discorreremos sobre o discurso no tocante à ciência, no espaço da praça pública, nas redes sociais, por um olhar mais amplo de diversas

posições de vozes bem como as respostas-ativas realizadas ao longo de 2020 e 2021, os dois anos mais cruciais da pandemia. Vejamos:

Figura 029 – T13



Fonte: *Twitter*

Em maio de 2020, um mês após o decreto da pandemia pela OMS, observamos a posição do ator global Bruno Gagliasso sobre a ciência. No enunciado pode-se perceber a resposta ao debate das orientações iniciais da ciência sobre pandemia, orientações que já estavam sendo negadas e contestadas por parte do governo federal e parte da população. Do mesmo modo, atrelava-se negativamente a ciência a um determinado campo político-ideológico, o da esquerda. O autor responde essa posição ironizando-a no seu Tweet, corroborando com o que era dito, mas ao mesmo tempo contradizendo a relação negativa que era feita, afinal se a ciência é “coisa de esquerdista” não pode ser ruim. Percebe-se o tom de provocação e ironia do ator sobre o discurso negativo sobre a ciência e sobre a esquerda.

A seguir, observamos os enunciados de Thomas Conti, cientista de dados e divulgador científico, e Atila Iamarino, um dos principais e mais populares divulgadores de informações sobre a Covid-19 e a pandemia:

Figura 30 – T14



Fonte: *Twitter*

Figura 31 – T15

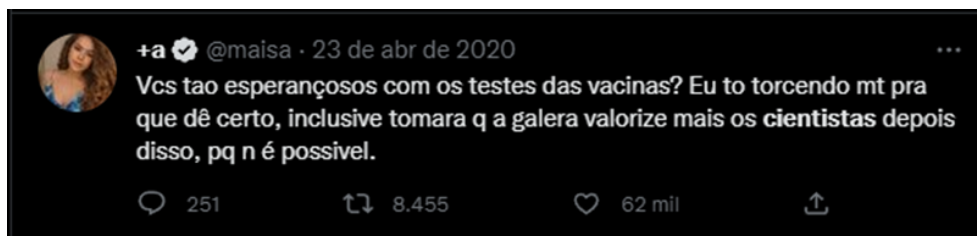


Fonte: *Twitter*

O enunciado T14 se dá em tom de desabafo do pesquisador, pois evidencia uma crítica aos canais de comunicação formais que não valorizam a produção e divulgação responsável sobre a ciência nesse cronotopo, muito pelo contrário, ainda atribui relevância a vozes que contrariam o fazer científico responsável. No mesmo sentido em T15, o enunciador também expressa uma posição acerca de como a ciência, cientistas e imprensa são tratados. A crítica é sobre ataques que essas instituições e sujeitos vinham sofrendo, principalmente, no contexto da pandemia.

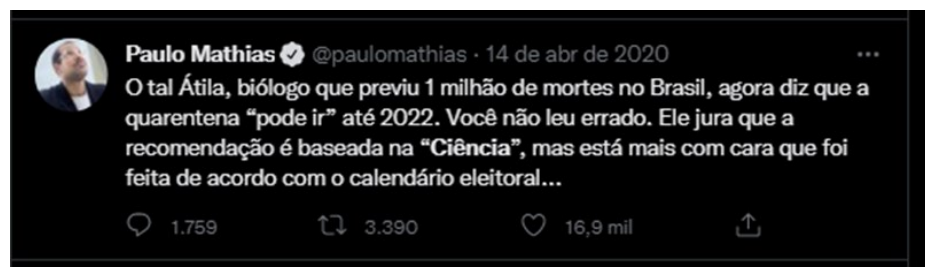
Em T16, observou a jovem atriz Maisa questionando seus interlocutores sobre a criação da vacina. Já, a seguir, em T17 vemos a posição de um apresentador da Jovem-Pan, empresa que é responsável por divulgar vozes da extrema-direita, bem como também é apoiadora do governo Bolsonaro.

Figura 032 – T16



Fonte: *Twitter*

Figura 033 – T17



Fonte: *Twitter*

No enunciado da atriz percebe-se o tom de movimentação de um diálogo a favor da ciência e dos cientistas, da valorização desses profissionais e da esfera científica. Já o apresentador da Jovem-Pan se refere em tom negativo e de descrédito a Atila Iamarino e a uma fala realizada por ele sobre a quarentena. Ao atrelar a fala às eleições de 2022, a intenção é inflar ainda mais uma avaliação negativa aos interlocutores tanto sobre o cientista, quanto sobre a ciência, uma vez que já se imaginava que as eleições de 2022 seriam ainda mais polarizadas.

Nessa relação de enunciados pode-se observar o tensionamento de vozes na praça pública acerca do discurso científico, isso porque, segundo Bakhtin “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2003, p. 271-272). As repostas se dão nas vozes da esfera científica em posições que corroboram a necessidade de se acreditar na ciência, na produção científica responsável, com método, e do mesmo modo, que denunciam os ataques à ciência e falta de apoio de jornais de grande relevância nacional a vozes que deveriam ser ouvidas.

Além disso, artistas famosos, como atores da principal emissora de televisão do país, a Rede Globo, também se posicionaram e participaram da discussão em favor da ciência e da valorização dos cientistas. Um exemplo disso é o ator Bruno Gagliasso, em T13, que, ao se posicionar, contradiz as opiniões que buscam associar questões políticas à ciência, compreendidas por uma parcela da população como algo negativo. Do mesmo modo, observamos o dissenso ao passo que, em T17, o jornalista minimiza o que é dito por uma das principais vozes da ciência na mídia digital.

Assim, observamos uma disputa de vozes pelo dizer acerca da ciência nos primeiros meses da pandemia, uma disputa que demonstra o objetivo discursivo de validar a ciência, bem como, depreciá-la. É necessário destacar que essas vozes possuem diferentes “valores” na mídia, isto é, possuem diferentes posições no que dizem e, principalmente, em como são ouvidas e aceitas pelos interlocutores. Isso se evidencia no engajamento nos *tweets* no que tange à quantidade de comentários, curtidas e retweets. A voz de atores globais é muito mais ampliada nas redes sociais que as dos cientistas, por exemplo.

Observemos agora o dado T18:

Figura 34 – T18



Fonte: *Twitter*

João Doria, governador de São Paulo durante a pandemia, demonstrou uma atuação em defesa do desenvolvimento da vacina brasileira contra o Covid-19. Doria foi uma das poucas figuras políticas que se posicionou a favor da produção da vacina, o que o colocou em oposição ao Governo Federal, que, até então, dificultava o avanço e a liberação da vacina.

O enunciado se constitui de uma imagem do Governador usando roupas de laboratório no Instituto Butantan, instituto brasileiro mais importante na fabricação de vacinas. do ponto de vista temático-valorativo, o enunciado expressa uma valoração positiva da ciência e sobretudo da ciência brasileira. De certa forma, é enfatizada a posição de uma figura pública e política próxima da ciência e que trabalha em conjunto com a esfera científica. Destaca-se como defensor da ciência, da vacina, daquele que

está trabalhando para trazer a esperança, a proteção/salvação necessária pela tão desejada vacina contra o Covid-19.

O enunciado de Doria logo teve eco na praça pública digital a partir do contraponto apontado em T19 em que se observa o discurso-resposta publicado em janeiro de 2021, época da liberação oficial da vacinação para o público. Thiago Torres é palestrante e *youtuber* da área das Ciências Sociais conhecido como ‘chavoso da USP’ nas redes sociais:

Figura 35 -T19



Fonte: *Twitter*

O enunciado multissemiótico composto por texto verbal e visual destaca duas posições do enunciador. A construção se inicia com saudação a ciência brasileira, a pesquisa e a saúde pública, no enunciado também é exposto que essas áreas são atacadas pelo partido do PSDB há anos, partido do então Governador João Dória. A imagem do enunciado é um meme, um já-dito, que se originou de uma foto de família que viralizou na internet há alguns anos. Na foto aparecem os pais de uma formanda, segurando um cartaz em homenagem à filha, que diz “*você não fez mais do que a sua obrigação*”.

Podemos compreender o emprego do meme nesse enunciado, pela relação do conceito da praça pública e da carnavalização de Bakhtin (2003), pois diante desses

conceitos no enunciado em questão, ao mobilizar o meme o enunciado é caracterizado por um tom irônico que busca subverter um discurso de uma figura política, em uma relação hierárquica, ao mesmo tempo em que mantém uma postura crítica em relação ao assunto.

Sendo assim, ao recuperar esse meme e trocar a imagem da filha homenageada pelo rosto e nome de João Dória no cartaz, reforça-se a reação-resposta ativa do enunciador sobre a ação do Governador diante da ciência e da vacina. Isto é, a resposta-ativa é exposição da contradição na ação do governador sobre a valorização da ciência e, de certa forma, um oportunismo político gerado diante da necessidade de vacina em tempos pandêmicos. Visto que segundo o enunciador, a fabricação e liberação da vacina não era mais do que a obrigação do estado.

Na relação entre esses dois enunciados observamos duas posições sociais distintas, uma do ex-governador do estado de São Paulo, figura política-ideológica da direita, líder do estado. Na outra posição um influencer famoso relacionado a área das ciências sociais, palestrante, youtuber e aluno da USP. Nota-se inicialmente, apesar de serem posições distintas, que essas duas vozes são a favor da ciência, afinal evidenciam a posição a favor do desenvolvimento da vacina, da liberação da vacina, enfim.

Contudo, apesar de compartilharem a mesma opinião, em T19 observamos a intenção do influencer de recuperar e atribuir os méritos do lançamento da vacina somente aos cientistas. Esse enunciado não é só um discurso-resposta às ações de João Dória, mas também é uma resposta a outros interlocutores das redes sociais que estavam parabenizando e dando os créditos da vacina ao Governador.

A voz do influencer tem a intenção de corroborar a valorização aos cientistas e ciência brasileira, no entanto, desvinculando esse feito da voz da figura política.

Vejamos os próximos enunciados:

Figura 36– T20



Fonte: *Twitter*

Em T20, apresentamos um tweet da Juliette Freire, participante do reality show Big Brother Brasil, no ano de 2021. Juliette se tornou muito popular entre o público brasileiro e venceu o programa, ganhando milhões de seguidores nas redes sociais. No tweet enunciado por seus administradores, como indicado pela marca linguística "/adm", é possível observar uma posição de campanha em favor da vacinação contra o COVID-19.

Na construção do enunciado há a imagem da participante em uma entrevista para o Canal GNT, na entrevista havia um quadro em que os participantes escreviam em uma placa de papelão seus pedidos, desabafos. Na placa da ex-BBB há a mensagem enfatizando a eficácia da vacina contra a morte por COVID-19. No texto verbal também há a mensagem para o público confiar na Ciência e defender o SUS (Sistema Único de Saúde). A defesa do SUS foi amplamente divulgada nas redes sociais, pois o SUS é o principal órgão responsável pela vacinação no país.

Em T21, Gil do Vigor, outra personalidade lançada pelo BBB 2021, comenta sobre a situação da ciência no país. Gil do Vigor é economista, foi aluno de escola pública e foi

aprovado para cursar o doutorado em uma instituição fora do país ainda enquanto estava no BBB.

Figura 037 – T21



Fonte: *Twitter*

O ex-BBB já havia realizado diversas falas a favor da escola pública e da valorização da ciência no país. O enunciado realizado por ele é em resposta a situação ocorrida na época envolvendo o CNPq. Ocorreu um apagão nos servidores do CNPq que prejudicou principalmente a Plataforma Lattes. A plataforma é um dos principais instrumentos que reúne dados de pesquisadores, professores, universidades e pesquisas realizadas no país.

O enunciado realizado expõe uma opinião crítica não só sobre a situação em si, mas também todas as outras envolvendo a ciência brasileira nos últimos anos. Fica evidente que o enunciador relaciona a situação ocorrida com o desmonte da ciência brasileira realizado pelo governo federal nos últimos anos.

Gil do Vigor e Juliette foram duas vozes extremamente repercutidas nas mídias em 2021, tanto na Televisão, quanto nas redes sociais. Fomentaram torcidas no BBB e após a saída ganharam ainda mais atenção do público. Observou o engajamento dos Tweets dessas duas vozes. As posições desses dois sujeitos são expressivas, principalmente na praça pública digital. De certa forma, essas vozes foram requeridas a se expressarem a favor da ciência, da vacina, justamente pelo endosso social que possuem nessas redes sociais.

Reiteramos, nesse conjunto de dados, a posição de diferentes sujeitos sobre a ciência. São enunciados realizados por pessoas de diferentes posições sociais, como da própria esfera científica, entre divulgadores e professores. Também observamos as posições de artistas, jornalistas, personalidades famosas, influenciadores, figuras do campo político.

Pode-se depreender dessa rede enunciativa, realizada na praça pública do *Twitter*, a disputa entre essas vozes. Reitera-se que essas vozes possuem diferentes “valores” na mídia e disputavam forças do discurso sobre a ciência no cronotopo pandêmico. Isto é, os discursos sobre a ciência expresso pelas vozes dos artistas, das personalidades famosas, não possui o mesmo “valor” do que o discurso enunciado pelos dos cientistas e divulgadores científicos, jornalistas, das figuras do campo político.

Cada uma dessas vozes tem um peso diferente, é “ouvida” diferente pelos interlocutores e participantes dessa praça pública, da mesma forma como suas posições são mais ou menos aceitas, por assim dizer, mas todas são ouvidas, tem seu espaço de dizer na praça pública. Essas diferentes vozes também mobilizam esse discurso de formas diferentes nas redes sociais. Como observado, usam da ironia, criam diálogos diretos com o público, denunciam, apontam contradições no discurso alheio, criticam, cobram posições de instituições, defendem opiniões etc.

Contudo, apesar dos diferentes capitais simbólicos, as posições de poder na praça pública são atenuadas, vê-se a oposição entre a voz do especialista e do jornalista, a voz do influenciador contra a voz do governador, a voz dos comentaristas contra a voz dos cientistas, a voz dos artistas contra a voz de uma determinada parcela da população, a voz das personalidades famosas contra as posições do governo. São exemplos dos tensionamentos gerados na praça pública em que ressoam de diferentes posições hierárquicas sobre o tema ciência imprimindo distintas matizes ideológicas.

Assim disputam o sentido, o dizer sobre a ciência, acentuando esse discurso no cronotopo pandêmico. A acentuação do discurso sobre a ciência, a valoração positiva, os diferentes dizeres, de diferentes vozes, que validam, reforçam a posição da ciência e dos cientistas versus os que desmobilizam a ciência, diminuem sua importância, seu “crédito” com o endosso social são tensionamentos sobre essa esfera.

Observou-se nos diferentes momentos da pandemia a acentuação, ampliação e retomada do discurso sobre a ciência. Nesses exemplos, pode-se perceber que desde o início da pandemia, após a declaração pela OMS e das primeiras orientações, desde o momento do lockdown, da quarentena, passando pelo momento de início da criação da vacina, seu lançamento, sua distribuição e aplicação, posteriormente no momento da CPI da COVID-19, até o exemplo da última vacinação infanto-juvenil liberada pelo governo a circulação de ideias, a discussão, os embates discursivos e o dissenso sobre a ciência.

Isto é, o discurso sobre a ciência foi constantemente acentuado, reacentuado e avaliado pelos falantes nesse tempo, não cessou, e as redes sociais como praça pública, como espaço livre para a manifestação das diferentes vozes e contraposições contribuiu para potencializar o tensionamento desses discursos na arena discursiva digital.

5.2.3 O RETORNO DO RECALCADO: A DISPUTA ENTRE OS CAMPOS DO SABER

Nesta última subseção, observamos como regularidade discursiva, no cronotopo pandêmico, a disputa entre os campos do saber. Isto é, a disputa entre ciências humanas x ciências exatas, naturais etc. Para dar início a análise, enfatizamos primeiramente a escolha do título da seção e sua relação aos dados analisados, para explicitar, o retorno do recalcado é uma concepção que advém da psicanálise. O recalcado, ou o recalque, seria tudo aquilo que o ego não conseguiu lidar em um determinado momento da vida por ser um conteúdo difícil, doloroso, indesejável e assim “transfere” esse conteúdo para o inconsciente, para que o indivíduo consiga continuar vivendo e sendo poupado de um sofrimento extremo.

O retorno do recalcado é então esse conteúdo doloroso que retorna do inconsciente para o consciente. Claro, não estamos aqui para fazer análise psicológica, mas sim discursiva, e a analogia com o termo da psicanálise é possível para entender esses discursos sobre as ciências humanas que retornam e irrompem o debate da ciência como protagonista no cronotopo pandêmico.

Nesse sentido, o título da seção está relacionado ao conteúdo doloroso, ao “sofrimento” das ciências humanas em geral, isto é, a “dor” de não ser a protagonista, a área relevante, a principal no debate, são as dores recalçadas das ciências humanas

desde a ciência moderna em que a esfera era colocada de lado no debate científico, e assim retornam agora na época em que o debate sobre a ciência estava em alta.

Nesse aspecto essas “dores”, esses discursos, emergiram no cronotopo pandêmico uma vez que a ciência foi a esfera protagonista nesse tempo. A vista disso logo no início da pandemia, um evento desencadeou um debate sobre a importância da ciência nas redes sociais, logo após a aparição dos primeiros casos de COVID-19 no Brasil. O debate foi iniciado devido à notícia de que duas cientistas brasileiras da USP sequenciaram o genoma do coronavírus em menos de 48 horas após a confirmação dos primeiros casos no país. Este feito foi amplamente divulgado nas redes sociais oficiais, incluindo televisão e jornais, e replicado nas redes sociais.

Ao replicar essa notícia, os interlocutores também recuperaram um discurso enunciado por Abraham Weintraube, ex-ministro da educação de Jair Messias Bolsonaro, em 2019. O ex-ministro da educação, ao anunciar mais um corte nas verbas para a área, aproveitou a ocasião para atacar as instituições de ensino do país, principalmente as Universidades públicas, acusando-as de “promoverem balbúrdia”.

Esta fala visa reforçar a defesa das universidades públicas no Brasil, que tem sido objeto de intensas críticas nos últimos anos. Uma parcela da população acredita que as universidades são locais de consumo de drogas, agitação, orgias, entre outros comportamentos negativos que criaram uma imagem distorcida das universidades públicas brasileiras.

O termo “balbúrdia” empregado pelo ex-ministro se tornou um **signo**, isto é, recebeu um valor social, do mesmo modo, passou a ser refratado. Isso porque esse discurso do ex-ministro foi retomado de modo irônico por diversos interlocutores nas redes sociais ao replicarem a notícia sobre a descoberta das cientistas brasileiras:

Figura 38 – I13



Fonte: *Instagram*

Elencamos um exemplo do perfil do *Instagram* @br4sileirissimos. Conforme indicado na biografia desse perfil, a página é um projeto de valorização da cultura nacional e possui pouco mais de meio milhão de seguidores. A postagem da página utiliza a imagem da notícia divulgada pelo jornal Estadão. Na legenda da postagem consta o texto “*E não é que a Balbúrdia nas Universidades públicas vem dando resultado?*” no fim da pergunta retórica e irônica consta um emoji de risada. A intenção da retomada do discurso do ex-ministro na divulgação desse feito é justamente colocar em evidência a produção da ciência brasileira, que sabemos, acontece principalmente nas universidades públicas do país. E, ao mesmo tempo, deslegitimar esse discurso de desvalorização e depreciação sobre as universidades.

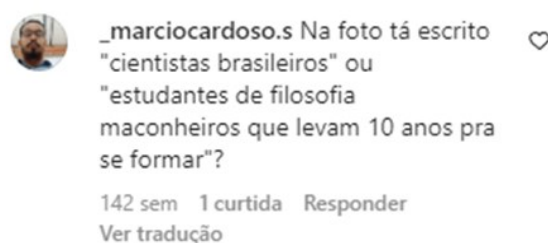
Contudo, esse sentido causado com a retomada do discurso do ex-ministro gerou opiniões contrárias nos discursos-respostas da publicação:

Figura 39 – I14



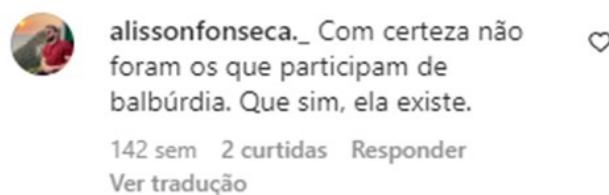
Fonte: *Instagram*

Figura 40– I15



Fonte: *Instagram*

Figura 41– I16



Fonte: *Instagram*

A retomada do discurso despertou nos interlocutores a urgência em estabelecer e enfatizar qual setor das áreas de conhecimento nas universidades estava sendo responsabilizado pelo caos: as ciências humanas. Em I14, o interlocutor relaciona o já dito sobre “balbúrdia” às ciências humanas e sociais. Em I15, o interlocutor chama atenção para uma oposição entre "cientistas" e "estudantes de filosofia", e também reforça uma opinião negativa sobre essa área, alegando que eles são consumidores de maconha e demoram a finalizar o curso. Isso é interpretado como uma visão pejorativa, apontando os estudantes de filosofia como preguiçosos, atrasados, entre outras coisas.

Em I16, o interlocutor reforça a visão de que há uma balbúrdia nas universidades, mas, segundo ele, as cientistas que descobriram o genoma do coronavírus não fazem parte desse grupo, ou seja, a balbúrdia não produz ciência.

O signo "balbúrdia" é valorado por esses interlocutores como uma atividade corriqueira nas universidades. No entanto, somente as áreas de humanas e sociais seriam as responsáveis por essa "balbúrdia", distanciando-se, assim, das outras ciências, especialmente da área biológica e médica, estas, por assim dizem, não seriam responsáveis pela "balbúrdia" e sim pela produção da ciência.

Esse discurso dicotômico entre as áreas do saber foi reforçado ao longo do cronotopo pandêmico, sendo, inclusive, representado por um meme que circulou nas redes sociais:

Figura 42– T22



O enunciado T22 foi uma réplica realizada a outro enunciado que foi apagado, contudo, pode-se observar ainda a discussão entre outros enunciadores, a réplica realizada pelo perfil @MulherTamarindo, é feita pela função *retweet* com comentário. No enunciado de @p3truss, do qual surge o *retweet*, o interlocutor recupera o meme sobre o discurso entre ciência e universidade e afirma que está vendo “o meme ao vivo”. Esse

memes representa uma concepção de ciência considerada relevante para a sociedade e ironiza o papel da “ciência irrelevante”. No meme, aparecem três personagens em um diálogo.

Dois personagens estão conversando diretamente de mãos dadas, esses dois personagens representam um acordo entre a sociedade e as ciências naturais, as ciências médicas, e o terceiro personagem representa as ciências humanas/sociais.

No diálogo entre os dois personagens de mãos dadas, o que representa a sociedade agradece o trabalho do personagem que representa as ciências médicas e ciências naturais. O terceiro personagem parece estar no diálogo, nesse sentido, é construída a ironia, afinal, parece estar no diálogo com a sociedade e as ciências duras, mas não está.

A ironia é construída justamente na caracterização desse personagem. Ele é colocado de lado no diálogo, e caracterizado de maneira pejorativa, não veste roupas “adequadas”, tem o cabelo colorido, uma expressão de raiva. É atribuída a ele a pauta da questão de gênero, uma pauta que é comumente relacionada somente à esfera político-ideológica da esquerda e da área das ciências humanas.

Também são atribuídos a esse personagem o símbolo do feminismo, da bandeira LGBTQIA+, do comunismo e ainda uma bandeira da cultura rastafari, que é comumente associada ao uso da maconha. Todos esses símbolos são atribuídos ao personagem que representa as ciências humanas, e conseqüentemente, representam uma ciência insignificante no cronotopo pandêmico.

Isso porque, na construção do meme por meio da utilização dessas palavras valoradas e de um tom irônico, o locutor manifesta sua vontade discursiva e expõe seu posicionamento sócio-histórico e ideológico acerca das diferentes áreas do saber. Essa abordagem estimula os interlocutores a responderem de forma ativa e crítica, engajando-os em um debate e dissenso sobre esse tema.

Tanto por isso, na réplica do meme gera-se a crítica, a enunciadora aponta que essa parcela da população que é a favor da ciência é “sempre a mais anticiência” do que os que propriamente negam as ciências exatas, biológicas, médicas, por exemplo. A enunciadora reforça esse aspecto apontando que “*não querem estudos em ciências humanas*” e “*não querem ciência financiada por dinheiro público*”, isto é, não querem

desenvolvimento de pesquisa em ciências humanas, muito menos financiamento dessas pesquisas.

Por fim, a enunciativa conclui a réplica do *tweet* ironizando a posição dessa parcela de pessoas. Ao dizer que “*querem só ver o documentário Cosmos e falar que amam ciência mesmo*” a interlocutora expressa que esse discurso contra as ciências humanas provém de pessoas que fingem entender o que é ciência. A enunciativa retoma como exemplo a popularidade do documentário "Cosmos", apresentado pelo astrônomo Carl Sagan. Ela destaca que o simples fato de apreciar um programa televisivo não necessariamente garante o desenvolvimento de um pensamento crítico em relação à ciência e às suas implicações sociais.

Esse discurso que divide os campos do saber se faz presente há muito tempo, essa divisão é apontada por Boaventura de Souza Santos quando:

[..] pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. (2008, p.3)

Nesse sentido, Boaventura de Souza Santos, ao falar das fronteiras ostensivas e da hegemonia das ciências exatas, está se referindo ao fato de que essas disciplinas, têm sido tradicionalmente valorizadas e privilegiadas em relação às ciências sociais, às humanidades e às artes. Essa valorização se manifesta em vários aspectos, desde o financiamento de pesquisas até o prestígio e o reconhecimento social dos cientistas.

Santos (2008) enfatiza que a hegemonia das ciências exatas tem consequências negativas para a sociedade e para o debate sobre as ciências e epistemologias. O autor argumenta que essa hegemonia implica uma visão estreita e reducionista da realidade, que não leva em conta as complexidades e as diversidades das experiências humanas. Além disso, ele afirma que a valorização das ciências exatas em detrimento de outras áreas do conhecimento contribui para a exclusão e a marginalização de grupos sociais e de formas de saberes que não se enquadram nessa lógica dominante.

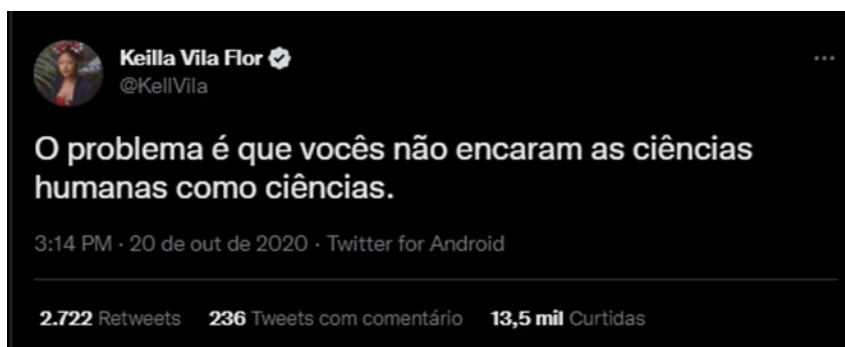
Diante disso, resgatamos Bakhtin ao pensarmos esses enunciados, discursos, que enfatizam as disputas entre os campos do saber, afinal, esses enunciados são:

[...] um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, do mesmo modo que a mônada de Leibniz, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural). (BAKHTIN, 1997, p.319)

Isto é, observamos os elos com discurso hegemônico ainda da ciência moderna sobre as diferentes esferas do saber. Discursos que foram retomados e reacentuados no cronotopo pandêmico principalmente pelo papel ocupado pelas ciências da saúde nesse tempo. Embora isso não seja motivo para desprestigiar as ciências humanas e sociais, contudo, foi um já-dito que foi reacentuado, retomado para o debate sobre as ciências.

A discussão acerca da depreciação das ciências humanas foi retomada em outros momentos durante a pandemia. No enunciado, a seguir, observamos a publicação da historiadora e professora Keilla Vila Flor sobre o assunto:

Figura 43– T23



Fonte: *Twitter*

@KellVila usa as redes sociais para falar sobre a educação, racismo, temas políticos, dentre outros assuntos. No *Twitter*, a historiadora possui 85 mil seguidores. O enunciado produzido por ela foi disparado por outra debate sobre a área das ciências humanas. O debate se deu acerca do conteúdo produzido pelo Youtuber Felipe Castanhari, especificamente sobre seus vídeos de História. A questão que levou à

discussão foi a falta de indicação das fontes utilizadas por Castanhari na construção de seus conteúdos. Diversos interlocutores cobraram a apresentação dessas fontes, argumentando que é importante conhecer as fontes utilizadas para avaliar a confiabilidade e a validade do conteúdo produzido.

O Youtuber é famoso pela produção de vídeos explicativos sobre diversos assuntos e produziu vários vídeos durante a pandemia com o intuito de combater o negacionismo, o discurso anticiência.

A questão das fontes dos vídeos levantou novamente o debate sobre a importância das ciências humanas. Nesse sentido, a enunciativa responde dizendo que “*O problema é que vocês não encaram as ciências humanas como ciência*”. Nesse aspecto, a enunciativa critica o fato de que as ciências humanas sejam ignoradas como ciência. A crítica se dá pelo exemplo da produção de conteúdo sobre História ignorar as fontes desse conteúdo, pode-se depreender que não sejam utilizadas fontes, ou sejam usadas qualquer fonte ou fontes não confiáveis para a produção do conteúdo.

Nesse sentido, ressalta-se que deveriam ser usadas fontes dessa esfera do conhecimento para a produção dos vídeos, fontes confiáveis, produzidas por historiadores, por exemplo, mas como as ciências humanas não são encaradas como ciência, essa ação é descartável.

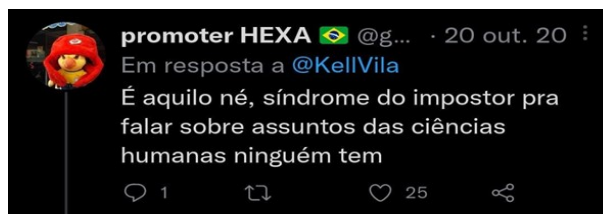
Nas respostas à crítica da historiadora, há algumas posições que corroboram a percepção de que as ciências humanas não são ‘*encaradas como ciência*’:

Figura 44 – T24



Fonte: *Twitter*

Figura 45 – T25



Fonte: *Twitter*

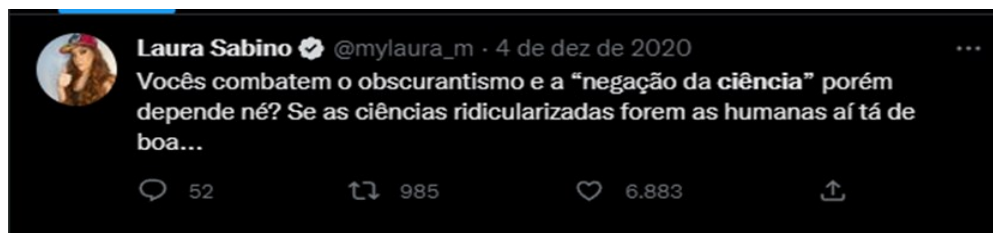
Em T24 o interlocutor reforça o que se é dito ao retomar uma circunstância que possa contribuir para a questão de as ciências humanas não serem compreendidas como ciência. A questão de desde o início da fase escolar o signo “ciência” só ser utilizado para englobar as ciências biológicas e exatas, por exemplo. De certa forma, entende-se que desde os primeiros contatos das pessoas com esse signo, principalmente pelo espaço escolar, é reforçado que ele compreenda um campo do conhecimento, apenas, sendo assim, se torna uma questão responsável por distanciar as pessoas de compreender as ciências humanas como ciência.

Em T25, a enunciadora exprime outro ponto de vista, retoma a questão da síndrome do impostor. Essa síndrome é descrita como uma insegurança, um sentimento de fraude que algumas pessoas têm sobre determinados campos da vida, por exemplo, no trabalho, nos estudos etc. Está relacionada à pessoa ter conhecimento, formação, experiência nesses campos, mas ainda assim achar que não é boa o suficiente para opinar sobre eles, trabalhar com eles, enfim.

Nesse sentido, a enunciadora afirma que “*sobre as ciências humanas ninguém tem*”, isto é, sobre as ciências humanas todo mundo se sente seguro para falar, opinar etc. As ciências humanas são compreendidas como um campo do saber que é livre para qualquer um opinar, por assim dizer. Dessa forma, os conteúdos que são feitos sobre essa esfera podem ser realizados por qualquer um e com base em qualquer achismo, opinião etc.

Novamente em 2020 a disputa de vozes sobre os campos do saber emerge no discurso do *Twitter*:

Figura 46 – T26



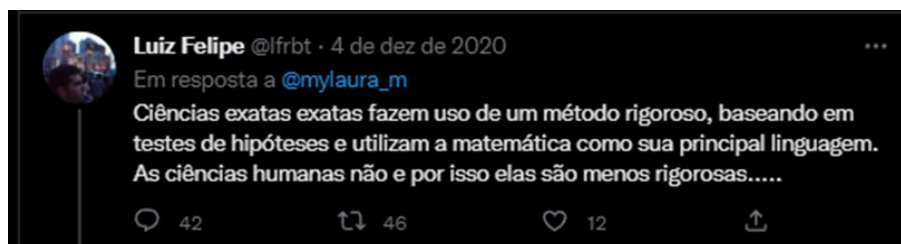
Fonte: *Twitter*

Laura Sabino também é produtora de conteúdo nas redes sociais sobre história, política e etc. Ela possui canal no Youtube onde aborda vídeos sobre esses temas, no *Twitter* possui 210 mil seguidores. No final de 2020, em resposta à problemática do negacionismo científico e obscurantismo na pandemia, a Youtuber se posicionou sobre as ciências humanas nessa conjuntura:

O enunciado reforça o debate sobre negacionismo na pandemia, mas em contraponto, retoma a questão das ciências humanas, “*se as ciências ridicularizadas forem as humanas aí tá de boa...*”. Percebe-se a crítica sobre uma contradição acerca do debate contra o negacionismo científico na pandemia, a enunciadora coloca em evidência que esse debate só se preocupa com as outras ciências. E quando é voltado para as ciências humanas não é gerado incômodo nas pessoas, as pessoas não se preocupam em combatê-lo, por exemplo.

Nos enunciados-respostas, observou um exemplo de percepção dos interlocutores acerca das ciências humanas:

Figura 47– T27



Fonte: *Twitter*

Esse enunciado reforça uma suposta diferença metodológica entre ciências humanas e exatas. O uso de “método rigoroso” para se referir às ciências exatas e

“menos rigorosas” para as ciências humanas demonstra uma valoração negativa de já ditos, ainda da ciência moderna, sobre as metodologias das ciências humanas.

Pode-se depreender que o interlocutor está reforçando que o negacionismo contra as ciências humanas é devido às suas metodologias “menos rigorosas”. Ou seja, são menos científicas, logo, podem ser colocadas em dúvida, negadas. Nesse sentido, em desacordo ao que foi dito, outro interlocutor responde:

Figura 48 – T28



Fonte: *Twitter*

Ao dizer que está realizando a pesquisa com “metodologia e rigor atoa”, observou que a resposta é em tom de ironia justamente para ridicularizar o que foi dito pelo outro acerca das ciências humanas, de que não há metodologia rigorosa nessa área. A intenção é justamente enfatizar que há, sim, metodologia e rigor nas ciências humanas, mas o enunciador de T27 desconhece.

Observemos mais um exemplo desse embate discursivo em 2021:

Figura 49 – T29



Fonte: *Twitter*

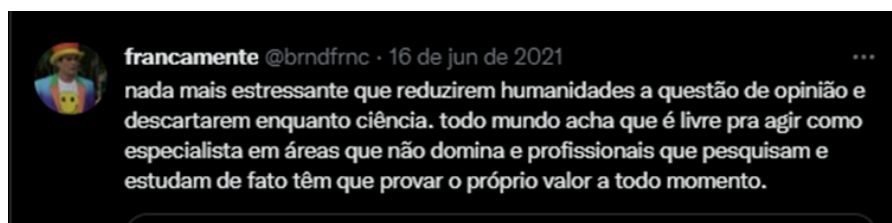
O enunciado é construído representando um diálogo entre o “vocês” e o pesquisador de Ciências Sociais/Humanas. No primeiro momento o “vocês” está se

referindo às pessoas a favor da ciência e coloca em evidência a valorização da ciência por essa camada de pessoas. Porém, quando é o “pesquisador de Ciências Sociais/Humanas que fala” o “vocês” responde “ai meu Deus chegou o/a chato/a!”.

Mais uma vez é evidenciada uma dissonância no discurso de indivíduos que se declaram defensores da ciência. Observou-se que, quando se trata das ciências sociais e humanas, estas são frequentemente desconsideradas como "chatas". Ou seja, pode-se interpretar como inoportunas, desagradáveis, que só “problematizam”, palavra muito utilizada nos debates recentes nas redes sociais e associada aos “chatos”, aos de "humanas" e aos de “esquerda”.

Nesse sentido, o que as ciências humanas têm a dizer não interessa a sociedade, ao debate, aos defensores das outras ciências. Como resposta um interlocutor reforça a crítica acerca de como as ciências humanas são vistas:

Figura 50 -T30



Fonte: *Twitter*

Nesse sentido, também reforça a questão de os profissionais dessas áreas serem desvalorizados e terem que “provar o próprio valor a todo momento”, isto é, reforçar que também possuem uma voz de autoridade no debate científico e que essa voz também tem de ser ouvida.

A seguir, apresentamos os últimos resultados da presente pesquisa, os dados foram coletados do perfil do *Instagram* @historiacabeluda. O responsável pelo perfil é o professor e historiador Gustavo Nassar Gaiofato, o intuito das redes do professor é abordar e debater principalmente conteúdos de História, mas também são abordados conteúdos variados sobre as ciências humanas etc. O perfil no *Instagram* consta com 165 mil seguidores e o do Youtube com 169 mil seguidores. No *Instagram*, são repostados cortes e trechos dos vídeos que são postados primeiramente no Youtube.

O dado elencado é uma imagem de divulgação de um vídeo postado no Youtube pelo historiador. O vídeo se dá em formato de “react”, muitos youtubers realizam esse tipo de conteúdo, ele consiste exatamente em reagir a vídeos de outros youtubers ou produtores de conteúdos e enquanto assistem os vídeos tecem comentários sobre os assuntos abordados etc.

No enunciado consta uma imagem relacionada ao “react” do @historiacabeluda sobre um vídeo do biólogo Átila lamarino. O vídeo no qual o historiador fez o “react” é um em que Átila aborda sobre o tema ideologia, o vídeo tem quinze minutos e o título é “Por que ideologias podem emburrecer”. Em resumo o biólogo aborda a ideologia como uma questão de “sentimento de grupo”, inclusive, quando se trata de questões de interpretação de dados científicos, isto é, a ideologia “atrapalharia” a interpretação das pessoas sobre informações científicas. Nesse sentido, ele coloca como exemplo as pessoas que negavam a vacina por serem da “ideologia da direita”. Na conclusão do vídeo, dá-se a entender que as pessoas não deveriam interpretar informações científicas com “sentimentos ou pensamentos ideológicos”. E de que a própria ciência é “neutra”, ou seja, as pessoas deveriam ser “neutras” na interpretação dessas informações.

O vídeo do Átila abordando o tema da ideologia teve uma expressiva repercussão nas redes. É importante destacar que o vídeo gerou questionamentos por tratar de um assunto relacionado às ciências humanas. O vídeo foi amplamente debatido nas redes sociais digital, inclusive tendo gerado reações e comentários de outros youtubers da mesma área.

Na imagem relacionada ao “react” aparece o rosto do historiador olhando para a imagem do Átila lamarino, há uma frase em cima dos dois rostos que indica a fala de cada um. Acima do rosto do Átila lamarino consta a frase “*A ciência depende dos nossos sentimentos?*” e acima do rosto do historiador há a frase “ta tirando, Átila?”. A frase relacionada à imagem do Átila é uma interpretação do historiador sobre o conteúdo do vídeo.

O rosto do historiador expressa espanto, desconfiança e demonstra sua reação diante da fala do biólogo:

Figura 051– I17

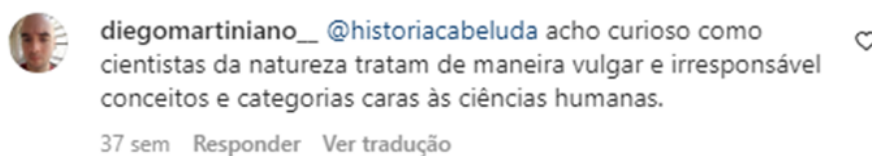


Fonte: *Instagram*

Na legenda da imagem consta a informação de que o “react” foi muito pedido pelos seguidores da página bem como informações sobre o vídeo que seria postado. O enunciado aponta uma crítica acerca do vídeo do biólogo sobre ideologia. Percebe-se nas falas organizadas na imagem que essa crítica se dá principalmente pela forma como o biólogo descreve e aborda essa temática. O “tá tirando, Átila?” pode ser interpretado como uma reação incrédula ao que o biólogo diz sobre ideologia. Ou seja, depreende-se que o enunciador não concorda com a abordagem e tem uma outra posição acerca desse tema.

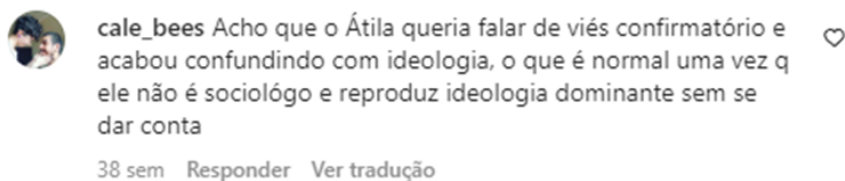
Nas respostas à postagem, observamos algumas posições dos interlocutores:

Figura 52 - I18



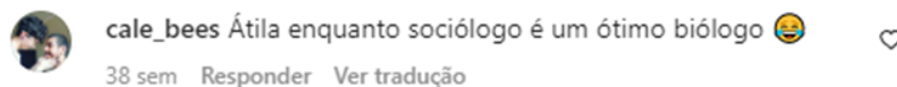
Fonte: *Instagram*

Figura 53 -I19



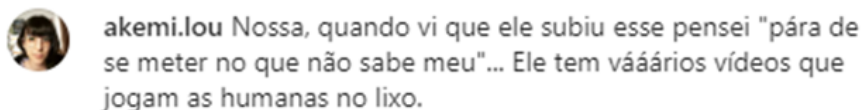
Fonte: *Instagram*

Figura 54 -I20



Fonte: *Instagram*

Figura 55 - I21



Fonte: *Instagram*

Em I18, o interlocutor responde apontando a questão de cientistas da natureza utilizarem conceitos e categorias das ciências humanas de modo vulgar e irresponsável. Percebe-se a intenção de reprovar a fala do biólogo, mas também de reforçar a importância dos conceitos e categorias das ciências humanas de serem aplicados de maneira séria, correta, por exemplo. Ou seja, não são só categorias e conceitos das outras áreas que merecem atenção ao serem utilizados.

Em I19, o enunciador aponta uma possibilidade para a fala do biólogo, ao descrever que ele pode ter confundido “viés de confirmação” com “ideologia” ela argumenta que isso pode ter ocorrido justamente por ele ser biólogo e não sociólogo. Ainda conclui que ele também reproduz a “ideologia dominante”, isso pois transparece na sua fala acreditar que ideologia é ruim, e coisa de alguns. Nesse sentido, depreende-se uma certa ironia do enunciador, visto que na fala do Átila, a intenção era dizer que a

ideologia deveria ser “deixada de lado” e que ela “emburrece as pessoas”, mas ao mesmo tempo ele também é orientado por uma ideologia até na própria produção do vídeo sobre o tema.

O mesmo interlocutor corrobora ainda sua posição em outro enunciado, em I20 ele debocha de Átila lamarino ao dizer que como “sociólogo ele é um ótimo biólogo”, ou seja, a função dele com a área de biologia é ótima, mas na de sociologia é inexistente, visto mesmo que o título dele é em de biologia.

Em I21, outro enunciador também critica a fala de Átila, ainda reforça a posição ao dizer que o biólogo tem “vários vídeos que jogam as humanas no lixo”, isto é, segundo a enunciativa não foi somente no vídeo sobre ideologia, mas pode-se depreender que há vídeos em que outros conceitos ou até as próprias ciências humanas como um todo são abordadas de maneira errônea pelo biólogo.

Nessa posição dos enunciadores “das ciências humanas” observou a intenção de corrigir as posições do biólogo acerca da ideologia. Também pode-se depreender que essas posições têm a intenção de regular, por assim dizer, esse discurso que “é” das ciências humanas, mas que está sendo realizado pela voz e posição de alguém de fora, no caso, o biólogo que não pertence a área. Reiterando que o Átila foi um dos principais porta-vozes “da ciência” ao público no cronotopo pandêmico. Nesse sentido, é ainda mais significativa essa crítica e retomada do que ele diz realizada por esses enunciadores, é uma tentativa de estabelecer um certo protagonismo nesse aspecto em contraposição ao protagonismo de outra área, por exemplo.

Como nos diz Bakhtin (2018):

Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva. Com já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais. (p.140)

Sendo assim, a palavra surge e evolui durante o processo de socialização, que ocorre através da interação entre os indivíduos. Somente após esse processo é que a palavra é incorporada pelo sujeito e se transforma em fala interior. É importante ressaltar

que a palavra é influenciada pelo meio social, emergindo desse contexto e sendo posteriormente integrada ao indivíduo. Como resultado, a palavra é responsável por refletir e moldar as diferentes relações sociais, bem como as mudanças que surgem a partir delas.

Diante desses embates entre os discursos das diferentes esferas, percebe-se que a ciência, que protagonizava o debate não envolvia toda as diferentes áreas, os destaques sempre foram sobre as ciências naturais, ciências da saúde, o que parece óbvio, mas ao mesmo tempo, quando se percebe a atenção demasiada nesse tempo, é certo que as ciências humanas também responderiam ativamente a retomada desses discursos já ditos. Isto é, foram incitadas a responder, como por exemplo nos dados iniciais da seção, I14, I15, I16.

Tanto por isso, os discursos a favor das ciências humanas emergiram, observamos nos demais dados a valoração positiva e de cobrança dos enunciadores a favor das ciências humanas e da sua importância no debate público a favor da ciência.

Esses discursos colocaram em evidência a necessidade dessa área do conhecimento também ser ouvida, de obter relevância na sociedade, de receber atenção, de ser compreendida como uma voz de autoridade nos aspectos que lhe competem, por assim dizer. Requerendo, assim, um espaço também de mérito, relevante no debate público, visto que o discurso a respeito das ciências humanas é frequentemente minimizado na história em relação as demais áreas de prestígio das ciências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para conclusão da presente pesquisa pontuamos algumas considerações finais. Primeiramente enfatizamos que, devido ao incomensurável número de enunciados realizados nas redes sociais, é certo que nesta pesquisa não abarcamos todas as regularidades discursivas sobre a ciência que emergiram nesse cronotopo. Pois é certo que o discurso sobre a ciência no tempo-espaço pandêmico foi extremamente acentuado e é certo que diversos outros discursos puderam contribuir com esse tensionamento, contudo compreendemos que ainda há muito o que ser investigado sobre essas produções no período pandêmico.

Nesse segundo momento, retomamos a perspectiva teórico-metodológica que deu vida à abordagem de investigação dessa pesquisa, nos debruçamos nos pressupostos do Círculo do Bakhtin e na Análise Dialógica do Discurso para a compreensão do **discurso** sobre a Ciência no **cronotopo pandêmico**, bem como nos postulados sociológicos de Boaventura de Souza Santos para compreendermos a ciência enquanto esfera hegemônica imbricada por relações de poder em seus diferentes paradigmas e temporalidades.

Com esse percurso teórico-metodológico, pode-se dizer que os objetivos da pesquisa foram atingidos, isto é, ao investigarmos a **valoração** da esfera ideológica da ciência nesse tempo foi possível observar a emergência de determinadas regularidades discursivas. Nessas regularidades observamos discursos conflitantes, contraditórios e **as relações dialógicas** que deram vida a esse discurso sobre essa esfera.

Nesse aspecto também observamos certos tipos de sujeitos evidenciados por essas produções, isso pois, a forma como a eventicidade da pandemia foi organizada nos discursos sobre a ciência revelou as concepções e posições valorativas desses interlocutores envolvidos na produção desses discursos. Afinal, no cronotopo pandêmico foi inegável a extrema importância da ciência, pois, em primeiro lugar, a pandemia de COVID-19 foi, e ainda é, uma ameaça à saúde pública sem precedentes, e a ciência desempenhou um papel fundamental na compreensão da doença, na identificação de possíveis tratamentos e na criação de uma vacina.

Além disso, no cronotopo pandêmico gerou-se sobre a ciência uma grande quantidade de desinformação assentadas na pós-verdade, o que tornou ainda mais importante a presença de cientistas e especialistas no debate público para fornecer informações precisas e baseadas em evidências. Tem em vista isso, a conjuntura da pandemia destacou a importância do investimento em ciência e tecnologia e da cooperação entre cientistas e países para enfrentar a crise instaurada pelo vírus.

Dessa forma, a eventicidade desse cronotopo e o papel da ciência instigaram essas interações discursivas e revelaram diferentes **posições valorativas** dos diferentes sujeitos participantes desse grande diálogo nesse tempo. Sendo esses sujeitos os cientistas, as figuras políticas, os artistas, personalidades famosas, e demais interlocutores ativos na praça pública das redes sociais, espaço em que buscamos investigar esse discurso.

Essas posições foram importantes pois são fundamentais na construção do sentido dos discursos. De acordo com Bakhtin, todo discurso é influenciado pelas posições valorativas dos sujeitos que o produzem, sendo assim, por ela observamos os modos diversos de expressão no discurso sobre a ciência, visto que nesse discurso estavam imbricadas as diferentes matizes ideológicas, bem como valores, crenças e visões de mundo sobre a esfera científica conforme apresentado na análise de dados.

Do mesmo modo essas posições estavam em constante **diálogo e conflito** com as posições valorativas dos outros sujeitos envolvidos no discurso sobre a ciência. Sendo assim, a partir dessas posições, observamos os sentidos conflituosos e contraditórios acerca desse discurso.

Afinal, diante dessas posições, nas regularidades discursivas entre a verdade da ciência e da pós-verdade, da reivindicação da posição do sujeito cientista, das redes sociais como potencializadoras dos tensionamentos e da disputa entre os campos do saber, que emergiram nesse cronotopo, observamos a acentuação da **refração do signo “ciência”**.

Nessas regularidades, esse mesmo signo foi refratado e imbricado na construção de diferentes sentidos, isto é, o que a ciência significava para as diferentes posições enunciativas e esferas ideológicas nas quais esses sujeitos participavam, afinal, o

significado de um signo não é fixo e estático, mas sim refletido e refratado por meio da interação social.

Ou seja, o signo “ciência” **foi permeado por múltiplas vozes sociais e ideológicas**, que refletiram as diferentes posições valorativas dos sujeitos realizadas no discurso sobre a ciência no cronotopo pandêmico. Essas vozes sociais e ideológicas geraram uma tensão dialética entre o sentido dicionarizado do que o signo “ciência” significa, por assim dizer, e os sentidos assentados em **já-ditos** nessas interações comunicativas na pandemia.

Como exemplos dessa refração do signo, observamos diferentes conotações de sentidos. Nesse aspecto foram imbricados sentidos positivos sobre a ciência enquanto esfera importante para o combate a pandemia. E sentidos contraditórios enquanto esfera de autoridade e que detém a verdade. Ou ainda enquanto esfera hegemônica, pelos sentidos reacentuados nos já-ditos da ciência moderna e da diferença valorativa entre os campos do saber.

E por último, em sentidos de conotações negativas enquanto esfera que “distorceu” a realidade da pandemia, ou seja, sentido refratado assentado na pós-verdade.

Assim, a refração do signo “ciência” foi importante para observarmos os diversos sentidos do discurso sobre a ciência e como este foi constantemente posto em debate na praça pública no cronotopo pandêmico. Isto é, os sentidos do discurso sobre a ciência refletidos e refratados pelas vozes sociais e ideológicas reiteram o campo do discurso enquanto uma arena de lutas, de múltiplas perspectivas e de constante tensionamento de significados e de disputa de sentidos.

Afinal, **o campo do discurso não é neutro**, e não há palavra sem contra-palavra, não há enunciado que não responda a algo e que não exija uma resposta. O discurso é um embate de vozes, uma arena de disputa de sentidos, porque todo discurso realizado numa dada interação social se dá pelo tensionamento das diversas vozes, das expressões, das avaliações dos enunciadores em determinado contexto social e histórico.

As vozes que expressaram o discurso sobre a ciência estavam, e sempre estarão, em constante conflito e negociação no curso da comunicação verbal, e cada uma dessas

vozes buscou impor sua avaliação e sua 'verdade' sobre as demais. Pois o discurso, enquanto arena de tensionamento de sentidos, é onde se travam as batalhas para que as posições dos interlocutores sejam ouvidas, levadas em consideração, aceitas como verdadeiras. Pois, como nos diz Bakhtin:

Minha palavra e minha voz, nascidas da palavra do outro ou dialogicamente estimuladas por ela, mais cedo ou mais tarde começam a libertar-se do poder dessa palavra alheia. Esse processo se complexifica pelo fato de que as diferentes vozes dos outros entram em luta pela consciência do indivíduo (assim como lutam na realidade social circundante) (2015, p.143).

Em suma, a análise dialógica do discurso ancorada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin nos proporcionou uma compreensão mais profunda das práticas discursivas do cronotopo pandêmico. Enfatizando assim a importância do signo ideológico 'ciência' nesse tempo de pandemia.

Por fim, ao reconhecer que o discurso sobre a ciência foi tensionado pelas diferentes vozes e valorações que compuseram o cronotopo pandêmico, esperamos que a presente pesquisa tenha contribuído com este grande diálogo do discurso sobre a ciência, afinal, também foi realizada e atravessada pela eventicidade desse cronotopo. Esperamos que essa contribuição seja significativa para a compreensão de como a esfera ideológica da ciência foi valorada e dialogizada de maneiras distintas nesse tempo, potencializando assim o tensionamento de discursos sobre essa esfera e evidenciando o dissenso, a contradição, a polarização discursiva ininterrupta nesse momento histórico de crise sanitária mundial causada pelo vírus da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; BRAIT, Beth. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em (Dis)curso**. LemD, Tubarão, SC, V.20, n.1, p.125-141, jan./abr. 2020.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo, ROHLING, Nívea. Ideologia e Valoração/Avaliação Social: revisitando conceitos na perspectiva dialógica. **Caminhos em Linguística Aplicada**. Taubaté, SP v. 23 n. 2 p. 15-35 2o sem. 2020.

ALVES, M. da P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos / the classroom chronotope and discourse genres. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305–322, 2012. DOI: 10.5216/sig.v.24i2.19172. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/19172>. Acesso em: 5 fev. 2022.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 95-114.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002. [1963]

BAKHTIN, Mikhail, 1895-1975. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª Ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

Bakhtin, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística** – São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição). 256p.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora, v. 34, p. 1975, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. 2018 - São Paulo: Editora 34, (1ª edição) 272p., 2018.

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Orçamento da pesquisa científica perdeu mais de R\$ 80 bilhões nos últimos sete anos. Câmara dos Deputados, 07 abr. 2021. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/883070-orcamento-da-pesquisa-cientifica-perdeu-mais-de-r-80-bilhoes-nos-ultimos-sete-anos/>.

CARVALHO, R., CARVALHO, R., & ZAGNI, R. M. EM GUERRA E SEM ARMAS: a pandemia mundial e o desmonte das ciências no Brasil. **Confluências: Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito**, v. 22 n.2, 2020. p. 107-130. Disponível em; <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/43046>. Acesso em: 10 out. 2022.

CUNHA, Simone Evangelista; GARCIA, Marcelo. O tempo do medo versus o tempo da ciência: disputas discursivas sobre a epidemia de vírus Zika e microcefalia no Brasil. **Comunicação e sociedade**, n. 35, p. 93-112, 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

EIIAS, Denise. CNPq e a genealogia de um desmonte. **Revista Entre-Lugar**, v.12 n.24, p. 389–394, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/15319>. Acesso em: 10 out. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo [recurso eletrônico]: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin / Carlos Alberto Faraco**. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016. 239 p.

GARCIA, Marcelo; CUNHA, Simone Evangelista; OLIVEIRA, Thaianne. Regimes de verdade na pandemia de Covid-19: discursos científicos e desinformativos em disputa no Youtube. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 104-117, 2021.

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

PINTO, Á. V. A questão da universidade. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

RAMALHO, Vagner Gomes. O BRASIL DO NEGACIONISMO: uma análise da disputa entre pós-verdade e ciência. **O Manguezal: Crise da verdade e crítica da pós-verdade**, Sergipe, v. 1, n. 5, p. 53-74, jun. 2020. Semestral.

RECUERO, Raquel. **A Conversação Em Rede: Comunicação Mediada Pelo Computador e Redes Sociais Na Internet – Porto Alegre: Sulina, 2. ed, 2014.**

RODRIGUES, R. H. Os Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do círculo de Bakhtin. In: Adair Bonini; José Luiz Meurer; Désirée Motta Roth. (Org.). **Gêneros: teoria, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005, p. 152- 183.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11815>. Acesso em: 28 jan. 2022.

ROHLING, Nívea. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas. **Revista Fórum Linguístico**. n. 4, v. 17, 2020, p. 5221-5237.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da sociologia da ciência à política científica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n1, 1978. P. 11-56

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 1989. 176p.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, p. 3-46, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SEIS capitais têm mais de 80% de lotação de UTIS para Covid-19. **Folha de São Paulo**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/seis-capitais-tem-mais-de-80-de-lotacao-de-utis-para-covid-19.shtml>. Acesso em: jul, 2022

SENA JÚNIOR, C. Z. de. Obscurantismo e anticientificismo no brasil bolsonarista: anotações sobre a investida protofascista contra a inteligência no Brasil. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 21–49, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/1987>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Nívea Rohling da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunção, enquadramento e valoração do discurso do outro**. Dissertação de Mestrado. UFSC. 2007. p.237.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da Enunção e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p.173.